

ANA CELESTE ALVES CASULO

**O MAL-ESTAR NA ERA DA BARBARIE SOCIAL:
A subjetividade do motorista de aplicativos**

ASSIS

2022

ANA CELESTE ALVES CASULO

**O MAL-ESTAR NA ERA DA BARBARIE SOCIAL:
A subjetividade do motorista de aplicativos**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Matheus Fernandes de Castro

Bolsista: CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ASSIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

C355m	Casulo, Ana Celeste Alves O mal-estar na era da barbárie social: a subjetividade de motoristas de aplicativos / Ana Celeste Alves Casulo. Assis, 2022. 198 p. : il. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Dr. Matheus Fernandes de Castro 1. Capitalismo. 2. Uberização. 3. Proletarização. 4. Emprego precário. 5. Sofrimento - Aspectos psíquicos. I. Título.
-------	---

CDD 331.1



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ANA CELESTE ALVES CASULO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 01 dias do mês de setembro do ano de 2022, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ANA CELESTE ALVES CASULO, intitulada **O MAL-ESTAR NA ERA DA BARBARIE SOCIAL: A subjetividade do motorista de aplicativos**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MATHEUS FERNANDES DE CASTRO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL Assis, Prof. Dr. JOSÉ MENELEU NETO (Participação Virtual) do(a) UECE/Itaperi, Prof. Dr. JOSE ROBERTO MONTES HELOANI (Participação Virtual) do(a) UNICAMP/FE-Campinas. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. MATHEUS FERNANDES DE CASTRO

A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: 'eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize'.

Antônio Candido

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de aperfeiçoamento pessoal de nível Superior (CAPES)- Brasil código de financiamento 001.

A Matheus de Castro pela humanidade e parceria intelectual.

A banca pelas contribuições

A Giovanni, por amor.

CASULO, Ana Celeste Alves. O mal-estar na era da barbárie social: A subjetividade de motoristas de aplicativos f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2022.

RESUMO

Este trabalho é uma análise na perspectiva “crítica” e “psicanalítica” sobre a “subjetividade do trabalhador precarizado”, desvendando principalmente os mecanismos “ideológicos” de “conformidade social”, a interrogação que possibilitou a presente pesquisa foi: O que faz com que o trabalhador mesmo em uma situação de extrema precariedade mantem-se conformado diante da injustiça social, por ele sofrida? É importante também deixar registrado que não tenho a pretensão de formular uma teoria subjetiva da precariedade (devido ao tempo e a pandemia), mas apenas contribuir com a discursão sobre a subjetividade dos motoristas de aplicativo, em um tempo histórico da barbárie social.

Palavras-chave: Motorista, Barbárie Social, desefetivação.

CASULO, Ana Celeste Alves. The malaise in the age of social barbarism: The subjectivity of app drivers f. Dissertation (Academic Master in Psychology). – Faculty of Sciences and Letters, São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2022

ABSTRACT

This work is an analysis in the "critical" and "psychoanalytic" perspective on the "subjectivity of the precarious worker", revealing mainly the "ideological" mechanisms of "social conformity", the question that made this research possible was: What makes Does the worker, even in a situation of extreme precariousness, remain resigned to the social injustice suffered by him? It is also important to note that I do not intend to formulate a subjective theory of precariousness (due to time and the pandemic), but only to contribute to the discussion about the subjectivity of app drivers, in a historical time of social barbarism.

Keywords: Driver, Social Barbarism,

LISTA DE FIGURAS

1. FIGURA	Conta digital elo para motoristas de aplicativos.....	19
2. FIGURA	Dividas com a plataforma	19
3. FIGURA	Divida com a Plataforma II	19
4. FIGURA	A venda de criptomoedas	20
5. FIGURA	Manipulação dos trabalhadores da Gig Economy.....	59
6. FIGURA	Hostilidade.....	61
7. FIGURA	O sistema de administração do caos.....	62
8. FIGURA	Taxistas protestando em Marshella.....	63
9. FIGURA	Consciência contingente.....	64
10. FIGURA	Rivalidades.....	65
11. FIGURA	Consciencia contigente x competitividade.....	66/67
12. FIGURA	Alienação.....	68
13. FIGURA	Alienação II.....	68
14. FIGURA	Medo do comunismo.....	68
15. FIGURA	Consciencia contigente II.....	69
16. FIGURA	Pé-de-rato I.....	71
17. FIGURA	Pé de rato li.....	75
18. FIGURA	Pé-de-rato iii.....	76
19. FIGURA	Pé-de-rato iv.....	76
20. FIGURA	Xerecard.....	83
21. FIGURA	Símbolo do batalhão de elite da policia militar brasileira”	106
22. FIGURA	Carteirinha do estigma social.....	110
23. FIGURA	Empreendedorismo do uberizado.....	112
24. FIGURA	Sobrevivencialismo.....	113
25. FIGURA	A batalha espiritual.....	114
26. FIGURA	Cristianismo e armas i.....	118
27. FIGURA	Cristianismo e armas ii.....	120
28. FIGURA	Cristianismo e armas iii.....	120
29. FIGURA	Empreendedorismo.....	122
30. FIGURA	Positividade I.....	132
31. FIGURA	Positividade II.....	133
32. FIGURA	Empreendedorismo de si	134

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1: Evolução do número de pessoas ocupadas no setor de transportes de passageiros e de mercadorias trabalhando no regime de conta própria.....	24
Gráfico 2 Evolução do quantitativo de trabalho da Gig Economy no setor de transporte.....	26
Gráfico 3 - tendência da queda da taxa de lucro.....	28
Gráfico 4 Vida reduzida.....	32
Gráfico 5“ vida reduzida 2”.....	33
Gráfico - 6 religião.....	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – CAPITALISMO ENQUANTO FORMAÇÃO SOCIAL.....	07
1.1 A crise do capitalismo global e o neoliberalismo.....	10
1.2 Capitalismo de plataforma.....	14
1.3 Plataformização e precarização do trabalho.....	26
CAPÍTULO II - A SUBJETIVIDADE DOS MOTORISTAS “UBERIZADOS.....	30
2.1 “Uberland:o documentário.....	31
2.2 Adelson e a vida reduzida a tempo de trabalho.....	31
2.3 Tiago e o ressentimento social ”.....	35
2.4 Mauro, o empresário de si.....	39
2.5 Carla e a submissão ao D(eus) mercado.....	41
2.6 Os diários dos motoristas.....	46
2.7 O risco de assaltos: O horror é o outro.....	59
2.8 Homo homini lúpus- o homem é o lobo do homem.....	56
2.9 A manipulação dos pobres diabos.....	56
2.10 Vlogueres: da precariedade espetáculo ou “o circo dos horrores”	72
CAPÍTULO III – A SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL E O CONTROLE DO TEMPO.....	87
3.1 Barbárie social e pulsão de morte.....	93
3.2 As ideologias da barbárie social.....	109
3.3 A ideologia do empreendedorismo.....	109
3.4 Ideologia da teologia da prosperidade.....	116
3.5 Ideologia do toyotismo.....	122
3.6 A Ideologia da positividade.....	130
3.7 A dessubjetivação de classe: a produção destrutiva das ideologias da barbárie.....	138
3.8 A desefetivação humano genérico e a contestação depressiva do motorista de aplicativos.....	140
3.9 A desefetivação humano genérico e aprisionamento traumático ou o motorista ressentido.....	142
3.10 Medos e Esperança os dois afetos dos motoristas de aplicativos	152
CONCLUSÃO.....	148
REFERÊNCIASBIBLIOGRÁFICAS.....	157

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma análise na perspectiva “crítica” e “psicanalítica” sobre a “subjetividade do trabalhador precarizado”. A interrogação que possibilitou a presente pesquisa foi: O que faz com que o trabalhador, mesmo em uma situação de extrema precariedade mantenha-se conformado diante da injustiça social por ele sofrida? É importante também deixar registrado que não tenho a pretensão de formular uma teoria subjetiva da precariedade (devido ao tempo e a pandemia), mas apenas contribuir com a discursão sobre a subjetividade dos motoristas de aplicativo, em um tempo histórico da barbárie social. Entendemos por barbárie social, o processo de desefetivação do ser humano genérico em consequência do processo de precarização da vida e do trabalho. O meu interesse sobre a subjetividade na experiência de precarização, nasceu a partir das demandas que surgiram na minha atuação clínica em saúde mental durante os 16 anos em que atuei como psicanalista no Caps III- Reviver e no Pronto Socorro em Saúde Mental-hospital doutor Edgley, ambos situados no município de Campina Grande - PB. Para investigar, as experiências da precariedade laboral dos motoristas de aplicativos, realizamos um resgate das suas narrativas referentes à vida e trabalho. A partir das narrativas pessoais foi possível investigar as dimensões da precarização subjetiva ou precarização da vida, resultante da nova morfologia do trabalho no capitalismo de “plataformas”, em um tempo histórico que transcorre da grande recessão do governo Dilma Rousseff período de 2015 (chegada dos aplicativos do Brasil) até o ano 2020 (primeiro ano da pandemia do Covid-19).

O trabalho dos motoristas de transporte individual com aplicativos que utilizam a plataforma de trabalho sob demanda é parte do novo mundo da laboralidade: a denominada “economia de bicos” que surge em 2010, com a crise do capitalismo global. Compreende-se por “economia de bicos”, todo e qualquer trabalho de prestação de serviços, sem contrato de trabalho ou carteira assinada, portanto, sem direitos trabalhistas. Ela inaugura as novas formas de trabalho consideradas por alguns autores como sendo a “nova informalidade”¹ que gira em torno atividades de prestação de serviços e suas tecnologias disruptivas. As ditas “empresas disruptivas” surgiram com a crise de 2008, a explosão da bolha imobiliária que agudizou a crise do capitalismo global. O motivo da escolha deste objeto de

¹ Alves (2021) considera isso como sendo uma forma da “nova precariedade salarial”.

pesquisa se deve ao fato da “categoria” de motorista de aplicativo, representar o melhor exemplo do processo histórico de subjetivação da barbárie social ou sociometabolismo² da barbárie. Isso porque uma parte dos “profissionais” da “categoria” é oriunda de uma parte da “classe média” que foi miserabilizada (ALVES, 2009; BIRMAN, 2006). Ela é constituída, por exemplo, por trabalhadores aposentados, desempregados, comerciantes falidos ou em dificuldades profissionais que buscam renda-extra, estudantes de graduação e pós-graduação desempregados etc. A grande parcela de motoristas de aplicativo envolvem-se com o trabalho “uberizado”³ com a esperança em tornar-se “empresário de si”. De certo modo, o que liga a maioria dos motoristas de aplicativo é o fato deles serem trabalhadores desprofissionalizados empobrecidos, precários e flexíveis que acreditam que o trabalho com aplicativo pode fazê-los abandonar a condição de trabalhadores assalariados.

Para investigar a precariedade laboral dos motoristas de aplicativos, utilizamos a categoria de “experiência” de E. P. Thompson como ponto de partida visando compreender, as mudanças do modo de vida e trabalho dos “uberizados” e buscando compreender as transformações da subjetividade da pessoa-humana que trabalha inserida na nova forma de precariedade salarial. É importante deixar claro que E.P Thompson utilizou as categorias de “experiência vivida” e “experiência percebida” no livro “A formação da classe operária inglesa”, publicado em 1963. Entretanto, utilizamos tais categorias de Thompson exclusivamente, com o objetivo de compreender a “experiência de classe” da fração de trabalhadores das plataformas de trabalho sob demanda, os ditos “uberizados”, destacando entre eles, os motoristas de transporte individual de aplicativo.

Atualmente, a ofensiva ideológica do capitalismo global modificou profundamente a “experiência percebida” da classe trabalhadora, sobretudo da fração de trabalhadores que é o nosso objeto de pesquisa: os motoristas de aplicativos. Isso se deve ao fato que a precarização das condições de trabalho somada com as ideologias; do empreendedorismo, da positividade, toyotismo, neopentecostalismo, toyotismo alterou de forma significativa a subjetividade de

² Sociometabolismo corresponde ao elemento totalizante das relações sociais estabelecidas entre o trabalho vivo e o capital produzindo ideologias, crenças, valores e normas sociais que exercem o controle e funcionamento da sociedade.

³ Utilizamos a expressão “uberizado” para designar trabalhadores de plataformas sob demanda (entregadores e motoristas de aplicativo).

classe, característica do capitalismo de plataforma em que predomina a produção destrutiva do trabalho vivo, instalando o que designamos como sendo a nova ordem da barbárie social (MEZAROS, 2011; ALVES, 2018). Tivemos dificuldades para coletar dados tendo em vista a pandemia do novo coronavírus. Por isso, fomos obrigados a fazer alterações na forma de coletar dados para a pesquisa. Ao invés de realizar as entrevistas presenciais com motoristas, recorremos a entrevistas virtuais por meio das ferramentas de interação à distância fornecidas, por exemplo, pela Google (como o *google meet*).

No início da pandemia em 2020, nos questionamos “onde encontrar motoristas que estariam dispostos a dar uma entrevista pela internet?”. Tivemos muitas dificuldades tendo em vista o ritmo de vida e trabalho altamente acelerado dos motoristas de aplicativo. O fato dos motoristas de aplicativos se negarem a dar entrevista, se deve ao fato de que eles não queriam perder tempo. A vida deles está reduzida a tempo de trabalho estranhado. Participar de uma entrevista significaria deixar de estar ganhando dinheiro, no momento da entrevista. Percebemos que a recusa, consistia em um sintoma da precariedade subsalarial e das condições de trabalho que não permitia que esses trabalhadores pudessem participar de outra atividade. Para os motoristas de aplicativos participarem de alguma atividade, extra trabalho por aplicativo, significava uma perda de tempo e, sobretudo a descrença da população em relação à pesquisa e à extensão, produto direto do anti-intelectualismo⁴, predominante na cultura brasileira. Então, diante do cenário descrito, resolvemos oferecer atendimento psicológico gratuito, aos motoristas de aplicativo, de modo que fosse possível transformar os atendimentos em estudos de caso. Todavia, essa tentativa também se mostrou infrutífera, pois, eles não queriam “perder tempo” nas palavras dos motoristas, *com bobagens psicológicas*. Mais uma vez se fez presente à extrema precariedade que essas pessoas estão inseridas, se um atendimento terapêutico é o encontro do sujeito com seu próprio desejo podemos interpretar a recusa como sendo a recusa ao próprio desejo. O capitalismo reduz a pessoa humana às necessidades imediatas de sobrevivência (o que Marx denomina “desefetivação do trabalhador”).

Durante a observação do nosso objeto de pesquisa se destacou a degradação do trabalho e da vida dos motoristas “uberizados”, sobretudo com a falta

⁴ É um fenômeno caracterizado pela aversão à intelectualidade, ao pensamento crítico e erudito, às grandes formulações científicas, à presença dos intelectuais e a seu ofício.

de reação coletiva deles, frente à humilhação social e a degradação do trabalho. A partir daí, compreendemos os fundamentos do sociometabolismo da barbárie nas condições do capitalismo de plataforma.

Mas, tendo em vista a dificuldade de realizar entrevistas presenciais e diretas, optamos pela netnografia, como fonte de coletas de dados dos documentos virtuais, como vídeo documentário, conversas em grupos de Facebook, Whatsapp de diários pessoais de motorista (os denominados Vloggers⁵). Analisamos por meio de documentos virtuais narrativas a respeito de algumas experiências de vida e trabalho de motoristas de aplicativo publicizados na Internet. Fizemos também a análise das narrativas dos sujeitos “uberizados” no vídeo documentário intitulado “Uberland”⁶, de Giovanni Alves (Práxis vídeo, 2020), utilizando o “método Tela Crítica/Cine Trabalho” exposto em ALVES, (2014). O vídeo documentário “Uberland” foi realizado por meio de entrevistas narrativas na cidade de Marília (SP) em 2019. Nele motoristas de aplicativos contaram suas histórias de vida e histórias do trabalho. Na análise procuramos respeitar a estrutura da composição da narrativa de vida e do trabalho dos sujeitos, buscando apreender a posição deles em face dos problemas da sociedade.

Além da netnografia conseguimos realizar algumas entrevistas, pois, tendo em vista o aprofundamento da crise do trabalho por aplicativo, os motoristas começaram a procurar a pesquisadora para conceder entrevista, como uma forma de denunciar as empresas de aplicativos. Durante as entrevistas ficaram evidente formas de mal-estar subjetivo na forma de sofrimentos e sintomas que caracterizam a era da barbárie social.

De acordo com Poggio (2015), escutar as narrativas de sujeitos é uma modalidade para coletar histórias de forma mais natural. A escuta faz parte do método psicanalítico, sendo a maneira particular para se estudar e compreender a construção ficcional da realidade a partir da história de vida/história do trabalho. É por meio da “fala” que o sujeito se torna capaz de se colocar dentro de uma realidade histórico-social; e é a partir da perspectiva do sujeito individual que dialeticamente se manifesta a classe, a etnia e a cultura; ou seja, a individualidade

⁵ Diários em forma de vídeo compartilhados pelos motoristas e publicizados no *Youtube*.

⁶ALVES, G. Projeto CineTrabalho (Práxis vídeo) Youtube. 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ehj7lInZ2Gw>. 2020. Dia de acesso: 11/12/2020.

traz a universalidade, na medida em que a universalidade na sociedade burguesa é individual, pois a categoria de sujeito individual pertence à modernidade burguesa.

Os sujeitos da nossa análise, por exemplo, nos vlogger, se apresentam como um personagem de sua própria vida, em um tipo de afastamento da sua própria realidade objetiva. Isto, significa dizer que ocorre uma formação específica da consciência do sujeito “uberizado” na internet.

Na “Introdução” fizemos uma pequena abordagem sobre a natureza do neoliberalismo e do capitalismo global e as mudanças tecnológicas que deram origem ao capitalismo de plataforma. Depois, tratamos de modo breve, das alterações morfológicas do trabalho no começo do século XXI, expondo suas causas objetivas na economia política do capital que afetam diretamente o trabalho vivo. É na temporalidade histórica de desenvolvimento e crise do capitalismo global que localizamos o processo de subjetivação neoliberal e a produção e reprodução da barbárie social.

No Capítulo 1, tratamos do tema que deve percorrer nossa dissertação: a subjetividade neoliberal e as formas da barbárie social, apreendidas através do trabalho dos motoristas “uberizados”. De 1990 até 2021, os períodos de desenvolvimento da sociedade neoliberal no Brasil e da crise do capitalismo global ocorreram mudanças significativas na objetividade e subjetividade do mundo do trabalho. Fizemos referência à crise estrutural do capital e as transformações da subjetividade do trabalho vivo buscando delinear as ideologias da barbárie social e suas repercussões no processo de subjetivação na era que estamos denominando de barbárie social. No Capítulo 2, intitulado “A subjetividade dos motoristas de aplicativo”, descrevemos a economia psíquica da barbárie social para entender a subjetividade dos motoristas “uberizados”. Fizemos isso por meio da análise de dois documentos: (1) o documentário “Uberland” e (2) os diários virtuais (vloggers) de motoristas de aplicativo expostos no YouTube. As modificações do sociometabolismo do capital⁷ dizem respeito à produção da subjetividade do trabalho vivo, uma vez que a subjetividade é construída a partir de um conjunto de experiências vividas e percebidas das pessoas que trabalham.

⁷ O sociometabolismo do capital corresponde ao elemento totalizante das relações sociais estabelecidas entre o trabalho vivo e o capital, produzindo deste modo, ideologias, crenças, valores e normas sociais que exercem o controle e funcionamento da sociedade. (MESZAROS, I. *Para Além do Capital*. São Paulo. Boitempo. 2002).

Concluimos a dissertação com um Capítulo 3, onde discutiremos – a partir de dados da documentação exposta acima – a problemática do trabalho dos motoristas de aplicativo, a barbárie social e as novas formas de mal-estar.

CAPITULO I

1.0 O CAPITALISMO ENQUANTO FORMAÇÃO SOCIAL

Para entender o nosso objeto de estudo - a subjetividade do motorista de aplicativo – começaremos localizando historicamente os sujeitos da pesquisa. Visto que se faz candente compreender a natureza da sociedade burguesa do capital. Entendemos a subjetividade, como um processo dinâmico do sujeito com o seu tempo histórico, sendo resultado direto das mediações de segunda ordem ⁸do metabolismo do capital (MÉSZÁROS, 2006). A nova forma de degradação da sociedade burguesa do capital denomina-se sociometabolismo da barbárie (ALVES, 2011). O sociometabolismo da barbárie é um processo interior do próprio sistema capitalista como o produto das contradições não resolvidas do modo de produção capitalista que tem por característica a ruptura do tecido social (MÉSZÁROS, 2006; PELLEGRINO, 1983, JUNIOR, 2021).

A sociedade burguesa do capital é organizada em torno da produção e circulação de mercadorias, com o objetivo de promover a acumulação de riqueza abstrata na forma do lucro. É o movimento de transformação do modo de produção capitalista que engendra as mudanças na estrutura da classe trabalhadora. Para E. P. Thompson, a experiência de classe e a sua divisão social ocorre a partir do desenvolvimento das forças produtivas:

A experiência de classe é a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento (THOMPSON, 1981, p.15,).

A sociedade capitalista tem em sua essência, a mercantilização universal da vida em todos os seus aspectos. Tal, fenômeno social foi denominado pelo filósofo húngaro György Lukács⁹ de “reificação”. O capitalismo reduz trabalho vivo à força de

⁸ O sistema do sociometabolismo do capital é poderoso e abrangente, tendo seu núcleo constitutivo. Formado pelo tripé capital, trabalho e Estado, sendo que estas três dimensões fundamentais do sistema são materialmente constituídas e inter-relacionadas e é impossível superar o capital sem a eliminação do conjunto dos elementos que compreende este sistema”. (ANTUNES, R. In: MÉSZÁROS, 2002, p. 16).

⁹ Foi um filósofo e historiador literário húngaro. Como crítico literário, Lukács foi especialmente influente, sendo reconhecido como o precursor dos estudos sociológicos da literatura ficcional. Ele adotou uma perspectiva que coloca a obra de arte em seu contexto social e histórico e que se esforça para reconstruí-la e analisá-la.

trabalho e, por conseguinte, tempo de vida a tempo de trabalho estranhado. Por “trabalho estranhado” entendemos o trabalho capitalista, onde o operário ou o trabalhador está alienado dos meios de produção da sua vida (alienação objetiva dada pela propriedade privada). Isto, constitui o elemento primordial das contradições¹⁰ do sistema capitalista (IANNI, 1982). Para manter a alienação da classe trabalhadora, o capital opera também a autoalienação, fazendo a disputa ideológica de modo que o trabalhador passe a rejeitar a propaganda política emancipatória radical de classe. O domínio e submissão às leis do mercado e a auto exploração tem um viés consensual seja, por medo e/ou manipulação como nos explica Žižek, a respeito da desarticulação da classe trabalhadora pela mídia hegemônica:

É por isso que, por definição, a propaganda inimiga contra a política emancipatória radical é cínica, não no sentido simples de acreditar em suas próprias palavras, mas num nível básico: ela é cínica na medida em que ela acredita nas suas próprias palavras, já que sua mensagem é a convicção resignada de que o mundo em que vivemos, ainda que não seja o melhor dos mundos possíveis, é o menos ruim, de modo que qualquer mudança radical só pode piorar a situação. Como sempre acontece com propagandas eficientes, essa normalização pode ser facilmente combinada com o seu oposto, lendo-se a crise econômica em termos religiosos (ŽIŽEK, 2009, p 35).

O capitalismo opera em três esferas: a produção, a circulação e o consumo com a venda das mercadorias onde se realiza o lucro (MARX, 2010). Com isso, o capital produz e reproduz o sistema de exploração e do lucro tendo como resultado, um sociometabolismo estranhado que envolve toda a sociedade e converte todos os sujeitos em trabalhadores/consumidores. O capital é uma relação social de produção:

As relações sociais de produção alteram-se, transformam-se com a modificação e o desenvolvimento dos meios materiais de produção, das forças produtivas. Em sua totalidade, as relações de produção formam o que se chama de relações sociais, a sociedade, e, particularmente, uma

Defensor feroz do realismo na literatura repudiou o modernismo encarnado por autores como Kafka, Joyce ou Beckett. Em 1919, foi nomeado ministro da Cultura húngaro do governo da República Soviética da Hungria (entre março e agosto de 1919). Ele ainda foi agraciado postumamente com o Prêmio Goethe. Lukács é amplamente descrito como o mais proeminente intelectual marxista da era stalinista

¹⁰ As contradições do capital correspondem ao produto da alienação provocada pela relação entre o trabalho vivo e a acumulação das riquezas concentrada nas mãos do capitalista. (ALVES, G. O trabalho envelhecido. As contradições metabólicas do capital no século XXI. Marília-SP. Editorial: RET. 2021)

sociedade num estágio, determinado de desenvolvimento histórico, uma sociedade feudal, a uma sociedade burguesa são conjuntos de relações de produção desse gênero, e, ao mesmo tempo, cada uma delas caracteriza um estágio particular de desenvolvimento histórico da humanidade (MARX, 1963, p. 32-34).

Para Marx, os fenômenos sociais do capitalismo são fenômenos totalizantes e totalizadores, dos quais se sobressaem o econômico e o político como duas manifestações das condições objetivas de uma determinada época histórica. A economia psíquica é produzida e reproduzida em determinadas condições materiais. Entretanto, a materialidade concreta do capital produz as condições objetivas a partir das quais se manifestem os sintomas das subjetividades do trabalho num determinado período histórico. Em uma sociedade capitalista, todos estão envolvidos direta ou indiretamente, na construção da ordem burguesa baseada acumulação, na exploração, espoliação dos sujeitos despossuídos dos meios de produção. Como salientamos acima, o modo capitalista de produção, reifica as relações sociais, transformando pessoas em coisas e coisas em pessoas em âmbito nacional e mundial, ao mesmo tempo em que desenvolve as suas contradições de sistema do lucro:

O capital não é, portanto, somente uma soma de produtos materiais, é também, uma soma de mercadorias, de valores de troca, de grandezas sociais (MARX, 1963, p.34,).

A troca de grandezas sociais consiste na relação fetichizada entre os homens, que tomam as partes pelo todo¹¹, em que a forma-mercadoria produz a ocultação das relações sociais de produção do capital. Isso significa dizer que, o fetichismo enquanto forma de consciência social, equipara “naturalmente” diferentes mercadorias a um determinado valor de troca. A forma-mercadoria contém contradições sociais das relações de produção. Já em relação ao inconsciente a forma –mercadoria é o substituto do processo de expropriação do objeto do trabalho. Uma sociedade fetichizada pela forma-mercadoria é uma sociedade que nega a todo custo a angustia e a incompletude existencial. Substituindo os conflitos por objetos substitutos de modo a ocultar a realidade objetiva das relações sociais de poder. Mas na medida em que o capitalismo se desenvolve e as forças produtivas se expandem e se aprimoram, criam-se forças destrutivas que se desenvolvem no

¹¹ Em se tratando do inconsciente o fetiche representa uma metonímia do desejo, ou seja, o objeto causa do desejo é obstruído por uma mercadoria, dificultando que o sujeito possa entrar em contato com o seu desejo.

tempo-espaço da Natureza. Eis a contradição principal do capitalismo, onde a sua expansão representa também a sua destruição – isto é, a destruição da Natureza (trabalho vivo, incluindo a subjetividade e o meio-ambiente).

Na atual fase de desenvolvimento do capital, as forças destrutivas tornam-se o elemento central do seu movimento, embora seja importante reconhecer que o capitalismo foi um meio histórico muito importante para a sua reprodução e ampliação civilizacional, ao ponto de transformar-se num sistema global capaz de produzir e de ocultar sua violência sistêmica. Com o acúmulo das contradições do modo de produção capitalista, ocorreu à passagem da “criação destrutiva” para a “produção destrutiva” que tem repercussões, sobretudo na subjetividade do trabalho vivo, sendo esta à nova ordem do dia do século XXI (MÉSZÁROS, 2001).

1.1 A Crise do Capitalismo Global e o Neoliberalismo

A crise do capital no século XXI é um novo período histórico que possui características próprias, produzindo novas experiências de existências estranhadas (sofrimento, sintomas e mal-estar) é o que denominamos sociometabolismo¹² da barbárie social. A crise faz parte do funcionamento normal do sistema capitalista, em outras palavras, a crise é decorrência da interioridade do próprio sistema, visto que o capitalismo é um sistema afetado de negação (FAUSTO, 2000). Não iremos discutir aqui as teorias marxistas que explicam todas as crises do capitalismo. Contudo nos interessa salientar aquilo que alguns autores denominam “crise estrutural do capital” (MÉSZÁROS, 2002; ALVES, 2018; KURZ 2018; CORSI e ALVES, 2021); ou crise estrutural do capitalismo global, como sendo um período histórico que expressa os limites internos estruturais do capital ou da produção do mais-valor. Estamos considerando nesta pesquisa a existência de três momentos que determinaram os rumos da longa depressão do capitalismo global:

Existem três momentos determinantes para o capitalismo que desencadeou na grande crise do capitalismo que foi em 1970 (choque de neoliberalismo), 1990 (Crise do petróleo), 2008 (estouro da bolha imobiliária) esses marcos históricos, foram fatores determinantes para o surgimento da economia digital e a maneira de como a nova economia do capitalismo impactou trazendo novas consequências para empresas e para trabalhadores (CASULO e CASTRO, 2021, p 15)

¹² Sociometabolismo corresponde ao elemento totalizante das relações sociais estabelecidas entre o trabalho vivo e o capital produzindo ideologias, crenças, valores e normas sociais que exercem o controle e funcionamento da sociedade.

Aqui vale desenvolver a ideia de como a grande crise do capitalismo nas décadas de 1970 e 1980 aprofundaram a problemática da crise civilizatória, sobretudo nos países periféricos. As crises no modo de produção capitalista são provocadas pelos seus próprios fundamentos materiais, podendo ser compreendida como uma “normalidade” do sistema que entra em crise para resolver suas contradições sociais, porém podendo torna-se inviável as suas resoluções pelos mais diversos motivos que vão desde conflitos de interesses até pontos de inflexão que impossibilitam saídas dentro da ordem do capital tal inviabilidade é denominada barbárie social. O capitalismo é um sistema que nega a si próprio, pois, na medida em que ele usa a força de trabalho para se autovalorizar. Mantendo o sistema do lucro, ele precariza – objetiva e subjetivamente - a força de trabalho. Em suma é possível dizer que o capitalismo produz uma sociedade autofágica (JAPPE, 2019). O tema da autofagia é de extrema importância para se compreender o que estamos chamando de “barbárie social” como sendo o rompimento do “pacto de civilização”¹³ que se traduz como processo de desefetivação do homem que trabalha.

No longo período de crise histórica do capitalismo das últimas décadas, manifesta-se uma crise civilizatória que assume a forma de barbárie social, aprofundando-se a partir da crise financeira de 2008 que inaugurou o que Michael Roberts (2012) denominou “longa depressão da economia capitalista”. Ao mesmo tempo, ao lado da crise do capitalismo global ocorre o que Schwab denomina de “Quarta Revolução Industrial” ou “Indústria 4.0” (SCHWAB, 2017). É no contexto histórico da crise capitalista e nova revolução tecnológica que se desenvolve o denominado “capitalismo de plataformas” que visa promover um novo salto da acumulação do capital, tendo impacto direto no mundo do trabalho (SRNICEK, 2018). E como não poderia deixar de serem, tais mudanças históricas promovem mais acúmulos de contradições sociais, criando a situação inédita – no plano global - de mal-estar, sofrimento e sintomas da classe trabalhadora, sobretudo em um país como o Brasil, um país de capitalismo subalterno à ordem do capitalismo neoliberal global.

¹³O pacto civilizatório na compreensão de Freud se constrói a partir de três interdições primordiais proibição do incesto, do assassinato e do canibalismo. Essa interdição também interdita o funcionamento da pulsão de morte, ou seja, as pulsões destrutivas encontrando outras saídas pulsionais sublimatórias.

A falência das políticas kenesyanas e a crise de lucratividade da início as políticas neoliberais definidas no consenso de Washington. Essa doutrina desenvolvida a partir da década de 1970 defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim num grau mínimo. A ideologia neoliberal prega que são necessários sacrifícios constantes por parte dos trabalhadores, para assegurar as liberdades e salvar a economia, uma vez que para a ideologia capitalista neoliberal não existe alternativa fora do capitalismo. Tal narrativa produz medo nos sujeitos, pois eles imaginam que a destruição do capitalismo é a destruição da sua própria integridade física. O modo de gestão do capitalismo neoliberal criou tamanho engajamento subjetivo que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (ŽIŽEK, 2009). Isto faz com que tais sujeitos aceitem toda e qualquer solução autoritária por parte do poder.

A extrema-direita sabe como nenhuma outra vertente ideológica capitalizar o medo do desemprego, miséria social e fome, criando bodes expiatórios como forma de desresponsabilizar a burguesia pela miséria da classe trabalhadora. A crise econômica causou fissuras sociais que se tornaram o fator desencadeante do mal-estar social, produzindo uma “paranoia” coletiva como nos lembra de Žižek no período de luta contra o terror. Assim como as polarizações políticas no Brasil que culminou na destituição de uma presidenta democraticamente eleita. Como nos ensina Slavoj Žižek a subjetividade das massas é manipulada no sentido que seja possível a intervenção imperialista sobre as economias e sobre a mente “captura” da subjetividade da classe trabalhadora.

O perigo então é que a narrativa predominante da crise seja aquela que, em vez de nos despertar de um sonho, nos permita continuar sonhando. E é aí que devemos começar a nos preocupar não só com as consequências econômicas da crise, como também com a tentação óbvia de revigorar a “guerra ao Terror” e o intervencionismo norte-americano para manter funcionando o motor da economia, ou no mínimo usar a crise para impor mais medidas duras de “ajuste estrutural” (ŽIŽEK, 2009, p.29).

As repercussões para o trabalho vivo da crise estrutural do capitalismo global e do aprofundamento do neoliberalismo global na sua forma de miséria social, manipulação ideológica, precarização do trabalho e proletarização das camadas médias – como é o caso dos motoristas de aplicativo - se apresentam como uma experiência de sofrimento causado por algo exterior ao sistema capitalista, as crises

não são sentidas nem percebidas como um processo interior da própria natureza do modo de produção capitalista. A mídia tem uma parcela de responsabilização acentuada nesse processo de alienação e adoecimento do trabalho vivo, isso porque ela cria uma mistificação em torno do “mercado” como se o mercado fosse uma entidade espiritual onipresente e que todo desequilíbrio do mercado é causado por um agente externo. Na subjetividade desse trabalhador empobrecido, a falta de clareza sobre a realidade objetiva produz um tipo de sofrimento fetichizado que causa a sensação de que existe uma espécie de invasor¹⁴ que rouba a parcela de gozo de cada um (DUNKER, 2015). E com isso alimentando “paranoias” e “fobias”. As redes sociais, com destaque para as plataformas publicitárias como o Facebook, Whatsapp, Instagram e Twitter (década de 2010), transformam-se no principal, mas não o único, instrumento da cultura de massas e alienação da classe trabalhadora ainda mais potente e eficaz que os antigos meios de comunicação tradicionais (NYBO, 2019; O’NEIL, 2020; ZOBOFF, 2019).

As redes sociais, ou melhor, plataformas publicitárias são capazes de criar formas de manipulação individualizadas por meio dos algoritmos que por sua vez se utilizam da técnica de modulação. Mas o que isso quer dizer? Quer dizer que pela via da inteligência artificial, os comportamentos são induzidos a partir de preferências individuais.

Os algoritmos usam as características individuais e preferências para criar uma narrativa que se aproxime das crenças de cada sujeito para controlar e gerir o consumo das massas (SILVEIRA, 2021). A manipulação das massas tem a função de manter o engajamento subjetivo ao modo de e induzir ao “consumo estranhado”. Segundo Florestan Fernandes (2019), existe uma parceria política em jogo que envolve todos os setores da sociedade, que vai desde o exército, a igreja, passando pela burguesia e pela sociedade civil; isto é, dos trabalhadores explorados aos

¹⁴ A referência aqui é a do filme brasileiro o invasor de 2002, do gênero drama, dirigido por Beto Brant. É uma adaptação do livro homônimo, escrito por Marçal Aquino. O INVASOR narra a história de três amigos – companheiros desde os tempos de faculdade de engenharia – que são sócios em uma construtora há mais de 15 anos. Tudo corre bem até o dia em que um desentendimento na condução dos negócios os coloca em conflito. De um lado, Estevão (George Freire), o sócio majoritário, que ameaça desfazer a sociedade, porque não aceita negociar com o governo; de outro, Ivan (Marco Ricca) e Gilberto (Alexandre Borges) que, acuados, resolvem eliminar o sócio, acreditando que poderão conduzir a construtora ao seu estilo após a morte de Estevão. Para isso, contrata Anísio (Paulo Miklos), um matador de aluguel, que executa o serviço. O mal-estar se inicia quando Anísio (Paulo Niklos) decide roubar a construtora para si.

burgueses exploradores, visando manter o funcionamento social tal como existe hoje. Diz ele:

Quando se atribui aos meios de massa e à sua influência alienadora o estado de conformismo, apatia e compromisso com a ordem conta-se apenas uma parte da verdade. Há uma solidariedade política em jogo, pois os setores intermediados e uma ampla parte da classe baixa estão profundamente penetrados por uma situação de interesse de classes e valores sociais que os identificam a classe privilegia. A linha divisória não passa entre possuidores e despossuídos, mas entre os que são leais à ordem e os que são inconformistas. Além disso, os direitos sociais e garantias de vários tipos disseminam interesses e valores burgueses por toda uma sociedade (FERNANDES, 2019, p 69).

Os constantes ataques do capitalismo a classe trabalhadora provocaram a fragmentação da identidade social que tinha no trabalho o ponto central do processo de subjetivação. A categoria trabalho perde o estatuto ontológico que determinaria a identidade social (BENDASSOLLI, 1995). A classe trabalhadora então fragmentada troca às ideias de emancipação por melhorias salariais, melhores condições de trabalho e alguma representação política e vai se contentando simplesmente, na luta para ser incluído na dinâmica da exploração capitalista. O irracionalismo das massas surge como uma forma de sintoma provocado pela paralisia da classe trabalhadora que já não possui a radicalidade transformadora e vai se adaptando de vida ao estilo burguês.

1.2 O capitalismo de plataforma

O capitalismo de plataforma (do inglês, "platform capitalism") é o termo usado para designar uma nova forma de funcionamento das empresas capitalistas em um período de crise de lucratividade. É importante situa-lo historicamente a fim de compreendermos como uma nova aparência de organização empresarial se consolida e se insere na lógica social. No capitalismo de plataforma, as empresas apresentam-se como meros intermediários tecnológico-comunicacionais, articulando relações de serviços e negócios entre indivíduos ou instituições, por meios de aplicativos. A relação entre força de trabalho e plataforma de serviços, oculta a exploração e espoliação do trabalho vivo, assim como degradação dos direitos laborais, uma vez que a ideologia neoliberal do "autoempreendedorismo" atrapalha a percepção da realidade objetiva. Tal, ideologia desperta na subjetividade do trabalho

vivo a ilusão de todas as pessoas podem um dia se tornarem ricas e donas do próprio negócio, desde que sejam nutridos os sentimentos de perseverança, fé, determinação, além de constantes auto sacrifícios pessoais¹⁵. Para aqueles que não conseguirem a ascensão e sucesso tão esperados, serão culpabilidades pelos próprios fracassos bem como pelos adoecimentos laborais consequentes do excesso de trabalho. O capitalismo de plataforma ganhou força, pois sua política é recrutar todos os sujeitos considerados fracassados pelo sistema capitalista. Sem as plataformas, um grande contingente de trabalhadores estariam completamente desalentados. É nesse ponto que reside à característica de ambiguidade do trabalho por aplicativos. A empresa lucra a partir do recrutamento de trabalhadores miserabilizados e inempregáveis dentro do modo de produção capitalista. O capitalismo expulsa um grande contingente e reaproveita a partir de trabalhos degradantes.

O “capitalismo de plataforma” enquanto novo modelo de negócios do capitalismo teve sua origem durante a década de 2010, após a explosão da bolha imobiliária em 2008, no centro do capitalismo global. Para Nick Srnicek (2018), existem quatro tipos de plataformas: (1) as *plataformas de publicidade*, que são os primeiros intentos para contribuir na construção do que hoje é conhecido por “economia de plataformas”, isto é, plataformas desenhadas para ligar os consumidores aos produtos; (2) as *plataformas de nuvens*, são plataformas armazenadoras de dados cooptados pelas empresas de extração de dados; (3) as *plataformas austeras*, que são as plataforma de trabalho *sob demanda* que utilizam aplicativos – como é o caso dos entregadores e motoristas de aplicativo; contribuindo para que a mercadoria possa circular, seja mercadoria, produto serviço; (4) e as *plataformas industriais*, que operam o setor produtivo da economia com as *novas tecnologias da Indústria 4.0* (por exemplo, produção de chips, computadores e todo o aparato tecnológico que possibilite as outras plataformas funcionarem). As *plataformas industriais* cuja função é promover a produção industrial a partir de dados coletados na internet ao mesmo tempo (SRNICEK 2018).

As plataformas austeras ou *plataformas lean* ou “enxutas” vem enfrentando lutas significativas com o preço das ações; por exemplo, a Uber tem sofrido impactos expressivos desde sua abertura de capital para as chamadas empresas

¹⁵ A ideologia da teologia da prosperidade encontra-se fortemente ligada a esses valores e crenças de: fé, perseverança e auto sacrifícios como sinal de aceitação dos designios de deus.

“unicórnios”¹⁶. As empresas de plataforma austeras, mais conhecidas e populares são as plataformas de entregas de comidas (*iFood, Rappi, Uber Eats, Loggi*); de comércio e de locação de imóveis (*Apple, Amazon, Mechanical Turk, Clickworker, Upwork, Fiverr; Airbnb*), e de transporte individual (*Uber, 99, In driver, Cabify*). Tal modelo de negócio permite – por exemplo - que a Uber e a 99 sejam as maiores “empresas de taxi sem taxi do mundo”; ou que a Airbnb seja a maior “empresa de locações de imóveis sem imóvel” do mundo. A outra característica das plataformas enxutas diz respeito a sua natureza disruptivas de tornar obsoletas algumas formas de trabalho autônomo tradicional. O melhor exemplo dessa característica é a Uber, recentemente dados vazados pelo *Internation consortium of investigative journalists* denunciam que a Uber age deliberadamente desarticulando as leis trabalhistas usando de uma rede de influência. A intenção da empresa é gerar e disseminar o caos para por fim dominar e manipular uma grande massa de trabalhadores precários e desesperados. Todavia a volatilidade das empresas de plataforma também é uma de suas características, pois podem desaparecer da noite para o dia, uma vez que produto destas empresas são os aplicativos informacionais *e-healing*¹⁷ (como a Uber e a 99) (CASTRO e CASULO, 2021; SRNICEK 2018).

Por outro lado, as plataformas publicitárias e “de nuvem” tem crescido em tamanho e poder mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pela crise da economia global e a pandemia de 2020. Ha nível global existe um número muito reduzido de empresas tecnológicas que vêm se tornando cada vez mais poderosas (*Amazon, Apple, Microsoft e Google*), cada uma delas possuindo uma dinâmica monopolizadora baseado no controle de dados extraídos pelas plataformas (Facebook, Instagram, VK, dentre outras). O fluxo de dados no mundo tecnológico está centrado nos EUA, o que vem causando pressão externa para que ele esteja incluído nos acordos comerciais. Entretanto, o capital monopolista está resistindo aos esforços envolvidos pela disputa dos dados. Os dados capturados vêm se tornando cada vez mais, um elemento essencial, mas não indispensável das operações internacionais dessas empresas (CASTRO; CASULO, 2020).

¹⁶ São empresas de tecnologia que possuem um valor acima de um bilhão de dólares e sua principal função é promover o processo de ruptura dos mercados estabelecidos. Os exemplos de empresas unicórnios são: *99, Uber, Nubank, Movile*, Guia de bolso.

¹⁷ E-hailing é o processo de solicitar um carro ou táxi ou qualquer outro meio de transporte por meio de dispositivos virtuais (computador ou dispositivo móvel).

O capitalismo de plataforma expande seu poder hegemônico, extraindo os dados pessoais dos usuários, fazendo com que as empresas de tecnologia que controlam as plataformas de nuvens tenham um “conhecimento sobre estilos de vida e preferências do mercado consumidor. Além da força de trabalho, o dito de “capitalismo de vigilância” se alimenta de todo aspecto da vida humana” que são transformados em dados (ZUBBOFF, p20, 2021) com o objetivo de produzir mercadorias. Para que os dados sejam extraídos, se faz necessário uma vastíssima infraestrutura para detectar, gravar e analisar. A inteligência artificial é desenvolvida para que os dados sejam tratados com mais precisão e velocidade. Para sustentar a alta composição orgânica da plataforma – mais trabalho morto que trabalho vivo - cerca de 9,2% da energia mundial é direcionada para as empresas de plataforma e sua maquinaria informacional, contribuindo e muito, para a depredação do meio-ambiente (SRNICEK, 2018). A lógica da plataforma é colher informações ou produzir informações a partir dos dados colhidos para que possam ser transformadas em mercadorias customizadas.

Hoje os produtos de predileção são negociados em mercados futuros comportamentais que se estendem além dos anúncios on-line com alvos específicos para abranger muitos outros setores, incluindo o de seguros, as lojas de varejo, o ramo das finanças e uma gama cada vez mais ampla de empresas de bens e serviços determinadas a participar dos novos e lucrativos mercados. Seja um dispositivo doméstico “inteligente”, aquilo que as seguradoras chamam de subscrição comportamental, seja qualquer um dos milhares de outras transações, nós agora pagamos para ser dominados (ZUBOFF, 2021, p21).

No caso das plataformas “de nuvens” e plataformas publicitárias, quando os dados são transformados em mercadoria, existe a produção de valor, pois para que uma mercadoria seja produzida, é necessário trabalho humano. Entretanto, o trabalho humano está reificado nas máquinas informacionais algorítmicas. Assim, tendo em vista a alta composição orgânica do capital, a produção de mais-valor é ínfima. Mas quando as plataformas funcionam apenas como mediadores de serviços, como é o caso das plataformas austeras – como Uber ou 99, que organizam o trabalho sob demanda de entregadores e motoristas de aplicativo, então não há produção de valor. O que existe é a intermediação do capital monopolista (as empresas de tecnologia enquanto empresas de aplicativo) na esfera da circulação simples de mercadorias como serviço, como é o caso dos entregadores ou dos motoristas prestadores de serviço de transporte individual nas

idades. Tais empresas de aplicativo cobram um valor - na maioria dos casos exorbitante (por exemplo, no caso dos motoristas de aplicativos, o valor por cada corrida para a plataforma, varia entre 25% até os 45%). S. 40 anos motorista de aplicativo nos faz o seguinte relato s diz:

Tem passageiro que fica agressivo com a gente. E, além disso, as empresas de aplicativos aumentaram os ganhos pessoais dela. A taxa delas subiu. o que antes era 25% transformaram-se em 40%, 30% e em alguns casos chega a 55%. Então a gente começou a perder os lucros. Além do que as empresas de aplicativos ficam manipulando o tempo inteiro os valores. Por exemplo, você pega uma corrida que custa 25 reais, mas quando chega para pegar o cliente não é mais 25 reais é 18 reais e porque que isso acontece? porque se ela põe que o valor é 18 reais o motorista não vai aceitar (S. 40 anos motorista de aplicativos).

Um outro, motoristas L. 35 anos complementa o que S. 40 anos e acrescenta a respeito dos problemas de saúde que ele desenvolveu trabalhando na Uber diz;

No fim do primeiro mês eu estava muito cansado e estava mais esperto em relação às corridas; fui vendo que não compensava muito e olhe que eu só fazia as contas do que entrava e do que eu gastava com gasolina. Tinha dias que eu colocava 50, 00 reais de gasolina fazia 70,00 reais isso com a retirada já da parte da UBER e após 6 horas de trabalho me sobrava 20,00 reais. No final do mês tive que fazer revisão do carro e gastei 400,00 reais. Outra coisa, durante esse tempo que passei na Uber desenvolvi bruxismo e estresse. Pela manha eu estudava e a tarde eu ia trabalhar a noite chegava em casa lia uma pagina e ia dormir (L. 35 anos, motorista de aplicativos).

Além do prejuízo econômico, físico e emocional sofrido pelos motoristas de aplicativos ainda precisamos ficar atentos a respeito da crescente financeirização do negócio de plataformas. As empresas de transporte por aplicativo vêm a cada dia mais incentivando usuários e motoristas a investirem, por exemplo, em criptomoedas¹⁸(como é o caso da 99) ou empréstimos pelo cartão de credito (Uber) como podemos observar em um trecho da revista Valor investe:

¹⁸Aplicativo 99 Pay abre serviço para compra e venda de bitcoins. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/criptomoedas/bitcoin-99pay-ipanema#:~:text=Para%20divulgar%20o%20novo%20servi%C3%A7o,tur%C3%ADstico%20do%20Rio%20de%20Janeiro&text=O%20aplicativo%2099%20Pay%20est%C3%A1,de%20comprar%20e%20vender%20Bitcoin>. Acesso. 29/04/2022.

Figura 1 Conta digital elo para motoristas de aplicativos

A conta digital é livre de mensalidade e possui um cartão de bandeira **Elo, sem anuidade**, que é aceito em mais de 14 milhões de estabelecimentos no Brasil. Além de contar com um **cartão virtual para realização de compras on-line**, ter função de pagamento por aproximação e poder ser cadastrado no pagamento de aplicativos de músicas, filmes, séries e entregas.

Fonte: revista valor investe serviços financeiros¹⁹

Figura 2 – dívida com a plataforma



Fonte: grupo de Whatsapp insatisfação com a Uber

Figura 3-dívidas com a plataforma II



Fonte: Grupo de Whatsapp insatisfação com a Uber

¹⁹ Valor investe serviços financeiros. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/servicos-financeiros/noticia/2021/10/14/uber-abre-conta-digital-e-cartao-para-todos-os-motoristas-e-entregadores.ghtml>. Acesso: 02/07/2022.

Diário de campo entrevista com motorista C, 56 anos, dia: 10/02/2020.

“A Uber criou: a Uber conta, um banco digital para os motoristas e entregadores da empresa. Quando eu trabalhei em uma empresa aqui em Salvador eu recebia muito funcionário de banco que vinha até a empresa oferecer vantagens em troca das informações de funcionários. Deixa-me dar um exemplo para você compreender melhor. Ocorre o seguinte, fui gerente de empresas, os bancos batiam na porta da empresa para comprar, por exemplo, 150 funcionários. Esse comprar envolvia benefícios para a empresa etc. e tal. Nada errado é normal”.

Diário de campo propagandas sobre venda de criptomoedas

Figura 4- A venda criptomoedas

Fonte: disponível no aplicativo do passageiro e motoristas da 99.

A crescente financeirização é decorrente da dificuldade das empresas de plataformas – principalmente as plataformas “de nuvens” e de publicidade, em transformar todos os dados dos usuários da plataforma para comercializá-lo, pois não são todos os dados passíveis de serem transformados em mercadorias de modo que por maior que seja a tecnologia para extrair dados, nem todos os dados representa lucro e por vezes geram prejuízo. As empresas ligadas à internet para organizar a sua economia, criaram outras empresas dependentes da comunicação digital, em que os dados extraídos são tratados pelos algoritmos que por sua vez: “educam” os usuários de plataforma para o consumo estranhado e submissão às leis do mercado, a extração de dados da plataforma fornecem vantagens competitivas

para as empresas, coordenam, aperfeiçoam e flexibilizam o trabalho.²⁰ Isso significa dizer que as plataformas representam apenas uma reestruturação das empresas. A contradição do dito "capitalismo de vigilância"²¹ é que os dados extraídos dos usuários são essenciais, mas não indispensáveis ao capitalismo, porque eles podem ser produzidos artificialmente e o gosto popular pode ser moldado para se adaptar a necessidade da produção. Segundo Silveira (2018) a modificação substancial do capitalismo de plataforma diz respeito à sofisticação da forma de extração dos dados e da velocidade em que os comportamentos são moldados.

As plataformas se alimentam de dados pessoais que são tratados e vendidos em amostras com a finalidade de interferir, organizar o consumo e as práticas dos seus clientes. Em geral, os conteúdos desses espaços virtuais são produzidos ou desenvolvidos pelos seus próprios usuários que, ao mesmo tempo, entregam seus dados pessoais e seus meta dados de navegação para os donos desses serviços. Desse modo, não há nenhum exagero em nomear o capitalismo informacional de capitalismo de vigilância. Aqui, podemos realçar que a grande concentração das atenções e do dinheiro dos demais segmentos da economia nas plataformas se dá porque elas conseguem modular a percepção e os comportamentos em escala inimaginável até sua existência (SILVEIRA, 2018, p 35)

Assim, o capitalismo de plataforma tem um modo peculiar de “exploração” e “espoliação” do trabalho vivo. As empresas tecnológicas tornando-se intermediários entre os consumidores e as mercadorias (produtos ou serviços), infiltrando-se como salientamos acima, na circulação simples e abocanhando uma parte do valor do serviço prestado pela comercialização de uma mercadoria produzida pelo trabalhador. Tais trabalhadores de serviço, quanto mais trabalham, mais pobres ficam, na medida em que sofrem a superexploração do trabalho – incluindo, por exemplo, a “servidão por dívida”²² (HARVEY, 2021). Muitos motoristas de aplicativos

²⁰A dita “economia de compartilhamento” permite reunir grande parte da força de trabalho, favorecendo o surgimento de monopólios. Uma única empresa como o Google, por exemplo, é capaz de anexar várias outras empresas como: *ITA Software* no valor de 700 milhões de dólares em 2011, *AdMob* em 2009 no valor de 750 milhões de dólares, *HTC Corporation*, 1,1 bilhão de dólares em 2017, *Waze*, *Youtube* no valor de 1,7 bilhões em 2006, *Fitbit* 2,1 bilhões de dólares em 2019; *Looker Data Science* 2,6 bilhões de dólares ano 2019, *DoubleClick* por 3,7 bilhões de dólares em 2007, *Nest Labs* 3,2 bilhões 2014, *Motorola* 12,5 bilhões de dólares em 2012. As grandes corporações tecnológicas têm muito dinheiro e poder, influenciando a política e manipulando a sociedade (CASTRO; CASULO, 2021).

²¹ Usamos a expressão dita por que o capitalismo de vigilância é o que ficou conhecido por Toyotismo e a nova manipulação nada mais é do que a “captura da subjetividade”. Não existe capitalismo de vigilância. O que existe é uma reestruturação das empresas capitalistas aos novos tempos de crise estrutural do capitalismo.

²² De acordo com David Harvey, servidão por dívidas é o processo de socialização da dívida criada pelo capital bancário em que se livra os grandes investidores das dívidas criadas pelo sistema

encontram-se presos aos aplicativos devido empréstimos²³ e ou dividas tributarias²⁴ uma parte do endividamento bancário foi feito através do banco Uber, segundo dados coletados nas entrevistas ou pelo acúmulo de impostos sobre serviço que deve ser pago ao Estado, conforme podemos observar nos comentários abaixo. S. 50 anos. Diário de campo, entrevista virtual realizada com motoristas de aplicativos:

Pesquisadora: Eu observei nas redes sociais os motoristas falando em empréstimos para motoristas pela UBER. Como são esses empréstimos? (pesquisadora)

Muitos motoristas da Uber: Fizem empréstimos a partir dos bancos digitais e obviamente na operação de credito a Uber ganha. Mas o motorista se endivida. (S. 50 anos. Motorista de aplicativos)

Pesquisadora: Eu observei nas redes sociais os motoristas falando em empréstimos para motoristas pela UBER. Como é que é isso?

A Uber tem um banco digital e os motoristas fizeram empréstimos a partir dos bancos digitais nessa operação de credito só a Uber ganha. E o motorista perde (M. 56 anos)

Além do processo de endividamento do motorista de aplicativos como forma de espoliação conforme podemos observar nas falas abaixo, a plataforma de trabalho sob demanda inaugurou uma nova modalidade de espoliação, na medida em que transformou, por meio dos algoritmos, os dados espoliados dos usuários ou dados comportamentais em matérias-primas gratuitas capazes de serem utilizados para manipular o comportamento dos trabalhadores/consumidores que os produziram. Então, a plataforma tornou-se um novo tipo de mercado em que os comportamentos são transformados em mercados futuros (ZUBOFF, 2021). Existe assim, um comércio das empresas tecnológicas de plataforma em relação aos

bancário, fazendo com que a sociedade pague por elas. Segundo Harvey a servidão por dividas torna-se cada vez mais parecida com o regime feudal.

Contabilidade o endividamento tributário. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/contabilidade/o-endividamento-tributario>

²³ Uber abre conta digital e cartão para todos os motoristas. Acesso:19/06/2022.

Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/servicos-financeiros/noticia/2021/10/14/uber-abre-conta-digital-e-cartao-para-todos-os-motoristas-e-entregadores.ghtml>. 29/04/2022.

²⁴ Inadimplência de MEI atinge quase metade dos inscritos no programa. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/03/09/internas_economia,741870/inadimplencia-no-mei-atinge-quase-metade-dos-inscritos-no-programa.shtml. 18/06/2022.

dados espoliados de seus usuários²⁵. Controlar e prever novos comportamentos e produzir e induzir a compra de produtos tornou-se, o principal negócio das grandes empresas, pois induz o consumo a partir dos carecimentos radicais:

Tendo aprendido a confeccionar imagens e signos, o capitalismo forjou técnicas para arrebanhar o olhar e extrair os dados que estão ali, na superfície do olhar e extrair todos os processos imaginários que antes resistiam em esferas relativamente autônomas, prestam vassalagem ao capital (BUCCI,2021, p.24-25)

Na dita “economia de compartilhamento”, as empresas se organizam por meio de uma massa de trabalhadores precarizados, principalmente desempregados e proletarizados de “classe média”. De acordo com Pochmann (2006), cerca de 10 milhões de pessoas deixaram de pertencer à classe média em 20 anos, considerando a ocupação. Pelo menos 70% dessas pessoas passaram a ter um padrão de vida pior. A classe média foi fortemente atingida com a onda neoliberal de promoção de abertura comercial, financeira, tecnológica e produtiva do país, afirma o economista.

Conforme os dados do IPEA²⁶ publicado em 10/05/ 2022 em 2021, existem no país 945 mil motoristas de aplicativo e taxistas, 322 mil motociclistas que fazem entregas, 222 mil mototaxistas e 55 mil trabalhadores que usam outro meio de transporte para entregar produtos. O estudo mostra que a maioria desses trabalhadores é homem, preto ou pardo, Quanto à escolaridade, mais de 10% dos motoristas de aplicativo e dos taxistas e 5,6% dos entregadores de mercadorias via motocicleta têm ensino superior. Entre os mototaxistas, a porcentagem é 2,1% e, nesse grupo, 60,1% não concluíram o ensino médio. No subgrupo de motociclistas que fazem entregas, o rendimento é de aproximadamente R\$ 1,5 mil por mês, valor

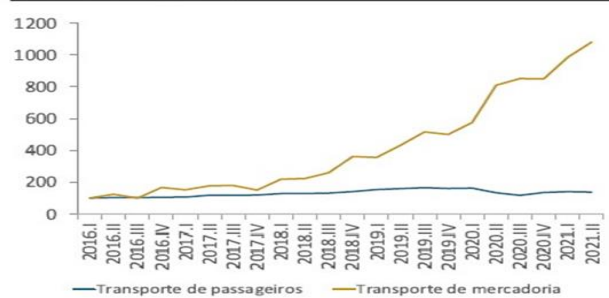
²⁵ A negociação dos dados dos usuários tem consequências graves para as democracias liberais fragilizadas pela crise estrutural do capital. Por exemplo, o escândalo envolvendo a consultora Cambridge Analytica e o Facebook (SRNICEK,2018) mostrou a gravidade do uso indevidos dos dados dos usuários de redes sociais para fins de manipulação político-eleitoral e inclusive de guerra econômica: “[...] atualmente, existem cerca de 1.200.000 (um milhão de Duzentos mil motoristas de aplicativos no Brasil). Se você considerar que cada um deles fatura mil reais por semana ou seja 4 mil de reais por mês, e que a plataforma retira apenas 25% de comissão, então ela retirou para ela mil reais. Se multiplicarmos por um milhão e duzentos mil motoristas, encontramos a cifra de um bilhão e duzentos milhões de reais que saem do nosso país todo santo mês. Parte vai para os EUA, China, Rússia e Espanha. É um horror! Tenho dito que um comerciante ou parente dele, jamais, poderia usar aplicativos como esses. Todo o comércio fica afetado, do camelô ao shopping. Use os aplicativos de taxis disponíveis no mercado. Quando não existiam esses apps estrangeiros, o dinheiro ficava aqui, pois estava nas mãos dos taxistas locais e das diversas empresas de transporte executivo de passageiros que faliram com a chegada da plataforma estrangeira. O dinheiro ganho aqui vai embora para o exterior e nunca mais volta” (OLIVEIRA, 2021 p 45,)

²⁶ Portal IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso: 10/05/2022.

que se mantém estável desde 2020. A remuneração dos mototaxistas, por sua vez, permaneceu praticamente constante, passando de aproximadamente R\$ 1 mil, em 2016, para R\$ 900, em 2021. É o único subgrupo da gig economy no setor de transportes com rendimentos abaixo do salário mínimo, que em 2021 era R\$ 1.212. Os dados coletados mostram que, no primeiro trimestre de 2016, o número de pessoas ocupadas no transporte de passageiros na Gig economy era de cerca de 840 mil.

No primeiro trimestre de 2018, esse quantitativo atingiu 1 milhão de trabalhadores e chegou ao ápice no terceiro trimestre de 2019, com 1,3 milhão de pessoas. Por conta da pandemia de Covid-19, houve redução ao longo de 2020, mas o número logo se estabilizou nos dois primeiros trimestres de 2021 em 1,1 milhão de pessoas ocupadas em transporte de passageiros no regime de conta própria, valor 37% superior ao do início da série, em 2016. Além disso, a pesquisa do Ipea mostra que, em média, entre o primeiro trimestre de 2016 e o segundo de 2021, 5% das pessoas ocupadas nas atividades de transporte de passageiros e de mercadorias, por conta própria, o faziam como um trabalho secundário. O ápice dessa porcentagem foi no terceiro trimestre de 2019, antes da pandemia, quando 7,4% dos trabalhadores faziam dupla jornada com outra ocupação principal. O maior rendimento médio é dos motoristas de aplicativos e taxistas, em torno de R\$ 1,9 mil. Em 2016, eles recebiam, em média, R\$ 2,7 mil. Esses dados deixam claro o processo de empobrecimento dos trabalhadores autônomos no Brasil assim como o processo de precarização de vida e trabalho. Conforme podemos observar no gráfico abaixo. Gráfico 1: Evolução do número de pessoas ocupadas no setor de transportes de passageiros e de mercadorias trabalhando no regime de conta própria

Evolução do número de pessoas ocupadas no setor de transporte de passageiros e de mercadorias trabalhando no regime de conta própria (Índice 2016.I = 100)



Fonte: PNAD Contínua / IBGE.

Fonte: PNA/IBGE

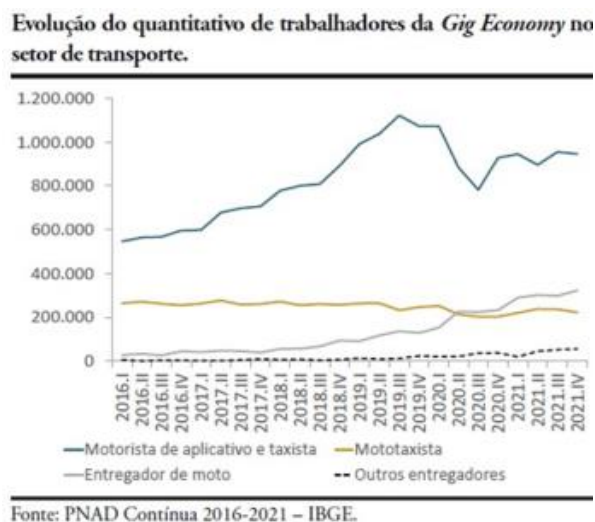
A partir desses dados é possível retirar as consequências na queda de padrão de vida e trabalho da qual vem sofrendo o trabalhador. Com o agravamento da crise no mercado de trabalho, as plataformas de aplicativos para entregas de mercadorias ou transporte de passageiros facilitaram mais contratações de curto prazo, é possível perceber que a quantidade de pessoas com empregos não tradicionais (como autônomos e trabalhadores temporários) teve um crescimento exponencial nos últimos anos. Verifica-se no Gráfico 1 o crescimento das pessoas ocupadas na *Gig Economy* no setor de transporte de passageiros e de mercadorias no regime de conta própria. No caso do transporte de mercadorias, o crescimento é “explosivo” a partir de 2017, crescendo bastante durante a pandemia do novo coronavírus (2020-2021).

No caso de transporte de passageiros, o crescimento é perene até a pandemia, quando o número de motoristas de aplicativo tem uma queda abrupta no primeiro semestre de 2020 e mesmo com a retomada ainda em 2020 e 2021, não recupera o patamar de pessoas que fazem o transporte de passageiros, tendo em vista as precárias condições de trabalho e remuneração dos motoristas que fazem o transporte de passageiros em regime por conta própria (o dado inclui também os taxistas).

Diante do desemprego e miséria os trabalhadores são obrigados a aceitar trabalhos precários, insalubres por meio de “plataformas” de trabalho sobre demanda, compondo o que estamos compreendendo como nova precariedade salarial. A Nova precariedade salarial cria uma série de dificuldades para trabalhadores desprotegidos, pois, eles são obrigados pela força do “sobrevivencialismo” aceitar trabalhos abaixo do investimento feito por esse trabalhador para se especializar e ingressar no mercado de trabalho.

O trabalhador precário realizou todas as etapas e sacrifícios pessoais para ter um futuro digno e finalmente poder desfrutar a sua vida. Foram horas de sono, diversão, de prazer, de amores negados para possibilitar investir em uma profissão que devido o desmonte do trabalho destruiu todo esse investimento narcísico. Desempregados e desesperados os trabalhadores foram obrigado a ingressar na economia de compartilhamento no dito capitalismo de plataforma (ALVES & CASULO, 2022). Abaixo podemos observar na figura 1 o número quantitativo de trabalhadores no setor de transporta.

Gráfico 2 Evolução do quantitativo de trabalho da Gig Economy no setor de transporte



Fonte: PNAD/IBGE

O empobrecimento da classe trabalhadora deve-se à reestruturação produtiva do capital, num contexto histórico de crise capitalista global, e do aprofundamento das políticas neoliberais, principalmente no Brasil. A “economia de bicos” (ou *gig economy*) e a plataformização do trabalho surgem como ofensivas do capital visando recompor a acumulação do capital na era da sua crise estrutural. Isto tem um impacto direto na classe trabalhadora. (SRNICEK, 2018). Do ponto de vista subjetivo a classe média se “re”-sente, pois ela se da conta que foi traída por alguém ou alguma coisa. Todavia, “classe média lumpenizada” presa as promessas de ascensão, permanecem leal a ordem estabelecida, esperando o reconhecimento pela sua submissão e lealdade. Uma parte desse ódio produzido na classe média é direcionada contra as minorias e vice versa, pois ambos estão em busca de um “bode” expiatório uma vez que não desejam contestar a ordem social.

1.3 Plataformização (e precarização) do trabalho

O capitalismo de plataforma promoveu no século XXI, uma verdadeira explosão do novo “proletariado”²⁷ de serviços. De acordo com Ricardo Antunes (2018), “os trabalhadores que possuem trabalhos estáveis ou dignos acompanham a corrosão e erosão de seus direitos trabalhistas, conquistados por anos de lutas”

²⁷ Usamos aspas, pois não temos subsídio teórico suficiente para definir essa explosão de trabalhadores ligados às plataformas de serviços como proletariado, uma vez que o fenômeno é relativamente novo. É preciso investigar com mais cautela.

(ANTUNES, 2018, p.30). O capitalismo está destruindo o trabalho vivo como parte da natureza degradada pelo capital (ALVES, 2021). Apesar da crescente degradação da experiência de vida e de trabalho sentida pelo motorista, a falta de organização e opção de trabalho digno, degrada esse trabalhador e impede uma resposta coletiva. Pois, a incerteza produz medo e insegurança, conforme observamos na fala de M. 56 anos. Diário de campo entrevista virtual com motorista de aplicativo:

O Brasil um país de economia instável fragilizado no que diz respeito aos direitos trabalhistas e com um alto índice de desemprego. O trabalhador tem que aceitar proposta de trabalho que não deveria aceitar. Isso porque esse trabalhador não tem escolha (M. 56 anos motorista de aplicativos)

A crise do capitalismo global e a ofensiva neoliberal do capital provoca o aumento da transferência de renda dos países pobres para os países ricos, que acontece de diversas formas. Por exemplo, a privatização das empresas públicas e a abertura do mercado interno para as corporações estrangeiras (HARVEY, 2003). Isto acontece no contexto de enfraquecimento dos sindicatos, esvaziamento dos movimentos sociais e da retração da luta de classes. O enfraquecimento da luta de classes fica evidente durante a nossa pesquisa. Inclusive, alguns dos motoristas entrevistados por nós, já possui a percepção do enfraquecimento da luta de classe (consciência contingente) conforme podemos observar nos trechos de entrevistas abaixo. M. 56 e S. 50 anos motoristas de aplicativos ele diz:

Todas as tentativas de organizar de se mobilizar foram em vão. Porque tem outro aspecto nessa relação que favorece a UBER, essa categoria que não é uma classe é uma categoria que não se vê exatamente como classe. Não é, por exemplo, como o rodoviário, pedreiro, agente de limpeza. Essa categoria não exige formação. Na crise é fácil se tornar motorista, você tem algum processo na justiça? Se não tem pronto. Tem um carro dentro do limite que a empresa exige? Se tem, está bom! Não existe critério não se exige a mínima qualificação. O motorista de aplicativo foi tudo na vida. Não existe uma uniformidade que caracteriza uma classe daí então é cada um por si e Deus por todos. Dai você convoca uma manifestação vamos parar hoje. A UBER tem acesso ao motorista muito mais do que eu tenho com o meu canal no Youtube. A maior manifestação foi em 2017 e contou com 3.000 motoristas dados da polícia militar e acreditemos nós estávamos sendo manipulados pela UBER. (M. 56 anos motorista de aplicativos)

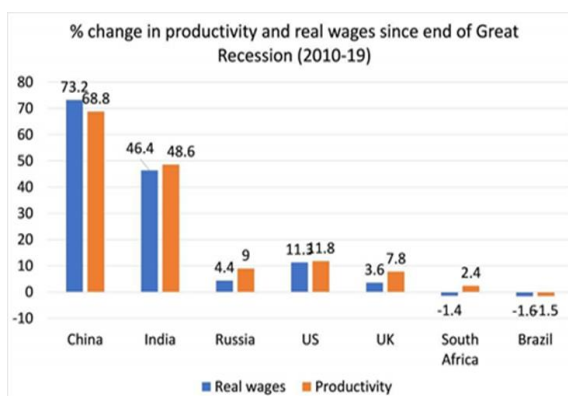
Um outro, motorista complementa:

Existem tentativas de organização, mas quem esta com isso têm interesse politico por trás. Nos EUA existe um empecilho desses motoristas se organizarem porque esses “metacapitalistas” da Califórnia proibem. Existe um uso politico do desespero dos motoristas. Existe um cidadão aqui no

Brasil que foi eleito enganando os motoristas porque ele foi para os EUA tirar foto na Uber. Ele montou um ponto que vende café, lanche capinha de celular e os motoristas o elegeram. Mas ele não se reelege porque ele fica em uma posição de defesa da UBER (S. 50 anos motorista de aplicativos)

A “conformidade social” tem como seu aspecto mais candente à imobilidade das massas. “A conformidade social” é acompanhada do aprofundamento da precarização do trabalho, isto é, o empobrecimento das camadas populares e a proletarização da “classe média”. O empobrecimento das camadas trabalhadoras é produto tanto da queda da produtividade, quanto dos salários, por conta da desaceleração, recessão e estagnação da economia brasileira. É o que percebemos no gráfico abaixo extraído do blog do Michael Robert.

Gráfico 3 - Tendência da queda da taxa de lucro



Fonte : Michael Roberts blog. Disponível em

<https://thenextrecession.wordpress.com/>. Acesso em 09/01/2022

A decomposição do capitalismo liberal em sua fase autofágica (JAPPE, 2019), faz crescer novas modalidades de exploração e espoliação de trabalho. O capitalismo de plataforma e as plataformas de trabalho sob demanda são o maior exemplo disso. Com todo o cenário desfavorável para o trabalho vivo, tivemos em 2020, a pandemia do novo coronavírus²⁸ que acelerou, de forma dramática, o processo de implantação de formas ainda mais precárias de trabalho – não só por meio de aplicativo, mas da efetivação do trabalho em home-office (ocorreu o aumento da carga de trabalho, sobretudo para as mulheres que cuidam de pessoas dependentes como crianças, idosos ou pessoas com alguma deficiência). As

²⁸ O declínio e o empobrecimento da classe média no Brasil. Disponível em: <http://www.metodista.br/portaldejornalismo/o-declinio-o-empobrecimento-da-classe-media-no-brasil-durante-a-pandemia-da-covid-19/>. Acesso: 29/04/2022.

mulheres são historicamente mais afetadas ao processo de exploração, pois além de elas estarem inseridas na esfera da produção ainda estão completamente mergulhadas na reprodução social embora existam homens que também estão mergulhados na esfera da produção e reprodução. O capitalismo neoliberal promoveu uma verdadeira revolução a nível subjetivo da classe trabalhadora conforme nos ensina Dardot e Laval (2016) no livro a nova razão do mundo segundo eles a fragmentação se dá sobretudo pela mutação do discurso sobre o homem. Não interessa mais adestrar o corpo o neoliberalismo se apresenta como o “gestor de mentes” ou “captura da subjetividade”.

CAPITULO II

2.0 A SUBJETIVIDADE DOS MOTORISTAS “UBERIZADOS”

Neste capítulo iremos analisar o material empírico coletado através da internet nos grupos: de WhatsApp, Facebook, Vloggers - diários em formato de vídeos que são publicizados no Youtube e o documentário “Uberland”. Os elementos teóricos que usaremos para interpretar as narrativas dos motoristas encontram-se na introdução, aonde foram anteriormente desenvolvidas. Para a análise foi levado em conta à realidade objetiva (experiência vivida) e subjetiva (experiência percebida) dos motoristas de aplicativo. De forma que procuramos descrever sobre as ideologias e as formas de mal-estar que compõem o universo existencial dos motoristas de aplicativos. Na atual fase do desenvolvimento do capitalismo o “Espírito do Toyotismo” está assombrando para além das fabricas. Pois, a ideologia do empreendedorismo é o resultado da expansão e incorporação do “espírito do Toyotismo” no sociometabolismo social tendo como produto a barbárie social.

O Toyotismo enquanto ideologia orgânica da produção capitalista cria novas formas de racionalização. Ele produz novas formas de opressão sobre o trabalho vivo. A nova forma de organização no trabalho determina uma subjetividade, precarizada e subsumida ao interesse da reprodução do capital enquanto sistema sóciometabólico. Esse novo metabolismo da subjetividade “capturada” compõe o que os psicanalistas estão denominando de “mal – estar”. A categoria Freudiana “mal-estar” foi escolhida porque ela engloba tanto as formas de sofrimento quanto as psicopatologias de um determinado tempo histórico (DUNKER, 2015). A categoria sofrimento muito destacada na obra de Dejours abarca as formas não patológicas que o inconsciente se apresenta na realidade dos sujeitos. O sofrimento também pode ser compreendido como a prova objetiva da existência do inconsciente que se inscrevem no corpo dos trabalhadores sob as formas de: sintomas, inibições, angústias, distúrbios de caráter e compulsões à repetição. A psicopatologia é o resultado do cálculo neurótico de evitação do sofrimento. Ao contrário do sofrimento a psicopatologia é a expressão adoecida do sujeito diante de traumas psíquicos, a

incapacidade de “perlaboração”²⁹ resulta na construção de estruturas subjetivas como: neurose obsessiva, histérica; Psicose esquizofrenia, paranoia, psicose maníaca depressiva e o autismo³⁰ e por ultimo as perversões.

2.1 “Uberland”: O documentário

O vídeo documentário “Uberland” (2018)³¹ trata das questões de trabalho e vida dos motoristas de transporte individual de passageiros na cidade de Marília/SP. No começo do documentário, o diretor expõe os seguintes letreiros: o vídeo contém os depoimentos de trabalhadores de aplicativos que relatam suas experiências de vida e trabalho na cidade de Marília (SP); a ideologia do empreendedorismo, superexploração do trabalho e vida reduzida compõem em seu conjunto a condição existencial da proletariedade dos “uberizados”. “Uberland” contém o depoimento de quatro motoristas – Adelson, Mauro, Tiago e Carla. Pelos depoimentos percebe-se que os motoristas de aplicativos expõem as condições existenciais que compõem a condição de proletariedade (1) tempo de vida reduzida a tempo de trabalho; (2) ressentimento social (3) ideologia do empreendedorismo. Nesse tópico não temos a pretensão de analisar a subjetividade dos entrevistados, mas a nossa intenção é compreender como a ideologia distorce tanto a experiência percebida dos trabalhadores.

2.3 Adelson e a vida reduzida a tempo de trabalho

De acordo com o relato de Adelson, ele trabalhou numa empresa de gás na cidade de Marília, cuja jornada de trabalho era em média de 12 horas. Às vezes, ele precisava viajar. Ao tornar-se motorista de aplicativos, Adelson afirma que sua renda do trabalho melhorou em termos relativos. Entretanto, o seu tempo de vida foi reduzido a tempo de trabalho, tendo hoje (2019) dificuldades em pagar as contas e alimentar-se. Diz ele:

“Essa questão da remuneração melhorou um pouco sim, porém eu estou tendo que trabalhar mais. Antes a gente já fazia em média dez horas, doze horas de trabalho”. Quando a gente começa a gente tem que pôr na cabeça

²⁹ Essa expressão indica que o aparelho psíquico, através de um trabalho, consegue transformar o volume da energia libidinal derivando-a para outro lugar do inconsciente e ligando a alguma representação.

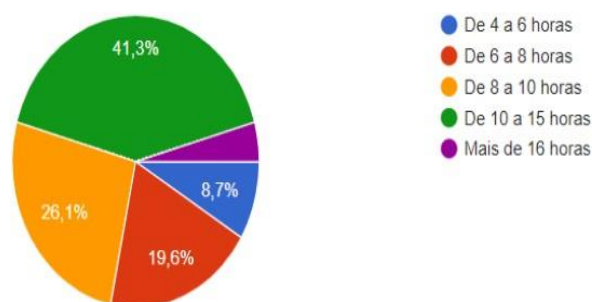
³⁰ O autismo é uma condição clínica da psicose. Embora alguns psicanalistas a considerem como uma quarta estrutura.

³¹Uberland. Direção: ALVES, G, produção: AIELO, F.. Marília . Práxis vídeos. 2020 vídeo documentário: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ehj7IlnZ2Gw&t=1s>. 1

que tem que trabalhar no mínimo doze horas. “Menos de doze horas não dá”.

De acordo com a pesquisa realizada por nós, através de um questionário fechado de múltipla escolha, desenvolvido pela pesquisadora. O questionário continha 12 perguntas sobre dados sócios demográficos como: faixa etária, escolaridade, tempo que esses motoristas passam trabalhando diariamente, estado civil, religião e etnia. Chegamos ao resultado de que 41,3% dos motoristas trabalham entre dez a quinze horas por dia e 4,3% ficam mais de dezesseis horas por dia na direção. Se esse motoristas trabalhar 15 horas diariamente o tempo de trabalho será de 105 horas de semana de trabalho. Esse questionário foi aplicado pela internet com o apoio dos alunos de graduação em psicologia. Todavia com a falta de interesse na pesquisa conseguimos apenas 46 motoristas de aplicativos um dado irrelevante quando se compara a quantidade de motoristas de aplicativos no país. Por esse motivo, não exploramos todos os dados recolhidos, nós limitamos a apresentar apenas dados óbvios que confirmam outras pesquisas sobre o tema.

Gráfico 4 Vida reduzida

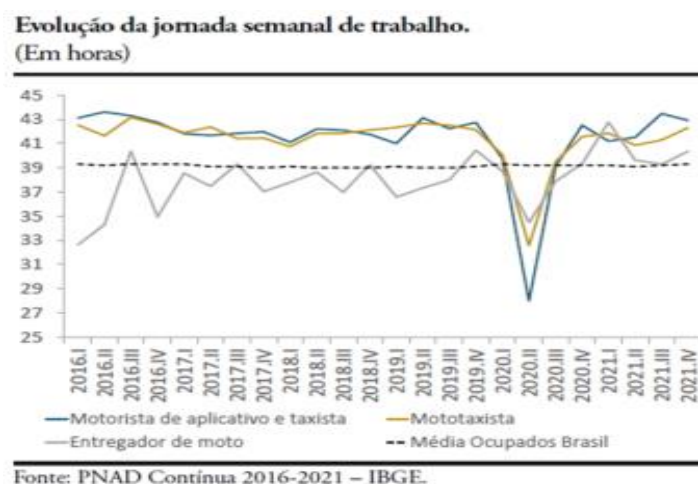


Fonte: Questionário

Em uma pesquisa realizada pelo IPEIA observamos a evolução da jornada semanal de trabalho do contingente de trabalhadores da Gig Economy no setor de transportes no Brasil. Por exemplo, a jornada semanal média em horas de motoristas de aplicativo e taxistas é de cerca de 44 horas. Observamos uma diferença de tempo no gráfico do IPEIA, a diferença se deve ao fato que o IPEIA fez uma media geral não observando a especificidade de cada um. De modo que ficou oculta a situação dos motoristas que fazem o trabalho com aplicativos como trabalho secundário (por terem uma atividade principal, não dedicariam full time ao trabalho com aplicativo); o outro problema na estatística do IPEIA diz respeito aos

taxistas serem contabilizados junto com o motoristas de aplicativos ocultando o problema dos baixos salários, visto que as corridas de taxi são mais caras. excluindo-se também os taxistas, provavelmente a jornada de trabalho média dos motoristas de aplicativo deve aumentar, e os salários baixarem conforme observamos no gráfico abaixo:

Gráfico 5“ vida reduzida 2”



Fonte: IPEA/IBGE

As horas exorbitantes de trabalho evidenciam o fenômeno da “vida reduzida” a tempo de trabalho, constituindo isto, o elemento da condição existencial de proletariedade (ALVES, 2009). Compreende-se por condição de proletariedade a posição existencial fundamental (e fundante) da modernidade do capital, que implica homens e mulheres despossuídos dos meios de produção de sua vida social, na situação de “classe social” do proletariado. A classe do proletariado é o conjunto social de homens e mulheres, alienados da propriedade/controlado social dos meios de produção da vida, que estão subsumidos a uma condição existencial histórico-particular. A base categorial que fornece o desenvolvimento da categoria de proletariedade está apoiada sobre a teoria do estranhamento estudado por K. Marx (2010).

O estranhamento diz respeito ao processo de desefetivação do ser genérico³² do homem a partir das relações sociais/ práxis histórica constitutiva do trabalho

³² Ser genérico, enquanto tal tem de atuar e confirmar-se tanto em seu ser como em seu saber. A atividade com que intercambia com o meio faz dele um ser para si, um ser duplicado no saber e nas coisas. É o ser que tem consciência de si, para si e inclusive tem consciência do outro. A barbárie social representa a perda do homem genérico.

estranhado e da vida social estranhada, subjacente à produção do capital (relações sociais entre sujeito/objeto mediadas pelas relações sociais sujeito/sujeito). O estranhamento – em geral – tende a assumir formas fetichizadas, por conta do predomínio estruturante da forma mercadoria nas relações humano-sociais. É o que salientamos acima, pelo processo de dessubjetivação do trabalho vivo. Isto implica dizer necessariamente que as relações do homem que trabalha são o produto da atividade social (produtos, instituições e valores/ideologias) por isso que assume uma forma opaca, “intransparente” e coercitiva. É o que se denomina “coisificação” do homem e suas relações sociais.

A condição de proletariedade exposta pelo trabalho de plataforma traz a ideologia de que todos os trabalhadores são “empresários de si” e que eles têm o controle sobre o seu tempo de trabalho. O fato de Adelson necessitar de no mínimo doze horas de trabalho para se sustentar, expõe por um lado o aumento da carestia³³; e por outro, a farsa do empreendedorismo e a suposta liberdade sobre o tempo de trabalho já que o tempo que resta para administrar livre do trabalho é quase somente o tempo de sono....

“Os preços dos combustíveis lá em cima e a pouca demanda, faz, por exemplo, que a gente não pague o INSS. Eles estão pedindo que a gente seja micro empreendedor. Se a gente for fazer tudo que a gente o que tem que ser feito. O que a gente ganha por mês não dá. A gente trabalha mesmo pra pagar as parcelas do carro, as despesas de casa e alimentação e não sobra nada”.

Mais adiante, Adelson revela como o tempo de vida reduzida a tempo de trabalho, afeta as relações familiares como fica evidente nessa fala de Adelson:

Não tenho tempo nem pra falar assim: “Ah! vou à igreja! Vou tirar pra brincar com o meu neto! Você tem que pensar que você tem um trabalho pra fazer e tem que ir mesmo; e tem que ir trabalhar; se ficar tirando folga você chega ao final do mês e você não paga as contas”.

O drama do trabalhador que se encontra impossibilitado de ver o neto crescer, é a expressão da categoria criada por Giovanni Alves (2013) denominada de “vida reduzida”. Ela significa a vida veloz na medida em que a produção em rede,

³³ Os preços dos produtos nos supermercados tiveram alta de quase 3% em março, segundo o Índice de Preços dos Supermercados, apurado pela Apas (Associação Paulista de Supermercados) em parceria com a Fipe. O aumento de 2,64% foi o maior para o mês na série histórica, iniciada em agosto de 1994. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/business/preco-de-alimentos-tem-alta-
recorde-para-marco-com-avanco-de-264-mostra-
indice/#:~:text=Os%20pre%C3%A7os%20dos%20produtos%20nos,iniciada%20em%20agosto%20de%201994](https://www.cnnbrasil.com.br/business/preco-de-alimentos-tem-alta-recorde-para-marco-com-avanco-de-264-mostra-indice/#:~:text=Os%20pre%C3%A7os%20dos%20produtos%20nos,iniciada%20em%20agosto%20de%201994). Acesso em 24/06/2022.

utilizando tecnologias informacionais sob os requisitos da gestão toyotista, intensifica o movimento de rotação do capital e, por conseguinte, o processo de produção como totalidade social. Nas condições de crise estrutural de valorização do valor, exacerba-se a ânsia de valorização do capital, incrementando-se o movimento de rotação dos circuitos de valorização do valor. Ao mesmo tempo, a vida reduzida é vida sinalizada (avaliada e qualificada) na medida em que estamos diante não apenas da suposta “sociedade da comunicação”, mas sim da sociedade da comunicação-reduzida-a-sinalização, tal como ocorre, por exemplo, no *kaban* como método da gestão toyotista. Na sociedade midiática formada por redes, a comunicação contém um elemento de sinalização de procedimentos e requerimentos instrumentais que envolvem irremediavelmente o sujeito.

2.4 Tiago e o ressentimento social

Antes de ser motorista de aplicativo, Tiago foi consultor de vendas, um trabalho que, segundo ele, era muito estressante. A intensidade do ritmo de trabalho e o enfraquecimento das vendas fez com que Tiago resolvesse se arriscar como motorista de aplicativos:

“Eu gosto da Uber porque junta duas coisas que gosto solidez e liberdade. eu faço 99, faço Uber mais dou prioridade para a 99 porque é mais; parceiro, mais parceiro porque ele pega menos repasse nosso. A vida inteira eu trabalhei com vendas desde de os 12 anos de idade. Eu percebi que vendas descarta muito a mão-de-obra. Eu gosto de solidez e gosto de liberdade e a pressão de vendas também é muito alta. Então me sinto num ano sabático assim trabalhando para aplicativos. Então é algo que tem feito bem pra mim.” Sem nenhum patrão cobrando metas estratosféricas. Tinha pressão que eu já fazia sobre mim também. Porque eu mesmo me pressionava. “Você cresce cem por cento e ainda não é bom.”

O discurso da liberdade de mercado é bastante presente na fala de Tiago; assim como a dificuldade que ele sente diante de cobranças. Conforme observou Han (2010), o discurso da liberdade de mercado oculta a realidade objetiva da coerção da exploração, pois o discurso da liberdade “empodera” o sujeito. Tal empoderamento abrolha uma experiência subjetiva de que a liberdade nada mais é que um simulacro de liberdade de escolha. Assim o sujeito passa a acreditar que ele faz porque deseja. A coação deixa de ser exercida por outro externo e passa a ser exercida internamente como o poder fazer. Yes, we can!³⁴

³⁴ Sim, Nós podemos!

Vivemos uma fase histórica particular em que a própria liberdade dá lugar a coações. A liberdade do poder fazer engendra até mais coações do que o dever disciplinar. O dever tem um limite. O poder fazer, pelo contrário, não tem limite algum. É por isso que a coação que vem do poder fazer é ilimitada. (HAN, 2015, P11-12).

Tiago fala de uma forma como se ele estivesse distante da tragédia do desemprego; e acredita que optou por trabalhar com aplicativos. Ele não percebe que a empresa em que trabalhava, criou uma situação insuportável, obrigando-o a pedir demissão:

“Tenho gostado de trabalhar com essa livre iniciativa aqui. Eu fico online e offline quando no dia que eu quero e como eu quero. Não tenho compromissos com horários. Fica tudo ao meu critério eu tenho feito Uber e 99 porque eu quero, porque vendas está aberto para mim. Eu tenho experiência muito boa e grande com vendas e com grandes marcas. Talvez eu volte, talvez seja uma fase.”

A fala de Tiago é a fala de quem acredita que teve opções, para fazer ou não fazer determinadas escolhas em relação a sua vida profissional. É preciso deixar claro que o excesso de cobranças por metas “estratosféricas”, provocou a saída do vendedor, embora o seu mecanismo de defesa subjetiva (a “negação”), não permitiu que ele enxergasse a realidade sem a ilusão da ideologia do empreendedorismo. Tiago não fez uma escolha, mas foi obrigado a optar por um outro trabalho menos estressante. Diz ele:

“Tem gente que reclama, mas pra mim tá tranquilo como eu trabalhava com um nível muito grande e alto de pressão de cobrança. Eu repito pra você: parece que estou de férias trabalhando para aplicativo, me sinto livre nada pressionado”.

Portanto, a lógica perversa do mercado de trabalho fez parecer a Tiago que tudo é uma questão de escolha e do exercício da liberdade. A ideologia do capital escondeu a face cruel da superexploração do trabalho e da desvalorização da pessoa humana – isto é, a *desefetivação* humana de Tiago. A lógica do mercado foi incorporada na percepção que Tiago tem da própria vida:

“Tudo é venda se você é advogado você vai vender uma opinião pra um juiz. Só que aqui eu não tenho pressão só tenho o bom senso. É o bom senso que traz um atendimento bacana que reflete em notas boas, tranquilo no começo eu ficava oito, dez horas, já cheguei a ficar dezesseis horas. Hoje eu só trabalho o tempo que preciso”.

Tiago tem o tempo de satisfação de suas necessidades de vida controladas pelo capital. Isso faz parte do capital: o controle do tempo de vida do trabalho vivo. Assim, o tempo de satisfação de suas necessidades de vida e no limite, o tempo de vida de Tiago, é alienado pelo trabalho da plataforma com seu controle algorítmico. De modo que a abundância e desejo da vida fosse “capturada” pela lógica e necessidade do capital.

Já não trabalhamos para as nossas necessidades, mas trabalhamos para o capital. O capital engendra as suas próprias necessidades, que erradamente, percebemos como próprias necessidades. O capital representa uma nova transcendência, uma nova subjetivação. Somos de novo repelidos do nível da imanência da vida, em que a vida se referida a si própria, em vez de se submeter a um fim exterior. (HAN, 2015 p16)

Consideramos a entrada de Tiago para o trabalho de plataformas, como sendo “covardia moral”³⁵. Ela é o recurso do ressentido para não ter que avaliar suas escolhas, e depois se arrepender, o neurótico usa tal recurso para não ter que se deparar com a responsabilidade sobre seu sofrimento. Preferindo seguir por caminhos seguros, onde não haja riscos de deparar-se com nada que lhe indique desejos contrários ao caminho certo para uma vida “normal”. Ele se omitiu de forma calculada, sem fazer o enfrentamento e a luta por dignidade de classe: isso fica claro na fala de Tiago quando ele diz: “Eu gosto da Uber porque junta duas coisas que gosto solidez e liberdade”. A liberdade é apenas uma palavra vazia na narrativa de Tiago, pois a liberdade se constitui como um desejo coletivo porque não existe liberdade individual em um sistema de opressão, exploração e espoliação.

É aqui que reside a inteligência característica do regime neoliberal. Não permite que surja resistência alguma frente ao sistema. No regime da exploração de outrem, pelo contrário, é possível que os explorados se solidarizem e se levantem unidos contra o explorador. É precisamente nesta lógica que se baseia a ideia de Marx da ditadura do proletariado. Todavia, trata-se de uma lógica que pressupõe relações de dominação repressivas. No regime neoliberal do auto exploração, cada um orienta a agressão em direção a si próprio. Esta autoagressão transforma o explorado, não em revolucionário, mas em depressivo (HAN, 2015, p16)

³⁵ É um aspecto clínico do ressentimento articula-se a um aspecto ético que Freud batizou de “covardia moral”. O ressentido seria aquele que renuncia a seu desejo em nome da submissão a um outro (identificado no lugar de supereu) mas depois vem cobrar, insistentemente, pelo desejo negado. A expressão é utilizada por Freud no relato do caso de “Miss Lucy R. em: J Breuer e S. Freud, Estudos sobre a histeria (1893-1895). Rio de Janeiro imago, 1987

Existe uma luta brutal dentro do próprio sujeito que é dividido em: senhor e escravo ao mesmo tempo. Hegel pensava na posição do escravo como um sujeito em si e para si, como uma contradição do senhor, mas que fornece a substância ao senhor. O senhor era pensado por Hegel como um sujeito, sem substância que precisa do escravo para que este diga quem ele é. Pensar em uma subjetividade que carrega dentro de si a contradição fenomenológica dividida. É pensar em um sujeito angustiado que precisa alimentar o próprio senhor interno, pois agora o mestre e o escravo são um só. A angústia pode ser pensada como um produto dessa dialética. A angústia no caso de Tiago aparece na forma do ressentimento, isto se deve ao fato de o ressentimento representar uma solução ética diante do próprio fracasso, pois o ressentimento é uma forma de sofrimento composta por uma constelação afetiva que serve aos conflitos entre as exigências imaginárias próprias do individualismo e os mecanismos de defesa do eu próprios do narcisismo (KEHL, 2011).

A queixa ressentida de Tiago sinaliza exatamente a incapacidade de luta e mobilização dos trabalhadores brasileiros. Então, a “covardia moral” aparece como sendo a posição ética da relação em que os “explorados” não se percebiam como sendo “explorados”, ao contrario disso:

O ressentimento na sociedade brasileira está enraizado em nossa dificuldade em nos reconhecemos como agentes da vida social, sujeitos de nossa história, responsáveis coletivamente pela resolução dos problemas que nos afligem. Suas raízes remontam à tradição paternalista e cordial de mando, que mantém os subordinados em uma relação de dependência filial e servil em relação às autoridades políticas ou patronais, na expectativa de ver reconhecidos e premiados o bom comportamento e a docilidade de classe (KEHL,2015, p323)

O sofrimento de Tiago liga-se ao sofrimento dele ter feito tudo o que o Outro³⁶ esperava dele, entretanto seu esforço e auto sacrifício para executar as tarefas cotidianas impostas pela empresa não foram reconhecidas pela própria empresa. Tiago é um trabalhador responsável e motivado; e o que ele espera como contrapartida é respeito, dignidade e, sobretudo, reconhecimento. Porém, a nova lógica do capitalismo neoliberal é promover o sofrimento psíquico como técnica

³⁶ “Outro” é o termo utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico que, tanto pode ser um significante, a lei, o nome, a linguagem, o inconsciente, ou ainda Deus, que determina o sujeito, tanto Inter como intersubjetivamente, em sua relação com o desejo. O grande “Outro” quando evocado enquanto lei paterna interrompe a ligação visceral da criança com a mãe.

visando tornar os trabalhadores mais produtivos – o que é parte do sistema do toyotismo. A técnica utilizada para promover o sofrimento é pela humilhação³⁷. Entretanto, Tiago não teve condições de perceber a farsa da empregabilidade³⁸ – Ou seja, não basta ser um bom empregado para ser reconhecido por isso. Mas o que acontece é justamente o contrário:

O ressentimento é produto ativo de afetos reativos que funcionam como parâmetro das ações humanas (SPINOZA, 2007). Diante do “pacto violado”³⁹, o ressentido vê-se numa prisão temporal que, a todo tempo faz, com que ele lembre, o pacto quebrado sem sua autorização, fazendo com que o sujeito sofra pela repetição mental do pacto quebrado “re-sentindo” (KEHL,2011). Compreendendo o ressentimento como uma magoa que nunca passa, ele é um mal-estar que é reiterado dia após dias nas palavras de Tiago: “Você cresce cem por cento e ainda não é bom.”

2.5 Mauro, o “empresário de si”.

Antes de trabalhar com aplicativos, Mauro foi garçom e gerente de barzinho, à noite na cidade de Marília (SP). O discurso inicial de Mauro é paradoxal⁴⁰, pois entendia que no trabalho como de motorista de aplicativo, tinha liberdade porque não possuía chefe e nem horários fixos. Pois no trabalho anterior como garçom, ele trabalhava final de semana e feriados. Todavia, Mauro ainda é capaz de elogiar a liberdade da Uber, por exemplo, relata horas exorbitantes de horas de trabalho; em média, dez ou doze horas por dia, incluindo o final de semana tanto ou mais do que ele trabalhava como garçom Mauro diz:

“Antes trabalhava no restaurante como gerente de barzinho”. Hoje trabalho como Uber e tenho mais tempo pra família. Antes eu trabalhava sábado, domingo e feriados. Hoje também trabalho no sábado, domingo e feriado. Eu trabalho de seis da manhã até às seis da tarde uma média de doze horas ou dez horas por dia, pra tirar uma grana. À noite eu só faço de vez em quando.

Mauro só vê vantagem trabalhando no Uber porque ele consegue pegar em dinheiro todo dia e não tem chefes nem horários fixos diz Mauro:

³⁷ HELOANI, R; BARRETO, M. *Assédio Moral - Gestão por Humilhação*. Juruá Editora. S.P. 2018

³⁸ É a ideologia neoliberal que alimenta a crença da potência individual sobre a capacidade que um profissional tem para se manter no mercado de trabalho. O conceito diz respeito à aptidão de uma pessoa de se manter ativa no mercado de trabalho.

³⁹ Entendemos por pacto violado o acordo consciente e inconsciente que o trabalhador faz com o empregador em que ele faz o melhor de si e em troca ele será reconhecido por seus esforços e superação constante.

⁴⁰ É um discurso incoerente ou absurdo que chega à insensatez.

“As despesas são por minha conta e eu tenho que me disciplinar [pois] a gente pega em dinheiro todos os dias. Eu me sinto como empreendedor porque é um trabalho que só depende de mim”.

O que ele não percebe é que nem todo dinheiro que lhe passa pelas mãos é dele. Então ele descobre que precisa ter bastante organização financeira, senão ele fica sem pagar as contas (porque o dinheiro é pouco).

A percepção de Mauro sobre empreendedorismo faz parte do senso comum. Para Mauro empreendedorismo significa depender apenas de si mesmo. Isto representa um engodo linguístico, produzido pelo discurso ideológico hegemônico do capitalismo. Ninguém se torna empreendedor porque depende de si mesmo, mas ser empreendedor é ter dinheiro para investir em negócios, ter capital de giro para manter o negócio funcionando até começar a dar lucro. Ninguém pode ser empreendedor se endividando para conseguir manter um negócio. O dito “empreendedorismo” de Mauro é na realidade “sobrevivencialismo”. “Sobrevivencialismo” é ato desesperado de luta pela sobrevivência, não existe escolha livre e planejada por Mauro. A única escolha de Mauro é não morrer de fome. Existe uma confusão significativa na fala de Mauro. Ele pensa que empreender é “ser responsável por si e não ter patrão”. A ideologia do empreendedorismo tem a função de alienar o trabalhador a respeito da sua vida objetiva, criando uma ilusão que o distancia da realidade concreta Alves, (2013) nos ensina que:

O campo da alienação/estranhamento se situa no “espaço interior” do indivíduo como uma contradição viva entre (1) a aspiração por uma autodeterminação da personalidade e a multiplicidade das suas qualidades e (2) das suas atividades que visam á reprodução de um “todo estranho.” (ALVE), 2013, p.110).

O sofrimento de Mauro consiste na incapacidade de perceber a si mesmo de forma objetiva. Mauro se apoia psicologicamente em uma idealização, ou uma fantasia de si mesmo. A ideologia do empreendedorismo é a responsável pela produção do sofrimento em Mauro. Por outro lado os grupos sociais dos quais o motorista faz parte esperam que ele assuma o lugar de um empreendedor de sucesso. Não existe espaço para que esse sujeito possa perceber a si mesmo. Ele é induzido através da ideologia dominante a se comportar e ocupar um lugar que nem ele mesmo acredita que seja. Cria-se um sujeito angustiado dividido e solitário. O

estranhamento vem justamente dessa falsa realidade que Mauro é obrigado a assumir. Isto implica dizer, que Mauro não possui condições de rever suas escolhas principalmente devido à pressão social de possuir uma família e precisar prove-la sem nenhum sozinho sem nenhum tipo de seguridade social. O estado neoliberal impõe que as pessoas cuidem de suas famílias porem sem fornecer condições para tal obrigação.

2.6 Carla e a submissão ao D(eu)s Mercado.

A motorista “uberizada” Carla, trabalhou anteriormente como operadora de telemarketing e representante de vendas. Apresentou-se como sendo “terapeuta holística” ⁴¹. Nessa pequena apresentação de Carla já fica explícito a situação de precariedade que ela vem imersa. Carla também tem filhos e isso faz com que a situação de precariedade e sobrecarga de trabalho seja mais penosa. Antes de se reinserir no mercado de trabalho, ainda de forma mais precária por meio dos aplicativos Carla havia parado de trabalhar para cuidar dos filhos, Carla diz:

“Antes de retornar a meu trabalho como terapeuta holística eu era mãe em tempo integral, porque optei por parar a carreira *para investir nas crianças*. Eu tenho três filhos. Só que esse tempo foi de treze anos”.

A percepção que Carla tem a respeito da maternidade. Ela não diz que parou de trabalhar para cuidar dos filhos, mas, muito pelo contrário, ela parou de trabalhar para “investir” nos filhos. Eis a incorporação da gramática financeira na afetividade

⁴¹O termo terapia holístico refere-se à abordagem no tratamento médico/ psicoterápico baseada na teoria de que os organismos vivos e o meio ambiente funcionam juntos como um todo integrado ver: holismo. Tal concepção traz implícita a ideia de que, ao serem reunidos para constituir uma unidade funcional não é uma especialidade médica, não sendo exclusiva de nenhuma e podendo ser aplicada em todas. A terapia holística é uma prática recente no campo terapêutico e por vezes utilizada também por psicólogos, apesar de não ser reconhecida como cientificamente válida. Sobre terapias holísticas o conselho de psicologia tem a seguinte opinião: O deputado Luciano Castro (PSDB, RR), relator na Comissão de Trabalho da Câmara dos Deputados, quer regulamentar a profissão de terapeuta holístico terminologia sob a qual se abriga um amplo universo de atividades sem embasamento científico, como cartomancia, cura pelas pedras preciosas, búzios e diversas outras não podem ser confundidas com uma visão religiosa ou prática comercial. Esse posicionamento na Psicologia se contrapõe às práticas alternativas que surgem cada vez mais em nosso meio profissional e acadêmico, onde se apresentam como algo novo, moderno e dizendo-se em oposição a uma Psicologia que possui uma visão fechada e preconceituosa do ser humano. Castro emitiu parecer favorável ao projeto de lei 2783/97, que define a matéria, alterando seu texto original. Pelo novo texto, a profissão poderá ser exercida por médicos, psicólogos, demais profissionais de saúde e por leigos, estes desde que com formação reconhecida pelo Conselho Federal de Terapia Holística que passa a ser considerado legal pelo mesmo projeto. Para o CRP SP, a iniciativa contribui para a desqualificação do atendimento de saúde à população, criando um guarda-chuva legal que passará a abrigar prestadores de serviços sem base científica, colocando a população exposta a serviços sem qualificação. texto integral disponível em: http://www.c rps p.org.br/ p ortal/comunicacao/jornalcr p/121 /frames/fr_opinia o .aspx. Acesso em: 02/01/2022.

da mulher trabalhadora e mãe. Isto implica dizer que o estado neoliberal criou uma espécie de invasão do capital no inconsciente materno. Ele é colonizado pelas relações de troca, fazendo com que os laços entre mãe-bebê sejam “coisificado”. Temos então o melhor exemplo do significado de reificação.

O sujeito mediado pela relação de troca e pelo conjunto de “leis coercitivas” dos mecanismos do mercado é conseqüentemente, o sujeito sujeitado de quem fala Adorno, a própria coisificação dos homens consumada objetivamente nas relações sociais. A este sujeito, marcado pela impessoalidade das relações sociais, pela mediação universal do mercado e dinheiro e pela impotência estrutural, é contraditoriamente, concedida a ilusão e da liberdade de escolha (BARREIRA, 2005, p 16)

Nesse ponto, Carla “desumaniza” suas crianças, e aponta para sua modalidade de sofrimento, pois criança não é investimento. O sofrimento de Carla é à incorporação da lógica econômica na vida afetiva, sendo ela uma das expressões da “reificação”.

“Está chegando em um momento da vida que cada um deve dar o melhor de si, e se eu for lá pedir direitos trabalhistas eu vou estar querendo mais uma vez pegar um recurso que é novo, uma nova ideia e jogar no padrão antigo, ao invés de mudar o meu padrão de pensar. Eu vou parar de terceirizar a minha responsabilidade. Eu tenho que pegar isso e fazer uma reserva para problemas médicos futuros e vou fazer uma reserva para a minha aposentadoria. Eu vou parar de depender do outro. Eu vou parar de transferir a minha vida, minha responsabilidade que é minha, sobre os outros.”

No entendimento de Carla, tudo está na mais perfeita ordem: o problema é que as pessoas não querem se adaptar às “novas ideias” - isto é, a nova ordem neoliberal. É como se houvesse uma “normatização” do caos implantado pelo capitalismo neoliberal:

O caráter autoregulativo da atividade social dos indivíduos se expressa na sujeição destes aos mecanismos sistêmicos da produção desenfreada de mercadorias. Se inicialmente as formas de sujeição se deram a partir da coação externa, num processo de constituição coercitivo da sociedade do trabalho, o caráter autoregulativo do indivíduo moderno pressupõe ao longo do tempo uma adaptação quase automática a esse poder, que se expressa como exterior. Os indivíduos autoregulativos são aqueles que passaram por de internalização das coerções capitalista (BARREIRA, 2005,p 14).

O discurso da “ordem do equilíbrio das coisas” é bastante comum na terapia holística que tem o objetivo de adaptar os sujeitos ao mundo do capital. Carla faz o discurso da adaptação e da aceitação das leis “perversas” a nova ordem produtiva

neoliberal. Ela aceita e reproduz o discurso do neoliberalismo, mesmo sem saber. A cegueira ideológica em relação à realidade objetiva se constitui como um sonho que impede os sujeitos de despertarem (ŽIŽEK, 2009). A ideia defendida por Carla é que todos devem se submeter às regras racionais e impessoais do mercado isso porque a sociedade que Carla vive, foi radicalmente despolitizada e ela não encontra nenhum discurso que se contraponha a ideia do mercado como parte da natureza humana (SAFLATE, 2021).

Carla diz que as novas tecnologias de plataforma ditas disruptivas, tais como Uber e 99, vieram para libertar a humanidade das “antigas crenças” sobre formas de trabalho que aprisionavam as pessoas, impedindo-as de viver livremente. Tais mudanças de paradigmas do capitalismo de plataforma, de acordo com Carla, a exploração e espoliação do trabalho são sinônimo de liberdade, o conceito de liberdade aparece em Carla de forma estranhada, pois a liberdade não se configura como um desejo individual, mas a liberdade é um desejo coletivo. Vejamo um expleo de distorção ideológica apresentada por Carla a seguir:

“Eu vejo a Uber e a 99 e todos os aplicativos disruptivos que estão aparecendo no momento como uma oportunidade de quebrar tudo isso. [As leis do trabalho] que a gente vive há dezenas de anos. Na verdade, há mais de 100 anos com a revolução industrial e toda essa conversa histórica aí. A gente acabou se prendendo a algumas formas de pensamento. E os aplicativos e toda essa modernidade, estão proporcionando uma mudança de forma de pensamentos e das crenças que aprisionam as pessoas em um serviço padrão. Em que a pessoa chegava de oito horas [da manhã] e trabalha, trabalha, trabalha, [e vai para casa], deitar, [dormir], acordar e voltar tudo de novo. Hoje a pessoa tem a oportunidade de poder cuidar dos filhos”.

A ideologia do capitalismo neoliberal cria a fantasia de que o passado, precisa ser superado em nome do Progresso. Tudo que se liga à tradição da luta operária precisa ser denegada em nome da liberdade individual. Como observa Castro,

Se meu passado somente representa quinquilharias da tradição das quais tenho que me desprender para ser flexível e empregável: se meu presente; e se meu futuro é reduzido a metas e resultados quantitativos variáveis que descartam possíveis desejáveis, isso significa que minha existência se restringiu à temporalidade produtiva, tornando sem valor o tempo subjetivo (CASTRO, 2020, p375).

Deste modo, com a chegada das plataformas de trabalho sob demandas, Carla – representa para Carla à materialização da liberdade e a evolução da sociedade, Carla diz:

“Eu me sinto segura. Utilizo outro aplicativo de localização eu gosto de trabalhar a noite. Eu nunca me senti insegura. Porque estou indo buscar uma pessoa que também foi avaliada pela plataforma”.

Entretanto, outras entrevistas que fizemos com motoristas de aplicativos, desmentem a “sensação de segurança de Carla”. Eis o que observou um deles

“A experiência em ser motorista de aplicativo resulta em alguns dramas porque você transporta pessoas que não conhecemos você está em risco [e, portanto,]. Já passei por situações complicadas eu já sofri várias vezes “Tentativas de assalto”. (R. 52 anos, motorista de aplicativo)

Outro motorista acrescentou

“A situação está se deteriorando a cada dia. A minha previsão é que estão morrendo de 15 a 20 motoristas de aplicativos por mês no Brasil. E não tem ninguém se importando com isso quando o motorista cai e se quebra todo a empresa chama o próximo.” W. 52 anos motorista de aplicativo.

Tendo em vista a sua crença fervorosa no mercado, Carla entende que as empresas tem responsabilidade em relação à vida dos trabalhadores. Todavia, a realidade concreta vem mostrando o nível de insegurança ao qual estão expostos os motoristas “uberizados” e os passageiros das plataformas de transporte individual, principalmente nas metrópoles brasileiras. As queixas de assaltos, roubos de carro e violência sexual da qual passageiro e motorista vem enfrentando todos os dias são crescentes ⁴² nas redes sociais, como Whatsapp, Facebook, Youtube. Entretanto existe pouca cobertura jornalista sobre isto. Carla também faz uma crítica às pessoas que preferem ter emprego fixo (jornada de trabalho de 8 horas e direitos trabalhistas) porque segundo ela:

⁴² “Motorista de aplicativo é morto enquanto trabalhava em Campina Grande” - PB. In: Jornal Correio. João Pessoa, 1 jan. 2022. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/motorista-de-aplicativo-e-morto-equanto-trabalhava-em-campina-grande/>. Acesso em: 4 jan. 2022.

PAULO, José. “Motorista de aplicativo é morto enquanto trabalhava em Campina Grande” - PB. In: Motorista de aplicativo é morto a tiros em Feira de Santana. Feira de Santana-BH: Aratu Online, 2019. Disponível em: <https://aratuon.com.br/noticia/geral/motorista-de-aplicativo-e-morto-a-tiros-em-feira-de-santana>. Acesso em: 4 jan. 2022.

Nobrega Fábio. Motorista de aplicativo é roubada e estuprada durante corrida. Recife-Pernambuco. 22/09/20. Folha Pernambuco. disponível em <https://www.folhape.com.br/noticias/motorista-de-app-e-estuprada-e-roubada-durante-corrida-recife/155580/>. Acesso em. 02/12/2022.

Motorista conhecido como “maníaco do aplicativo” é preso por suspeita de importunação sexual. Baurú Marília, 10/02/2021. Portal G1 disponível em <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/09/10/motorista-conhecido-como-maniaco-do-aplicativo-e-presos-por-suspeita-de-importunacao-sexual.ghtml>

“nós nos prendemos a algumas formas de pensamento e de crenças que nos aprisionam num serviço padrão e nos impede de ver toda essa modernidade dos aplicativos que nos mostram a necessidade, de termos várias fontes de renda para completar o salário final”. Os motoristas de aplicativos precisam se “empoderar” e se unir sem esse negócio de sindicatos de direitos trabalhistas.

Assim, paradoxalmente elogia a iniciativa das plataformas que segundo ela tem o direito de alienar do motorista “uberizado” tal valor tendo em vista que foram as empresas tecnológicas que criaram o aplicativo de transporte:

“Eu já tive desconto de 45% porque dependendo do trajeto o algoritmo faz isso e é extremamente frustrante, mas também é o seguinte eles desenvolveram o aplicativo e a plataforma. Eles [os donos da empresa de plataforma] têm esse direito”.

Carla é um exemplo da completa submissão do sujeito ao mercado. Na visão dela, o mercado é capaz de se organizar promovendo oportunidades iguais a todos. Como se o empreendedorismo e a competitividade fosse características inatas ao sujeito e que surgem quase que de forma espontânea. A ideologia neoliberal sustenta-se na premissa de que as características do empreendedor sejam necessariamente boas, como um produto da “evolução humana”, pois isso levaria a menos intervenção do Estado sobre o sujeito individual. A narrativa de Carla nos ajuda a pensar na essência do neoliberalismo que se difunde na sociedade. *Modus Operandi* da “captura” da subjetividade é a intervenção direta na vida social formando novas estruturas psíquicas (ALVES, 2011), isso porque o neoliberalismo não é apenas um sistema econômico, mas se constitui como uma verdadeira engenharia social. Pois, como diria a Margareth Thatcher: “Economia é o método, o objetivo é mudar o coração e a alma” (SAFLATE, 2021). A narrativa de Carla sobre a Uber e o mercado é possível perceber como um “espírito do toyotismo” produz a “capturar” da subjetividade do sujeito. Pois existe uma incorporação da lógica empresarial e econômica como a única forma possível de vivencia subjetiva. Quando Carla fala da união e “empoderamento” ela esta convencida de que o atual estado de coisas esta levando necessariamente uma solidariedade universal, com menos burocracias e intervenções estatais.

Quando Carla fala com desprezo em relação aos sindicatos percebemos a passagem do sujeito social pertencente a uma classe e a um coletivo para um

sujeito psicológico operadores do sistema capitalista que perdeu a capacidade de problematizar a realidade objetiva como produto radical da despolitização da sociedade (SAFLATE, 2021).

2.7 Os diários dos motoristas “uberizados”

Não foi tarefa fácil realizar uma pesquisa de campo durante uma pandemia. As adversidades nos possibilitaram entrar em contato com o mundo virtual e descobrir novas formas de sociabilidade dos motoristas de aplicativos por meio de netnografias. Para refletirmos sobre o mal-estar da experiência de trabalho dos motoristas “uberizados”, começamos a observar o comportamento virtual deles a partir de maio de 2021. Buscamos reunir elementos por meio da análise de vloggers⁴³ de oito motoristas de aplicativos: *Felipe 3 balas*⁴⁴, *Bruna Grellet*⁴⁵, *Falando de Uber*⁴⁶, *Uber 24 horas*⁴⁷, *Na lata driver*⁴⁸, *Uber sem limites*⁴⁹, *Uber do Izaias*⁵⁰ e por último, *Lady Driver*⁵¹. No Vlogger, os motoristas de aplicativo registram diariamente a sua jornada de trabalho em tempo real, expondo a intimidade do trabalho. Analisamos também postagens no grupo do Facebook intitulado “Uber 99 Somente Motoristas”⁵² (a ideia dos grupos no Facebook é disponibilizar um espaço no qual a comunidade pode deliberar, compartilhar conhecimento, colaborar e fazer novas conexões) e por

⁴³ Vlogger é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. A grande diferença entre um vlog e um blog está mesmo no formato da publicação. Ao invés de publicar textos e imagens, o vlogger ou vlogueiro, faz um vídeo sobre o assunto que deseja. A plataforma, ou seja, o site que os internautas mais utilizam para publicar os seus vídeos é o YouTube. Para isso, o vlogger precisa criar um canal no site, que funcionará como um vlog para seus vídeos. No entanto, existem outras inúmeras plataformas destinadas para este conceito de "página pessoal".

⁴⁴3BALAS, Felipe. Felipe3 Balas. 15 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC83BADLgctQj0Z4HTiuxR5Q>. Acesso em: 4 jan. 2022.

⁴⁵ Bruna Grellet. Bruna Grellet. 29 de set. de 2011 disponível em: <https://www.youtube.com/user/BrunaGrellet>. Acesso em 04/01/2022

⁴⁶ Samuel. Falando de Uber. 04/02/2018 disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCFA-LANDO-DE-UBER>. Dia de acesso: 04/01/2022

⁴⁷ Daniel. Uber 24 horas. 09 de ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCUBER24HORASSP>

⁴⁸ Henrique. Na Lata Driver. 20 de mai. de 2016. Disponíveis em: <https://www.youtube.com/channel/UCNaLataDriver> dia de acesso: 04/01/2020

⁴⁹ Erick. Uber sem limites. 5 de jun. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCUberSemLimites>. Dia de acesso: 04/12/2020.

⁵⁰ Izaias. Uber do Izaias. 16. dez. 2017 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dQdOiO9dvA> dia de acesso. 04/01/2020

⁵¹ JANAINA. Lady Driver. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCLadyDriveer>. Dia de acesso. 04/01/2020.

⁵² Uber/99 somente motoristas de aplicativos. (Grupo no Facebook): Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/585453765194469>. Dia de acesso. 07/12/2021

ultimo conseguimos algumas entrevistas concedidas por meio de lives, para tentar ter uma maior percepção da subjetividade dos trabalhadores de aplicativos.

Os documentos virtuais depositados na internet representam importantes registros sobre a rotina de labor dos motoristas e o smartphone permitiu tal show “do trabalho”. Diz Sibilia:

A exibição da intimidade, que hoje se prolifera, parece ser fruto de um deslocamento dos eixos em torno aos quais as subjetividades modernas se construíram, de um lado, registra-se um abandono daquele lócus interior, em proveito de uma gradativa exteriorização do eu. Por isso, em vez de solicitar a técnica da introspecção, que procura sondar dentro de si para decifrar o que se é as novas práticas incitam o gesto oposto: impelem a se mostrar tendo como alvo o olhar alheio (SIBILIA, 2016, p. 153) .

A nova forma de comunicação e escrita pela via da imagem expostas nos “diários virtuais” como os vloggers indicam o surgimento de outras sensibilidades e percepções de mundo; e inclusive, outra subjetividade desefetivada do trabalho. Nosso desafio nesta análise dos vloggers dos “uberizados” foi pensar em “novas subjetividades do trabalho” que emergiram a partir da exposição da condição de proletariedade extrema exibida pela Internet. Como vimos no primeiro capítulo, no tempo histórico da barbárie social, presenciamos o espetáculo da miséria subjetiva, com novos tipos de identificação ou superidentificação expondo modalidades de gozo fragmentadas (signo da morte em sua movimentação passiva ou agressividade). A superidentificação se da pelas experiências de indeterminação, isto significa dizer que são identidades da não identidade, do fragmento, que apontam para algo que esta fora da linguagem, Conforme observou Dunker:

Junto com o neoliberalismo, a linguagem digital trouxe uma parasitagem do espaço público pelo privado e vice-versa. Não é o privado que é destruído, mas a intimidade entre o eu e o outro. Na intimidade, não é preciso haver os mesmos traços de identificação, mas estar junto nas experiências de indeterminação em uma viagem que não se sabe aonde vai dar (DUNKER, 2021 p. 6.).

O capitalismo neoliberal trouxe novas formas de sociabilidade que nada mais são do que desefetivação humana-genérico, isto implica dizer que a intimidade é destruída e a alteridade é reconhecida como objeto de horror. Esse objeto, horripilante e perigoso precisa ser mantido a distância máxima de segurança e

precisa também estar neutralizado da sua substancia, essência, alteridade que é sentida como “tóxico”. O horror ao outro se transforma na forma de estabelecer laço, ou melhor, uma contradição do laço social, um não laço, isto significa dizer que é o “eu” contra o “outro” que nada mais é do que um invasor que me causa repulsa. A intimidade é destruída e em seu lugar surgem formas de parasitagem entre o espaço público e privado. Essa observação do Dunker (2021) capta com bastante sagacidade psicanalítica o laço social na era do sociometabolismo da barbárie.

2.8 O risco de assaltos- O horror é o outro

Em primeiro lugar, a maioria dos motoristas se utiliza dos vloggers como instrumento de segurança pessoal, como espaço de subjetivação e alguma ascensão social. Tal, forma de proteção individual, surgiu em decorrência da insegurança pública e desamparo social a qual estão expostos os motoristas de aplicativos nas metrópoles. Eles estão completamente à mercê da violência do trânsito da cidade grande. Por exemplo, encontramos postagens no YouTube sobre assaltos, insultos, homicídios, desaparecimentos e sequestros de motoristas e passageiros de aplicativos. A situação da insegurança vivida pelos motoristas de aplicativos é brutal conforme podemos observar na entrevista abaixo, Diário de Campo, 30/04/2020:

W, 60 anos ex-motorista de aplicativos hoje trabalha como taxista é formado em administração de empresas fala inglês e espanhol. W representa o gerontariado que não tem condições para se aposentar. Ele começou a trabalhar com a uber após uma tragédia familiar e devido ao desemprego. W. 60 anos perdeu a mãe, a esposa e a avó em um intervalo de 3 anos, sozinho e endividado começou a trabalhar para a uber e durante a entrevista fez o seguinte relato:

“A situação esta se deteriorando a cada dia a minha previsão é de que está morrendo de quinze a vinte motoristas por mês no Brasil e ninguém esta se importando com isso. Quando o motorista cai e se quebra, morre ou entra em falência ninguém se importa. A uber chama o próximo e ninguém esta se importando com isso. Isso é uma aberração total o que a uber quer é destruir o transporte público ele agora criou a Buser para transporte entre cidades. A uber quer quebrar tudo esse modelo é insustentável porque só transporta três passageiros. Do ponto de vista ambiental e do trabalho humano é uma catástrofe totalmente inviável porque ele escraviza não dá direitos trabalhistas. é inviável porque a todo tempo ele afronta a lei as nossas instituições democráticas. Para transportar um passageiro o carro tem que ter placa vermelha. Em uns pais serio jamais um carro com placa

branca poderia está transportando passageiros. Até carro funerário tem placa vermelha”

O ponto central do mal-estar tratado aqui diz respeito à experiência de desamparo. O desamparo das políticas do neoliberalismo é vivido como a tragédia subjetiva, pois o seu destino pulsional leva necessariamente a violência, crueldade e destruição (BIRMAN, 2006). É comum em postagens dos proprietários de vloggers sobre medo e violência. Tais postagens são comentadas pelos demais motoristas de aplicativo e pelo público em geral que acompanha o diário virtual e se identificam com o desamparo dos motoristas. A insegurança pública cresceu nas metrópoles e transformou-se em um verdadeiro espetáculo da miséria humana. W. 60 anos ex-motorista de aplicativos e atualmente taxista, continua falando sobre a problemática da naturalização da violência no país como um todo, porém essa violência se agudiza no trabalho por aplicativos. Diário de campo 02/03/2021

“Você já deve ter percebido que a participação feminina é mínima porque os riscos são imensos: os clientes não respeitam o aplicativo tirou o cliente do ônibus esses clientes são maus educados é gente de baixíssimo nível cultural eles é um risco para as mulheres. Esta acontecendo muita violência envolvendo esses clientes é facada é tiro. Os motoristas mandam o tempo todas as coisas das mais bizarras que estão acontecendo é motorista sendo morto enforcado, é facada é tiro. Eu só não publico no meu canal porque não quero transforma meu canal em um banho de sangue.

Outro motorista também entrevistado relata sobre as situações de violência sofrida durante o trabalho por aplicativos. Diário de campo 03/03/2021. R. 53 anos mora em Belo Horizonte, é motorista de aplicativo há seis anos. Em suas experiências anteriores ele trabalhou 20 anos com vendas em uma loja de autopeças e com oficinas de artes marciais e dança nas escolas municipais. R. diz;

“O trabalho do motorista é muito difícil e pode resultar em alguns danos porque você transporta quem não conhece e você acaba correndo riscos. Já passei por situações horríveis sofri tentativas de assalto. O ultimo foi pela 99 e mexeu muito com a minha cabeça. Inclusive preciso de um psicólogo. Foi no dia 8 de setembro eram seis horas da manha quando fui pegar o passageiro ele demorou muito para entrar no carro ficou lá observando o carro. Quando entrou eu fui confirmar o endereço e ele disse que não era esse endereço. Então eu pedi que ele colocasse o endereço certo para não da problema no aplicativo ele se negou. Ele se alterou ficou nervoso e não saia de dentro do carro. Então eu liguei para a 99 e me mandaram ligar para outro numero e depois mais outros números e o passageiro lá alterado dentro do carro. Até que fui obrigado a chamar a policia que chegou após 3 horas para fazer o B.O. Daí eu fiquei com trauma. Eu não fiquei mais bem psicologicamente.”

O acúmulo de toda essa situação de violência é denominado por Joel Birman (2006) de “guerra civil desorganizada”. Segundo o psicanalista a violência e sua espetacularização nas cidades faz parte da tradição brasileira há décadas, sendo transmitida, sobretudo pela tv⁵³ em noticiários policiais. Televisar a violência é ideológico em dois sentidos; primeiro é uma forma de fazer com que as criaturas aflitas ao assistirem o espetáculo de miséria humana, se esqueçam da sua própria desgraça, identificando-se com a “desgraça alheia”. E em segundo lugar espetacularizar a miséria e o medo da violência permite canalizar o medo para fins eleitoreiros. A violência exposta nos noticiários de rádio e tv, tem por característica central é promover a desinformação sobre o ocorrido justificando a violência como sendo uma questão da moralidade em uma espécie de luta do bem contra o mal. Além disso, culpabilizam as vítimas, o Estado por sua vez endossando a ideia fantasiosa de que cada um deve ser responsável pela própria segurança, trabalho e saúde. Fazendo isso, o Estado desresponsabiliza-se da função de garantir o bem-estar social e qualidade de vida a sua população. A população então desamparada e desesperada encontra no crime uma saída para sobreviver. O estado necrófilo por outro lado para responder as situações de violência investe em aparelhos de repressão e abre precedente para a criação de empresas de segurança privada, que atualmente corresponde um grande negócio para os empresários. A violência, enquanto signo de mal-estar então é capitalizada e transformada em negócio sob o estado capitalista neoliberal.

A violência nas cidades é uma forma de mal-estar causado pela desigualdade que produz formas de sofrimento: a delinquência, e o crime (BIRMAN, 2006). Televisar a violência pela violência, e tratando a notícia como uma questão da moralidade, configura-se como uma troca de afeto e identificação com o “gozo”⁵⁴; ou seja, identifica-se com formas de auto-degradação. As histórias de violência no trabalho sofrido pelos motoristas de aplicativos, postadas nos vloggers, expõem também outra modalidade de identificação pela via do mal-estar. Ou seja, os motoristas se unem a partir do medo do outro. O outro então torna-se o objeto de

⁵³ Os jornais sensacionalistas são estrategicamente formatados para estimular reações emocionais por meio de recursos relacionados à linguagem ou à edição de conteúdo, até mesmo no que concerne à exploração do chamado *fait divers*, jargão utilizado para identificar conteúdos jornalísticos pitorescos, curiosos, inusitados, bizarros ou escandalosos. O sensacionalismo trata-se de um tipo de “informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo, anônimos”.

⁵⁴ O conceito de “gozo” é o resto do processo de desenvolvimento psicosssexual que foi supressumido sem a resolução. De modo que a pulsão de morte se torna o impulso central que movimenta o sujeito.

horror. A respeito da experiência do horror projetado no outro. Freud nos conta uma experiência curiosa. Em uma viagem de trem Freud ocupa sozinho um camarote. Esse camarote possui um banheiro que se situava-se entre os dois camarotes. Freud então se levanta para ir ao banheiro, e vê um ancião. Como o banheiro era situado entre dois camarotes, supôs que o ancião adentrara no seu por engano. Todavia, quando se levantou para adverti-lo, deu-se conta, atônito, de que o intruso era sua própria imagem projetada sobre o espelho da porta de comunicação. Confessa Freud: “Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência” (Freud, 1996 [1919], p. 265)⁵⁵.

Sua experiência insólita atesta a vivência do sinistro quando o outro, o semelhante, é percebido como a imagem de si mesmo. Isso demonstra o vínculo intrínseco entre o eu e o outro desde os primórdios da constituição anímica. O medo exacerbado dos motoristas tem um sentido objetivo conforme já sinalizamos nos capítulos anteriores. Mas existe uma questão inconsciente que não pode ser dispensada que diz respeito ao medo do desamparo da humilhação e da pobreza. Esse outro que assalta poderia muito bem ser o “Eu” que chegou ao completo abandono e que não encontra outra saída a não ser entrar no mundo do crime. Mas não apenas o medo do crime, pois esse medo é da ordem da consciência. O que é obscuro no medo do crime é o medo da fome e do desamparo, o que nos leva a concluir que o país do agronegócio é o país da fome e do medo da fome. Mas objetivamente o medo dos motoristas de aplicativos é real é objetivo embora tenham os desdobramentos subjetivos no que diz respeito ao horror. É absolutamente real a violência sofrida por esses trabalhadores. E eles sofrem tanto com o desamparo quanto com a violência sobre o seu corpo que sinaliza a cerca da fragilidade da própria existência.

Com isso, eles reafirmam a necessidade de isolamento e medo da criminalidade daqueles passageiros ou motoristas que se utilizam das plataformas para praticar crimes. É a narrativa de “nós os iguais”, contra o outro invasor que nos aterroriza”(DUNKER, 2015). É o que diz os dois relatos abaixo de motoristas de aplicativo na cidade do Rio de Janeiro relato feito no Grupo de WhatsApp: 99 e Uber.

⁵⁵ Amorrortu: “Aún recuerdo el profundo disgusto que la aparición me produjo” (Freud, 2007 [1919], p. 247).

“Hoje por volta das 17 horas, recebi uma chamada na região do CEASA e fui surpreendido por dois indivíduos bem vestidos e educados. Entraram no carro e fui logo para o destino San Marino. Logo depois do Bonaza⁵⁶ anunciaram o assalto. Um me deu uma gravata e o outro colocou a arma na minha cabeça e com muita violência e truculência falou que eu não era o primeiro, então era para dirigir em direção a 040 direto. Andei uns 500 metros e consegui soltar o cinto e pulei do carro, mas antes tentei jogar ele na central do canteiro, mas o cara segurou o volante. Nesse momento ele mandou o outro atirar, aí eu pulei. Ralei tudo, mas graças a Deus estou bem. Mas levaram tudo, meu carro que tinha acabado de fazer o motor, dois celulares, cartão 99, maquininha e documentos. Cuidado com essa região, aconteceu de dia amigos (Diário de Campo - Motorista Anônimo - Áudio WhatsApp)

“Para acabar com os assaltos e assassinatos de motoristas parceiros da Uber em minha opinião. Somente com passageiros fazendo cadastro presencialmente. Tirando foto no mesmo momento do cadastro, da maneira que se prove que o passageiro prove quem ele realmente é. (Diário de Campo - Motorista Anônimo - Áudio WhatsApp)

Diário de Campo 30/10/2020- Motorista Anônimo – (grupo do Facebook/Uber/99 somente motoristas de aplicativos)- “aqui preferimos apenas transcrever, pois como o assunto envolve provavelmente questões com a milícia resolvemos deixar mais sigiloso”. O desamparo e o medo funcionam como disparadores psicológicos do desejo de vingança dos motoristas de aplicativos. Como podemos observar em uma postagem realizada no grupo do Facebook/uber/99 somente motoristas de aplicativos. A postagem era uma notícia de um jornal sensacionalista sobre supostos assaltantes de motoristas que foram torturados pelo “tribunal do crime⁵⁷”.

“Foi pouco ainda” (T. M, 30 anos)

“Que surra (risos) deveríamos fazer isso com todo vacilão inclusive os corruptos” (D. A, 35 anos)

“Foi pouco ainda [risos] (T. M, 40 anos)

“Esse tinha que ser feito com todo ladrão” (L.C, 50 anos).

Diário de Campo 18/05/2021- Motorista Anônimo –(grupo do Facebook/Uber/99 somente motoristas de aplicativos) um motorista (que participa do grupo)

⁵⁶ Bonanza é um condomínio no bairro da Tijuca.

⁵⁷ Os "tribunais do crime" foram criados pelo PCC para estabelecer um sistema paralelo de julgamento e punição aplicados a todos aqueles que prejudiquem os negócios da facção ou, ainda, descumpram suas regras disciplinares.

colocou um vídeo de homicídio supostamente praticado por motorista que teria reagido a um assalto. Na postagem observa-se os seguintes comentários:

“O rapaz ia pedir uma informação”. (A.T, 50 anos)

“Ah tá, com pistola na mão?” (C. Y, 40 anos)

“Fui irônico [risos]” (A.T, 50 anos)

“Fico satisfeito demais quando isso acontece”. (D A, 34 anos)

Alguém comentou que o assaltante foi morto “à sangue-frio”: e as respostas dadas a ela foram as seguintes:

“Frio? deve ser um esquerdista de direitos humanos para bandidos” (D. A, 65 anos)

“Que delicia dá até inveja”. (P., 42 anos)

“Só o ‘cão’ sabe a vontade que eu tive quando fui assaltado por dois usuários da 99, deram sorte sem câmera e o piloto não sabia pilotar, erro até marcha várias vezes para manobrar, se eu tivesse pelo menos um trinta e oito seria três para cada canalha que me deixou no prejuízo de um ano de trabalho ao todo foram sete mil o pacote completo celular cinquenta dias parado até organizar para voltar”. (G., 44 anos.)

O sentimento de insegurança estabeleceu uma “guerra civil” crônica e permanente (PELLEGRINO, 1983; JUNIOR, 2021) que envolve a todos – inclusive, entre os próprios motoristas de aplicativo (como iremos ver adiante). Ainda tratando da insegurança do trabalho de aplicativo, o jornal “Diário do Nordeste” do dia 11 de setembro de 2021, noticiou que o número de motoristas mortos em assalto⁵⁸ no Ceará, subiu para 35 (desde 2016), sendo a informação dada por Rafael Keylon, diretor da Associação dos Motoristas de Aplicativos do Estado do Ceará (AMAP-CE). Não se encontrou dados sobre mortes de motoristas de aplicativo por assalto nos sites das Associações de outros Estados da Federação. Porém em uma reportagem realizada pelo Programa “Fantástico” da TV Globo em 6 de junho de 2021 noticiou-se que 43 motoristas foram assassinados em 2021 no Brasil.⁵⁹ O livro “Super Pumped: The Battle for Uber” (de 2019), do jornalista Mike Isaac do *New York Times*, cobre os acontecimentos entre a fundação do Uber e sua oferta pública

⁵⁸ A reportagem “O jornal “Diário do Nordeste” disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/em-cinco-anos-35-motoristas-de-aplicativo-foram-mortos-no-ceara-afirma-diretor-de-associacao-1.3134712>. dia de acesso 14/09/2021.

⁵⁹ “Exclusivo: Mais de 40 motoristas de aplicativo foram assassinados em 2021 no Brasil”, aponta levantamento realizado pelo Fantástico disponível em : <https://g1.globo.com/fantastico/noticia>. Dia de acesso: 03/01/2022

inicial em 2019. Mike Isaac alega que ao menos 16 motoristas do app foram mortos por causa de políticas frágeis da empresa de transporte no Brasil⁶⁰.

Ele também examina os muitos escândalos vividos pela empresa, incluindo alegações de assédio sexual documentadas por Susan Fowler⁶¹. Segundo Fowler existem tentativas de impedir que haja regulamentação na contratação dos motoristas na Uber assim como também existe uma manipulação dos dados de violência sexual sofridas por mulheres na Índia. Também analisa as maneiras pelas quais, apesar desses incidentes, a empresa foi considerada um unicórnio pelos capitalistas de risco. Isaac escreve que, por um tempo, A Uber foi uma das empresas privadas de maior valor no Vale do Silício. No entanto as violências nas cidades brasileiras como já falaram anteriormente não foi inventada pela Uber. Mas a Uber soube perceber o potencial de lucratividade que a violência pode trazer para a empresa.

A violência nas metrópoles é produto direto das desigualdades e misérias sociais que afligem o Brasil urbano. A particularidade da violência no Brasil diz respeito a sua origem colonial e escravista que tinha como ponto central a brutal violência contra as pessoas que eram sequestradas de suas terras para servir de escravos assim como também o violento processo de extermínio dos índios. De modo que a violência sofrida pelo trabalhador é naturalizada. Não pretendemos aqui fazer uma tese sobre as origens da violência brasileira, mas apenas sinalizar que a violência está arraigada na nossa formação. A violência e o mal-estar vem se agudizando, sobretudo no trabalho de aplicativos, pois por trabalharem nas ruas das cidades, eles os motoristas de aplicativo estão expostos ao abandono das políticas públicas de transporte urbano. A insegurança, às péssimas condições de trabalho dadas pelas empresas de aplicativos e ao descaso pela mobilidade urbana como: ruas esburacadas, semáforos quebrados, falta de sinalização adequada. Toda essa situação insalubre põe em risco a saúde física e mental. Não apenas os motoristas mais também os usuários.

Além da insegurança cotidiana no trabalho (assaltos e acidentes de trânsito), os motoristas de aplicativo reclamam do pouco retorno financeiro, desgaste físico e

⁶⁰ “Roleta russa da Uber causou 16 mortes de motoristas no Brasil”, Uol .- disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/08/23/roleta-russa-da-uber-causou-16-mortes-de-motoristas-no-brasil-diz-livro.htm?cmpid=copiaecola>.

⁶¹ É uma escritora americana e engenheira de software conhecida por seu papel em influenciar mudanças institucionais na forma como as empresas do Uber e do Vale do Silício tratam o assédio sexual

mental, alimentação precária, a falta de tempo para satisfazer as necessidades fisiológicas (o Brasil, não possui banheiros públicos disponíveis para a população). É comum os motoristas fazerem suas necessidades na rua ou em garrafas de

plástico. Os motoristas queixam-se, também de passageiros que não pagam pelas corridas. Um motorista de aplicativo, X 41 anos casado, com filhos é instrutor de trânsito. Há cinco anos e meio X trabalhou com aplicativos, nesses cinco anos e meio ele tentou de varias formas conseguir outro trabalho, mas não encontrou trabalho.

“Tentei fazer outras coisas, mas não teve trabalho. Era instrutor de trânsito entrei no mercado de aplicativos e fiquei preso atualmente eu sou taxista. A UBER é draconiana e a 99 é melhor. Ela pega menos dinheiro e ela oferece um suporte melhor quando você liga pra central você fala com um ser humano. A alimentação dos motoristas de aplicativos é péssima: cigarro, bala, café. Eu acompanhei um colega que ficou doente trabalhando na UBER. Ele trabalhava muito, virava noites e mais noites, pra ganhar alguma coisa ele começou a triplicar o horário de trabalho. Ele acabou falecendo com problemas renais eu acompanhei a doença dele levava ele no meu carro pra fazer tratamento”.

Enquanto isso, as empresas de aplicativo de transporte individual operam a “financeirização” da miséria do trabalho “uberizado”. Por exemplo, as plataformas vendem dinheiro para motoristas e passageiros, por meio de créditos e mais recentemente oferecendo a possibilidade de investir em bitcoin⁶² Em uma de suas propagandas a 99 expõe, a fotografia de homem negro com a seguinte mensagem:

“Investir em bitcoins no novo app 99 pay é pra todo mundo. Um bit que na verdade estava entalado na garganta de quem sempre teve curiosidade com o mundo dos investimentos, mas nunca achou possível. Um bit é um botão de liberdade, um convite no futuro a todos que queriam investir, mas acha que era caro, elitizado, coisa de gente almofadinha”.

O capital financeiro transforma o desejo de emancipação de classe em uma forma de investimento financeiro. A igualdade racial e de gênero é resumida na possibilidade de se torna um investidor de criptomoedas. Enquanto, o mercado surfa criando possibilidades fantasiosas, a respeito da ascensão social pela via da especulação financeira. Mantém-se a insalubridade da condição de trabalho dos motoristas “uberizados”

⁶² É uma criptomoeda descentralizada, sendo um dinheiro eletrônico para transações ponto a ponto. Ponto a ponto significa dizer que são transações que acontecem em rede sem a necessidade de um controle centralizado.

2.9 Homo homini Lupus – O homem é o Lobo do homem.

Durante a pesquisa usamos o grupo de Facebook/ Uber/99 somente motoristas de aplicativos como um espaço de coleta de dados para a pesquisa. Inicialmente o que chamou a nossa atenção diz respeito ao grau de truculência e agressão entre os motoristas de aplicativos. As violências verbais entre os motoristas começavam quando algum motorista reclamava dos valores repassados pelos aplicativos por corrida e em raríssimos casos quando reclamavam das condições de trabalho. A reação dos motoristas “satisfeitos” com o aplicativo era de fato desproporcional e esse elemento começou a chamar a nossa atenção. Ao interrogar os motoristas sobre as agressões não conseguimos respostas satisfatórias, as respostas apenas nos confirmava a problemática da fragmentação da qual a classe trabalhadora vem sofrendo. Existem dois motivos que justificam a fragmentação acentuada entre os motoristas de aplicativos a primeira diz respeito a quebra dos coletivos de trabalho durante a reestruturação produtiva e a segunda ficou claro após a reportagem da jornalista Clarissa Levy⁶³ que descobriu como agências de publicidade a serviço do app de delivery criaram perfis falsos em redes sociais e infiltraram agente em manifestação para desmobilizar movimento de entregadores. A junção desses dois elementos produziu uma degradação subjetiva da pessoa-humana que trabalha, e é sobre essa degradação que estamos falando.

2.10 A manipulação dos pobres diabos

A manipulação das massas pelo controle biopolítico é uma estratégia antiga para o processo de acumulação do capital já existia antes mesmo do capitalismo. Mas com o desenvolvimento do modo de produção capitalista desenvolveu O controle ideológico era feito através de uma educação econômica para a acumulação. Quanto maior era a capacidade de uma família em acumular os bens guardando-se de festas e gastos desnecessários, mais Deus iria se agradar desse

⁶³ A máquina oculta de propaganda do Ifood. Disponível em: <https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/>. Acesso em 21/06/2022.

Revelado o plano maligno do IFood. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vZd_0SiDVkk. Dia de acesso. 21/06/2022.

trabalhador e iria multiplicar seu dinheiro acumulado. A lógica era abrir mão da vida no mundo e viver em família acumulando dinheiro para agradecer a deus.

No capitalismo, o taylorismo e o fordismo já ocupavam o lugar juntamente com as religiões para docilizar os corpos dos trabalhadores, para evitar que eles pudessem desviar a energia produtiva em outras finalidades mais prazerosas: como fazer amor, dançar por exemplo. No fordismo principalmente, a energia sexual precisava ser canalizada para a produção fabril, dando início a vigilância constante da empresa sobre os hábitos sexuais de seus empregados (GRAMSCI, 2001). O controle era disciplinar e coercitivo, nesse período houve o fortalecimento de ambientes de reclusão como fabricas, hospícios, reformatórios, presídios eram as instituições totais que controlavam a vida das pessoas moldando o caráter para transforma-los em doces trabalhadores felizes e satisfeitos (BASAGLIA,2008).

A crise do fordismo, também levou o declínio das instituições totais e a reforma psiquiátrica italiana, enterrou de vez as instituições disciplinares, em sua forma física, mas a sua lógica disciplinar permaneceu disseminada na sociedade. Temos então a passagem da sociedade disciplinar composta por hospitais, asilos, presídios, fabricas, quartéis. Para a sociedade do desempenho com suas: academias de ginastica, prédios de escritórios e laboratórios de genética.

A sociedade do século XXI não é mais uma sociedade da disciplina, mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não são chamados mais de sujeitos da obediência, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Neste sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal, se tornam arcaicos. (HAN, 2015. P 25).

Com o toyotismo o controle passou a ser diretamente na mente do trabalhador o que Alves (2011) denominou “captura da subjetividade”. O trabalhador incorporou a disciplina do fordismo e o espírito do toyotismo e transformou-se em empresário de si e para si mesmo, a disciplina produtiva está incorporada nele em suas entranhas, não é mais necessário que o outro exerça a força para disciplina-lo. Mas, o controle se transforma em uma instancia subjetiva e narcísica desse sujeito.

Ao internalizá-la, é o próprio indivíduo que passa a exigir de si mesmo ser um empreendedor bem-sucedido, buscando “otimizar” o potencial de todos os seus atributos capazes de ser “valorizados”, tais como imaginação, motivação, autonomia, responsabilidade. Essa subjetividade ilusoriamente inflada provoca inevitavelmente, no momento do seu absoluto esvaziamento, frustração, angústia associada ao fracasso e autculpabilização: a patologia típica da depressão. (FRANCO; CASTRO; MANZI, SAFLATE e AFSHAR, 2021)

No toyotismo a liberdade se transforma no novo paradigma da coação. Essa coação é inclusive, mais violenta simbolicamente, do que as primeiras formas de controle, pois, o submetido não é reprimido, mas explorado. Seja livre produz uma coação que é mais dominante do que seja obediente. Uma vez que o poder se faz passar pela liberdade ele é mais invisível do que o poder disciplinar repressivo (HAN, 2021, p. 26).

Isso se deve ao fato de que a pressão para o trabalho está no poder, de poder fazer. Ao contrário das outras formas de dominação o poder fazer é ilimitado. A liberdade se transforma em uma contra -figura da coação

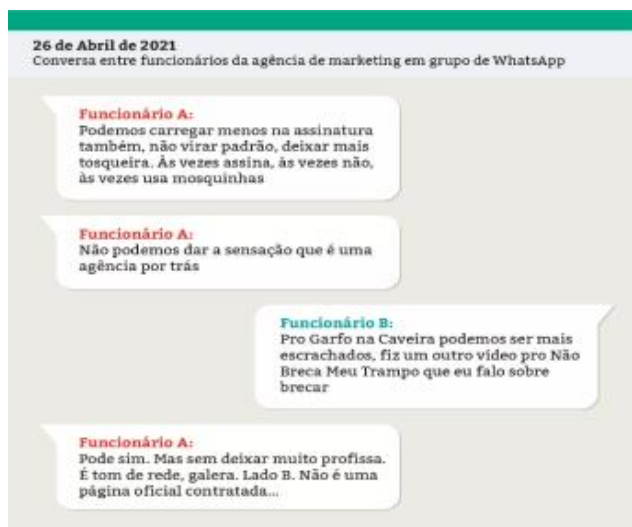
A reportagem da Agência Pública de notícias não surpreende aos pesquisadores que compreendem a exata definição da luta de classes. Mas permite uma melhor compreensão a respeito da forma como a luta de classe vem acontecendo na fase do capitalismo neoliberal em que a “captura” da subjetividade se tornou o eixo central pela hegemonia do capitalismo. Segundo “A agencia Publica” de notícias, o Ifood contrata agentes infiltrados nos grupos de Whatsapp, Facebook, instagran e demais meios de comunicação para desarticular todo e qualquer movimento dos trabalhadores por melhores condições de trabalho.

Ainda segundo a reportagem, a tática utilizada pela empresa era disseminar ideias e opiniões em um formato que imitasse a forma dos entregadores de se comunicarem, simulando que as postagens e narrativas vinham de verdadeiros entregadores. O trecho a seguir corresponde a fala de um dos funcionários da agencia contratada pela Ifood:

“Toda vez que trabalhamos com o iFood criamos estratégias para o ‘LADO B’. Essas estratégias têm como objetivo criar um leve rumor nas redes sociais sobre o assunto que queremos abordar no momento”. “Usamos Páginas de Facebook, Perfis do Instagram, Perfis de Twitter, Perfis de Facebook, criados por nós para gerar esses rumores. Como? Comentamos

em publicações que falam do assunto, vamos a perfis que abordam o assunto e comentamos de forma indireta [...], mas NUNCA assinado como iFood para que ninguém desconfie”. (PUBLICA, 2022)

Figura 5 Manipulação dos trabalhadores da *Gig Economy*



Fonte: Agencia publica de noticias (<https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/>)

A tática utilizada pelas empresas de aplicativos é quebrar a solidariedade dos coletivos de trabalho. Fazendo um apelo ao empreendedorismo e ao individualismo pequeno burguês em uma estratégia clara de guerra híbrida⁶⁴. Ainda segundo alguns motoristas de aplicativos que não vamos identificar nessa pesquisa são “Youtuberes” que estão a serviço da Uber e o próprio vereador eleito em São Paulo para defender os motoristas é funcionários da uber e ou 99. Segundo M. 56 anos motorista de aplicativo faz um desabafo em relação a constante manipulação que eles sofrem por parte da uber, ele diz:

A UBER tem acesso ao motorista muito mais do que eu tenho com o meu canal no Youtube. A maior manifestação foi em 2017 e contou com 3.000 motoristas dados da policia militar e acredite, nós estávamos sendo manipulados pela UBER porque estava em votação no congresso nacional o projeto 28 que dizia respeito a regulamentação. Se essa tivesse sido aprovada do jeito que estava iam transformar os aplicativos em uma segunda categoria de taxi. A UBER não queria isso e pagou motoristas para ir de porta em porta defender a UBER e eu fui um dos que recebeu dinheiro da UBER para ir ao congresso defender a UBER dizendo vamos deixar os

⁶⁴ Guerra híbrida ou guerra indireta é a combinação entre revoluções coloridas e guerras não convencionais é uma estratégia de guerra que se utiliza de ferramentas de propaganda e estudos psicológicos combinados com o uso de redes sociais-consistem em desestabilizar governos por meio de manifestações de massas em nome de reivindicações abstratas como democracia, liberdade. KORYBKO, A. Guerras híbridas das revoluções coloridas aos golpes. Expressão popular. São Paulo. 2018.

trabalhadores os trabalhadores desempregados assim. Eu me arrependo muito de ter ido, eu fui usado eu não sabia que iria acontecer isso. Assim quando a empresa foi contemplada a empresa virou as costas aos motoristas e hoje eu vou te dizer eu me arrependo de ter ido. Hoje ninguém mais iria. (M. 56 motorista de aplicativos)

No caso específico da Uber está envolvido⁶⁵ em uma experiência sigilosa de ciência do comportamento cujo objetivo é manipulá-los em benefício do crescimento da companhia - um esforço cujas dimensões se tornaram evidentes por meio de entrevistas com cientistas sociais e com dezenas de antigos e atuais executivos e motoristas do Uber, e também por meio de uma análise de pesquisas recentes na área de comportamento. A Uber também empregou centenas de cientistas sociais e especialistas em dados, o Uber testou técnicas de videogames, recursos gráficos e recompensas não monetárias de baixo valor, capazes de estimular os motoristas para que trabalhem mais —e ocasionalmente em lugares e horários que são menos lucrativos para eles. Psicólogos e projetistas de videogames sabem há muito tempo que encorajamento quanto a um objetivo concreto pode motivar as pessoas e levá-las a completar uma tarefa. Essa técnica faz com esses motoristas cheguem a ficar até 60 horas semanais rodando para a empresa. É o que denuncia Oliveira no seu livro e canal: Minha batalha contra a Uber. A Uber também manipula a própria justiça. A multinacional estadunidense Uber vem oferecendo acordos a motoristas que estão prestes a ganhar ações na Justiça, de modo a impedir uma jurisprudência que reconheça o vínculo empregatício⁶⁶. Portanto após analisarmos cuidadosamente os dados coletados e os artigos científicos sobre gamificação chegamos a conclusão a incapacidade que esses motoristas sentem em estabelecer vínculos de solidariedade pode estar ligada a estratégia da empresa em proporcionar um ambiente intenso e voraz de competição.

É possível que as trocas de insultos que acompanhamos entre os motoristas possam ter sido provocadas por agentes infiltrados com o objetivo de desarticular os trabalhadores, no entanto é preciso estar atento para os efeitos subjetivos da provocação dos agentes infiltrados, pois o método utilizado pelas empresas causa de fato uma cisão entre os trabalhadores, produzindo identificações do trabalhador

⁶⁵ Canal Wagner Oliveira disponível em: "Porque os dados da Uber fascinam um neurocientista". <https://www.youtube.com/watch?v=3Fy-Q9ydetU>. Acesso 02/08/2022.

⁶⁶ Como a Uber manipula a jurisprudência para evitar o reconhecimento de vínculo empregatício. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/29/como-a-uber-manipula-jurisprudencia-para-evitar-reconhecimento-de-vinculo-de-emprego>. Acesso em 02/08/2022.

com a burguesia. Durante a última tentativa de paralização da categoria grupos de Whatsapp foram criados, todavia esses grupos foram atacados com conteúdos pornográficos que foram enviados inclusive em conversa privada conforme podemos observar na imagem abaixo:

O método de utilização de conteúdos pornográficos foi observado varias outras vezes durante todo o período da pesquisa. A dúvida que permeou durante todo o tempo da coleta de dados, era a origem dos conteúdos pornográficos. Inicialmente levantamos a hipótese de que se tratava de adolescentes desocupados, mas após a reportagem – denuncia da agencia publica começamos a suspeitar que se tratasse de agentes infiltrados para desmobilizar os motoristas. O clima entre os trabalhadores vem se tornando a cada dia mais hostil tanto entre motoristas-passageiros⁶⁷ quanto motoristas- motoristas e motoristas – taxistas conforme fomos coletando os dados.

Diário de Campo - Motorista Anônimo – (grupo do Facebook/ Uber/99 somente motoristas de aplicativos) um motorista de aplicativo participante do grupo acima citado, e cuja idade não é informada no Facebook diz: Nunca esqueça taxistas não são nossos amigos

FIGURA 6: hostilidade:



⁶⁷ Discussão entre motorista de aplicativo e passageiro termina em agressão. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/10/14/interna_gerais.1313698/discussao-entre-motorista-de-aplicativo-e-passageiro-termina-em-agressao.shtml. Acesso em: 16/04/2022

Motorista de aplicativo e passageiro acaba com um baleado. Disponível em <https://ehtrend.com.br/news/726880/motorista-de-aplicativo-e-passageiro-briga-e-acaba-com-um-baleado.html>. Acesso em: 16/04/2022

Agredido por passageiro motorista de aplicativos é banido de plataforma. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/agredido-por-passageiro-em-salvador-motorista-de-app-e-excluido-de-plataforma/>. Acesso em: 16/04/2026

Briga entre motorista de aplicativos e taxistas termina com três feridos na rodoviária de goiana. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/01/14/briga-entre-motoristas-de-aplicativo-e-taxistas-termina-com-tres-feridos-na-rodoviaria-de-goiania.ghtml>. acesso: 16/04/2022.

Motorista de uber é esfaqueado em briga com taxistas em BH. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/motorista-do-uber-esfaqueado-em-briga-com-taxistas-em-bh.fb024c46912f1b977af808a5e020d14fz50ih8k3.html>. Acesso: 16/04/2022.

Fonte: grupo do Facebook/ Uber/99 somente motoristas de aplicativos

No dia 10/07/2022 saiu outra reportagem perturbadora sobre a técnica de manipulação usada pela plataforma Uber para gerar concorrência e violência entre os motoristas de aplicativos e os taxistas. A ideia dessa empresa seria estabelecer o caos social para que ela possa administrar a miséria produzida pelo desespero desses trabalhadores. Os arquivos da Uber foram vazados pelo jornal The Guardian⁶⁸ e foram compartilhados com o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos e várias organizações de mídia, incluindo a BBC Panorama. Eles revelam, pela primeira vez, como um lobby de US\$ 90 milhões e um esforço de relações públicas recrutou políticos amigáveis para ajudar em sua campanha para atrapalhar a indústria de táxis da Europa. Enquanto motoristas de táxi franceses realizavam protestos às vezes violentos nas ruas contra o Uber, Macron - agora presidente - estava em termos de primeiro nome com o controverso chefe do Uber, Travis Kalanick, e disse a ele que reformaria as leis em favor da empresa. Os métodos implacáveis de negócios da Uber eram amplamente conhecidos, mas pela primeira vez os arquivos fornecem uma visão interna única dos esforços que ela fez para atingir seus objetivos. Eles mostram como a ex-comissária digital da UE Neelie Kroes, uma das principais autoridades de Bruxelas, estava em negociações para ingressar no Uber antes do término de seu mandato – e depois fez lobby secreto pela empresa, em potencial violação das regras de ética da UE. A reportagem ainda aponta para líderes mundiais amplamente ligados a esquerda liberal como Barack Obama, Joe Biden, Emmanuel Macron e Benjamin Netanyahu

Figura 7: O sistema de administração do caos



Fonte: Metrôpolis.

⁶⁸ International Consortium of investigative journalist. Disponível em: <https://projects.icij.org/investigations/uber-files/charts/>. Acesso em: 11/07/2022.

Na época, a Uber não era apenas uma das empresas que mais cresciam no mundo - era uma das mais controversas, perseguida por processos judiciais, alegações de assédio sexual e escândalos de violação de dados. Uma das práticas mais arrojadas foi a de usar as manifestações contra a Uber - muitas delas violenta, com taxistas a agredir os motoristas contratados pela empresa - como forma de propaganda a favor da estratégia de expansão da organização. Kalanick⁶⁹ aparece em várias mensagens a validar e até a promover que os motoristas da Uber fizessem frente aos taxistas, apesar do risco de serem agredidos fisicamente, aconselhando a que se mantivesse "a narrativa da violência". É possível pensarmos a partir dos gigantes arquivos expostos pelo consorcio de imprensa (the Guardian), que o modo operante de gestão das plataformas austeras é o gerenciamento do caos social. Em 2015, na França os taxistas com o objetivo de se proteger contra a ação disruptivas da Uber realizaram um protesto violento Eles derrubaram carros, queimaram pneus e bloquearam o acesso ao aeroporto e à estação de trem em protesto contra a Uber, a empresa de transporte de passageiros com sede em São Francisco, que eles disseram estar infringindo leis e ameaçando seus meios de subsistência. Conforme podemos observar nas imagens abaixo:

Figura 8 : Taxistas protestando em Marshella, 2015



Fonte: Internation consortium of investigative

⁶⁹ Travis Cordell Kalanick (6 de agosto de 1976) é um empresário norte-americano. Ele é o co-fundador da empresa de peer-to-peer de compartilhamento de arquivos Red Swoosh e da empresa Uber, um aplicativo onde é contratado um serviço de transporte semelhante ao táxi convencional. Em 2014, ele entrou para a lista da Forbes dos 400 americanos mais ricos na posição 290, com um patrimônio líquido estimado em 6 bilhões de dólares.[2]

Documentos internos vazados revelam que de 2014 a 2016 os executivos da Uber realizaram mais de 100 reuniões com funcionários públicos de 17 países, além de representantes de instituições da União Europeia. Eles incluíram 12 reuniões com representantes da Comissão Europeia que não foram divulgadas publicamente. Os efeitos dessa tática bizarra veremos abaixo a partir de coletas realizadas por nos.

Diário de campo, Grupo Uber/99 somente motoristas de aplicativos. Dia: 22/06/2022

Figura 9 Consciência contingente



Fonte: retirada do grupo Uber/99 somente motoristas de aplicativos


Começam as agressões em resposta ao pôster do motorista. É possível observar a crueldade nos muitos insultos e humilhações, sofridas por ele. Na nossa interpretação a violência dos motoristas entre si. Está ligada a competição. Isso porque a função de motorista de aplicativo e a relação desses trabalhadores com a plataforma desarticulam os coletivos de trabalho e estimula a rivalidade. Além do mais o próprio modelo de gestão das plataformas austeras como venhamos apresentados os documentos vinculados pelos consórcios da imprensa é um modelo que existe e funciona apenas diante do caos social.


Figura- 10: Rivalidades



Fonte: retirada do grupo: Uber/99 somente motoristas de aplicativos


Figura-11: Consciência contingente X competitividade






Willian Douglas ▸ **UBER/99 SOMENTE MOTORISTAS** ...
 43 min · Facebook for Android · 🌐



Nós ganha bruto 8 mil mês.
 Menos 3 mil c combustível, menos
 2 mil com prestação+ manutenção+ seguro
 Sobra 3 mil livre
 Ou seja Nós ganha 3 mil
 Para trabalhar 12 horas, 6 dias na semana
 Arriscar a vida a todo momento
 Passar toda espécie de raiva com pax!!!
 Zero direitos trabalhistas
 Parem de romantizar este trabalho!

Curtir Comentar


 **40** Top comments ▾







Rodnei Nogueira
 E isso aí.pior que as vezes não dá pra trabalhar 6 dias .e se o carro quebrar ou um eventual acidente fudeu tudo ..mas fé em Deus e vamo que vamo é o que tem pra hoje 😊😊  2

36 min Curtir Responder Mais


Igor Negreiros
 Sala fora Zé... Não tá bom vai para outra área ...fica chorando no Facebook não resolve nada..

26 min Curtir Responder Mais





Fonte: uber/99 somente motoristas

Verificamos que a sociabilidade dos motoristas de aplicativo é deveras degradada. São evidentes no grupo, as muitas trocas de insultos e ofensas, demonstrando uma grande dificuldade em conciliar interesses numa perspectiva coletiva, ou seja, construir um lugar comum. A dificuldade de comunicação entre os motoristas vai se agravando conforme se aproximam as eleições presidenciais devido à polarização entre “extrema-direita” e “esquerda liberal”. De modo que toda e qualquer palavra que seja traduzida como “comunismo” é ponto que implode o frágil dialogo entre os motoristas conforme podemos observar nas imagens abaixo.

Em um vídeo um motorista tentava mobilizar os outros motoristas a respeito da inflação, carestia e alta no preço dos combustíveis em seguida ele foi atacado por um outro motorista que achou o vídeo por demais “comunista”.

Figura- 12“alienação”



Figura 13 Alienação II



Fonte: grupo de Whatsapp Centraluber/99/política

Figura 14: medo do comunismo



Fonte: Grupo do Whatsapp: Central Uber/99/politica

Isto sinaliza que existe uma perturbação no estabelecimento do laço social incentivado pelas empresas de aplicativo e alimentado pelo clima de polarização que o Brasil vem atravessando desde 2013. A perturbação no laço social, enquanto modalidade de sofrimento é consequência da cultura neoliberal. Tal, cultura se caracteriza pelo egoísmo moldado pela cultura de massas principalmente redes sociais sobre os trabalhadores que vão fabricando subjetividades de (formadas) pelo individualismo. O egoísmo que observamos nos sujeitos desamparados é um produto direto da dominação cultural do capitalismo neoliberal sobre o trabalhador que esta inserida em relações de extrema – precariedade, Eugene Bucci diz:

Os meios de massa industrializados expressam sem mediações o capital na sua forma comunicacional que geram as multidões para habitar a esfera pública. Essas multidões que estão embriagadas de individualismo narcísico são fabricadas industrialmente (BUCCI, 2021 p.61,).

Todavia, por maior que seja o controle das subjetividades pelas plataformas, existe algo que escapa, porque mesmo em um sistema sofisticado de controle não se pode manipular a todo tempo as massas de trabalhadores. Ideologias e o espectro da dominação total se desfazem diante da força da realidade objetiva. Na imagem abaixo um ex-motorista de aplicativos, atual taxista e militante anti-precarização do trabalho denuncia a farsa do empreendedorismo.

Figura: 15 consciência contingente II



Fonte: grupo de Whatsapp insatisfação Uber- SP

Um exemplo é a consciência contingente⁷⁰ de alguns motoristas que sinalizam acerca da necessidade de organização por melhores condições de e sobre o descontrole de preços da Petrobrás. Ao mesmo tempo, em relação aos valores repassados pelas empresas de aplicativos, com o objetivo de manter o Uber/99 funcionando e assim garantir que eles possam continuar trabalhando. Mas a mensagem chega truncada, sendo interpretada pela grande maioria dos motoristas como sendo: “Você tem que deixar o aplicativo!”.

Existe uma profunda desconexão entre o que é dito e o que é entendido entre eles. A confusão acontece em grande parte pela incapacidade que os motoristas de aplicativos têm em criticar o poder da empresa, de modo que culpabilizam as vítimas, que são outros trabalhadores apelidados de: “pé-de-rato⁷¹”, “ganso⁷²”, “bezerro⁷³” e mais recentemente “Pax⁷⁴”. Tais significantes foram criados por eles para designar os passageiros de aplicativos que segundo os motoristas são: pobres, ignorantes, mal cheirosos, sujos e violentos. Os “pé-de-ratos”, “gansos⁷⁵” e “bezerros” surgiram só para atrapalhar a vida dos empreendedores- no caso os motoristas de aplicativos- que se idealizam como um “exemplo de moralidade a se seguir”. Os motoristas criaram um estereótipo de usuário que não deve usar o serviço porque são essas pessoas responsáveis pela degradação do trabalho que os motoristas de aplicativo vêm passando. É muito fácil perceber que enquanto os motoristas declaram guerra contra os usuários pobres às empresas de aplicativo vão saindo ilesas do desmantelamento do mundo do trabalho.

⁷⁰ É a consciência imediata da realidade que pode ser transformada com a ajuda da coletividade em consciência de classe.

⁷¹ Pé-de-Rato é usado para designar jogador de futebol ruim. Mas o rato também é um animal comum em filmes de horror como símbolo de degradação, sujeira e morte.

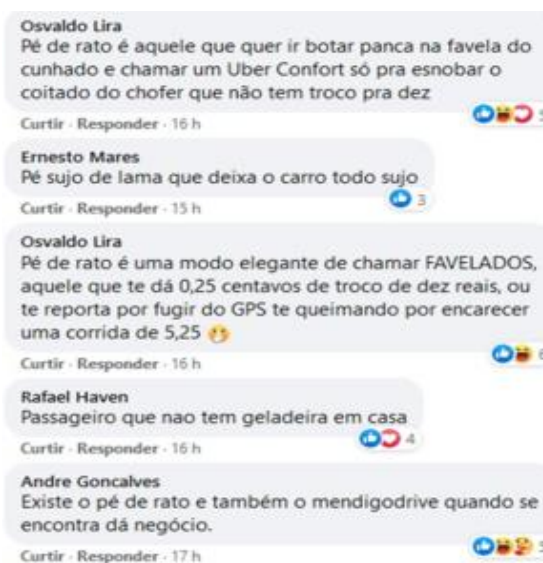
⁷² Ganso é sinônimo de assaltante

⁷³ Berro é usado como sinônimo de homossexual como uma analogia ao sexo oral realizado entre dois homens.

⁷⁴ Pax é o apelido dado aos usuários da 99 e é usado como sinônimo de pobre e mal cheiroso.

⁷⁵ Ganso é um termo informalmente adotado por membros da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) destinado a pessoas que apresentam alguma forma de envolvimento com drogas ilícitas. “ganso” também significa (informante, como se diz na gíria) dos investigadores e delegados do distrito policial. Disponível em: <https://ponte.org/falso-policial-trabalhou-por-um-ano-em-delegacia-de-sp/>. Acesso: 21/06/2022.

Figura16: pé-de-rato



Fonte: grupo do Facebook/ Uber/99 somente motoristas de aplicativos

Em uma sociedade em que o individual se sobrepõe ao coletivo, cria-se um ambiente de intolerância e incompreensão entre os trabalhadores. De modo que, quanto menos os motoristas compreendem as reais intenções dos colegas, mais eles se sentem perseguidos e passam a agredir todos os outros motoristas ou passageiros, que ousarem apontar que existe algo errado nas empresas de aplicativos. O sentimento de intolerância, estigmatização e perseguição são ampliados através dos ambientes virtuais. Não é novidade que as redes sociais estão alimentando discórdias e rompendo com qualquer possibilidade de diálogo. O “narcisismo da pequena diferença” tem amplo apoio das redes sociais como o Facebook e WhatsApp, tornando-se o negócio de grandes corporações, são as bolhas dos iguais ou melhor o inferno dos iguais que reproduzem sintomas e cacoetes sociais dos mais doentios possíveis alimentando o irracionalismo social conforme nos ensina Eugenio Bucci:

Têm sido corriqueiras as reclamações de que as ciberesferas e as bolhas nas redes sociais secretam engajamentos acrílicos, amontoando sujeitos fissurados por fantasias conspiratórias que cabem em quinze minutos de vídeo ruim. Não há como não constatar que as alegadas “novas mídias” - elogiadas por terem, supostamente, superado os meios de massa, prestigiando o indivíduo em detrimento da massa- reproduzem cacoetes mais doentios dos mesmos meios de massa do século XX. Todos os traços de que agora nos queixamos ao ver os ambientes polarizados da internet não são propriamente uma criação da internet: como vícios da comunicação, vícios estruturantes, eles já estavam postos quando a televisão massificou. O próprio Habermas, ao final de mudança estrutural da

esfera pública, fala disso, quando recorre ao sociólogo norte americano Charles Wright Mills para mostrar como a massa era incapaz de criticar o poder e de se mover com autonomia (BUCCI, 2021, p.61)

Na luta pela sobrevivência, as pessoas ficam cada vez mais voltadas para si mesmas e essa é uma das principais características da sociedade neoliberal em sua etapa de sociometabolismo da barbárie. O discurso da realização de si mesmo e do sucesso da vida está fortemente presente durante as discussões dos motoristas a consequência direta disso é a estigmatização dos fracassados, dos perdidos e dos infelizes daqueles que se encontram interditados de ter acesso ao além do princípio do prazer (DARDT e LAVAL, 2016).

2.11 Vloggers: A precariedade do trabalho como espetáculo ou o “circo dos horrores”

Diário de Campo - Motorista Felipe – vlogger Felipe 3 balas⁷⁶. Acompanhamos o Blog “Felipe 3 balas” toda a sua jornada de trabalho como motorista de aplicativo. Este canal tem 4,58 mil inscritos e cada vídeo tem mais de cinco mil visualizações. Felipe é portador de epidermólise bolhosa (EB). Uma doença genética rara que causa deficiência no colágeno. A idade de Felipe não foi informada em seus vídeos. Apesar de sua condição genética, Felipe trabalha como motorista de aplicativos e também como jogador profissional de “gamer” pela internet. Com a pandemia e uma condição de saúde bastante debilitada, Felipe passou a ficar mais restrito aos trabalhos de games. Mesmo com toda uma situação de saúde extremamente fragilizada, Felipe precisa se virar em trabalhos informais para sobreviver.

Diário de Campo - O canal do Youtube “Bruna Grellet”⁷⁷ também descreve como é a rotina de ser motorista de aplicativo em Ribeirão Preto – SP. Bruna trabalhou como Uber durante dois anos, seu canal tem cerca de 2,87 mil inscritos, desde de quando ela começou com 22 anos de idade. Bruna Grellet é formada em Marketing. Em seu vídeo sobre o seu primeiro dia como motorista, ela relata:

⁷⁶ BALAS, F. Felipe 3 Balas. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vV7CAQ2yEec> acesso: 08/01/2022

⁷⁷ Grellet, B. Bruna Grellet. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/BrunaGrellet>. Dia de acesso: 08/01/2022.

“Eu era uma pessoa muito tímida, e quando comecei senti uma sensação de estranheza porque as pessoas entravam no meu carro e isso me deixava com uma sensação esquisita. A UBER me ajudou muito, pois eu me desenvolvi como pessoa. Transformando-me em uma pessoa menos tímida. No início eu fiquei muito nervosa, mas a maioria dos passageiros são pessoas boas e foram compreensivas porque no início eu não sabia dirigir direito”.

Nesse trecho, podemos observar o tipo de relação transferencial de Bruna Grellet com a empresa. Assim como também a precariedade da segurança pública na prestação do serviço dos aplicativos de transporte. Ela acredita que o trabalho por aplicativo “a curou” de uma suposta timidez. O fato de ela se apresentar diariamente para as pessoas, não condiz com a pessoa tímida que ela diz ser. O outro elemento para se analisar é o fato da sensação de invasão que ela sente quando aceita uma corrida, esse elemento de um objeto “invasivo” vai se repetir inúmeras outras vezes em todos os vloggers analisados. Um detalhe que chama a atenção é o formato dos depoimentos dos motoristas de aplicativos, assemelharem-se, muito com os testemunhos de curas, feitos pela igreja universal do Reino de Deus. Os neopentecostais reforçam a ideologia do autoempreendedorismo conforme percebemos no diário de campo documentário – Uberland.

“Eu gosto de ser livre e a Uber me deu essa liberdade”. (Tiago, motorista de aplicativo).

Bruna encontra-se em uma relação de extrema submissão a Uber, mas se sente como uma pessoa livre. Sua jornada de trabalho é das sete da manhã e vai até às dezessete horas. Ela também relata que nunca sofreu nenhum tipo de assédio e explica, porque segundo ela:

“Sou uma mulher que me dou ao respeito se algum homem começa a falar demais eu já falo no meu marido”

No discurso de Bruna existe uma fantasia inconsciente de só as mulheres que não se dão ao respeito sofrem assédio como se o fato de ter ou não um companheiro ou falar ou não falar sobre ele, representasse algum tipo de proteção contra o assédio. Essa fala de Bruna sinaliza a respeito do machismo cultural que culpabiliza as vítimas de violência sexual.

“Entrei na Uber porque queria ser livre. Trabalhei em uma empresa que me causou gastrite nervosa antes da Uber. Sai da Uber porque com a pandemia, a empresa Uber criou uma modalidade de viagens mais baratas. 99 poupa, Uber Promo e Uber pol. A gota d’água foi quando passei o dia trabalhando e só faturei 60,00 reais e a Uber ainda ficou com 20,00 reais. Pra completar, os combustíveis subiram muito e o valor da cesta básica também”

Após três anos como motorista de aplicativos, Bruna deixou o trabalho por falta de condições em manter o serviço, pois todas as despesas do carro, como; manutenção do veículo, impostos e prestações do carro são de inteira responsabilidade do motorista. A desistência de Bruna sinaliza a inviabilidade do trabalho por aplicativos. É preciso se criar leis que protegam os interesses dos motoristas, pois eles estão completamente a mercê do mercado.

Diário de Campo - O canal no Youtube “Falando de Uber”⁷⁸ é do motorista Samuel que faz *lives* diárias para falar da dificuldade dos motoristas de aplicativos. O canal tem cerca de 85,7 mil inscritos e cada vídeo possui quase 14 mil visualizações. Samuel explica para os outros motoristas como funcionam os aplicativos (Uber e 99) e como eles podem melhorar seus ganhos. Ele criou uma estratégia de enfrentamento que consiste gerar insatisfação nos clientes para que os clientes pressionem as empresas para melhorar os ganhos dos motoristas:

“Tem passageiro reclamando e dizendo que estão se humilhando para conseguir um Uber e 99. Que legal isso! significa dizer que estamos vencendo a queda de braço, isso está sendo favorável a nós”.
Quando o passageiro começa a reclamar, o jogo começa a virar. Eu estou vendo os passageiros reclamarem. Quando é o motorista reclamando não adianta nada. É como eu digo, a Uber e a 99 se aproveita da ignorância. O ignorante é aquele que não busca conhecimento; ele baixa o aplicativo e começa a trabalhar. E agora a Uber vai ter que mudar, porque pelo que eu estou vendo, os motoristas estão estudando para trabalhar. “Se você está estudando pra começar a trabalhar na Uber, curta o nosso canal porque eu vou instruir você para trabalhar na Uber”.

Uma das táticas utilizadas pelos motoristas é selecionar as corridas mais caras e cancelar as corridas mais baratas. As empresas de aplicativos (Uber e 99) expulsam da plataforma os motoristas que fazem essas escolhas. Como existe uma profunda despolitização, eles são incapazes de fazer um enfrentamento coletivo contra o sistema de aplicativos, do início da pesquisa até a data da defesa não houve nenhum movimento por parte dos motoristas contra os aplicativos. Os motoristas acreditam que o capitalismo é o melhor dos mundos possíveis. O

⁷⁸SAMUEL. “Falando de Uber”: disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCIk8Z7iVqvf4H7rcyb9Ph3g>, dia de acesso 01/08/2021

problema para eles são: os políticos corruptos e as pessoas aproveitadoras (senso comum). Por mais que esses motoristas reclamem das condições de trabalho eles estão dispostos aceitar o negócio de aplicativos, desde que tenham um bom ganho. Inclusive se isto significar reduzir o tempo de vida a tempo de trabalho. O fenômeno da “vida reduzida” só se torna um problema quando a saúde deles se debilita. Essa atitude dos motoristas sinalizam tanto a problemática do sobrevivencialismo quanto a miséria da precarização neste sentido Alves em 2022 diz:

O trabalho estranhado sob a lógica social do toyotismo sistêmico destrói o sentido da vida como campo de desenvolvimento humano. É o que atestam hoje as estatísticas de adoecimento no trabalho por conta das pressões por maior produtividade e cumprimento de metas, desumanas e desumanamente impossíveis. O dito capitalismo de plataformas, expressão suprema do capitalismo tecnológico, agudizou tal contradição candente do capital em sua etapa de crise estrutural (ALVES, 2022, p66).

A luta pela saúde e bem-estar no trabalho, não faz parte do horizonte de uma grande parte de motoristas. Para esses trabalhadores aumentar o valor das corridas já é suficiente. A outra reivindicação é por políticas que mantenham os motoristas afastados dos passageiros chamados por eles, “pé-de-ratos”⁷⁹ como pode ser observado nas postagens.

Figura 17 : “ pé-de-rato II“



Fonte: Uber da quebrada (<https://www.youtube.com/watch?v=bWHhuvxP99I>)

⁷⁹ GOIS, A .“Pé de rato a origem: como surgiu? E porquê pé de rato?“. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9NWDXgHRQrk&t=4s>. 2 de ago. de 2019. Dia de acesso: 23/12/2021.

GOIS, A .Seis tipos de pé de rato que irritam os motoristas. Youtube. Disponível em Uber da Quebrada: <https://www.youtube.com/watch?v=bWHhuvxP99I>. 19 de nov. de 2019. Acesso dia: 23/12/2021.

O apelido “pé-de-rato” é dado aos passageiros pobres. Pois, dizem os motoristas que os “pés-de-rato” criam bastantes problemas são agressivos, sujam o carro, fedem⁸⁰, moram em lugares perigosos e são criminosos, conforme já sinalizamos anteriormente.

Figura – 18: “pé-de-rato III”



Fonte: Facebook -uber/99 somente motoristas de aplicativos

É fato que os motoristas de aplicativos vêm sofrendo uma escalada de violências como, por exemplo, assaltos principalmente devidos as corridas que os conduzem a bairros perigosos. A produção do preconceito contra os pobres é comum na cultura da classe média brasileira sendo produzida há décadas pelos meios de comunicação de massa e incorporado pelos valores reacionários da sociedade brasileira.

Figura- 19: “pé-de-rato IV”



Fonte: Facebook-Uber/99 somente motoristas de aplicativos

⁸⁰ O filme “Parasita” é um filme de suspense e humor sul-coreano de 2019 realizado por Bong Joon-ho. O filme é protagonizado por Song Kang-ho, Jang Hye-jin, Cho Yeo-jeong, Lee Sun-kyun, Choi Woo-shik e Park So-dam. A questão do cheiro da família pobre representa o cheiro de abandono e injustiça impregnada nos moradores do porão incomoda os detentores do capital, ao passo que constrói uma barreira invisível entre as duas realidades.

A precarização do sistema de transporte público no Brasil vem de longa data (por exemplo, as manifestações de 2013 começaram com uma reivindicação por melhorias no transporte público no Brasil embora essas manifestações tenham sido incorporadas rapidamente por políticos reacionários com o objetivo de desestabilizar a frágil democracia brasileira e possibilitar o golpe de estado de 2016)⁸¹. A Uber e 99 estão sendo usados como uma solução neoliberal que consiste na desresponsabilização do estado pelo transporte como se as empresas de aplicativos pudessem resolver a demanda do transporte. Além de reforçar disposições egoístico-particularistas dos indivíduos que privilegiam os automóveis em detrimento transportes coletivos contribuindo e muito para a desorganização da circulação de transportes nas cidades (ALVES, 2022). Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA):

O padrão de mobilidade da população brasileira vem passando por fortes modificações desde meados do século passado, reflexo principalmente do intenso e acelerado processo de urbanização e crescimento desordenado das cidades, além do uso cada vez mais intenso do transporte motorizado individual pela população (IPEA, 2010, p. 30).

As empresas de aplicativos quando se instalam, provocam efeitos disruptivos na rede de transporte, tanto público, quanto privado (taxis), podendo levar a falência de ambos. É o que observa o taxista Wagner Oliveira, que faz militância contra a “exploração” das empresas de aplicativos:⁸²

Ao chegar a uma nova cidade, ela buscava empresas ou cooperativas de transporte, que pudessem se associar a ela (empresa), cadastrava os carros em uma plataforma. Era um suicídio para as empresas que caíam na armadilha. Em belo horizonte, por exemplo, a impoluta-cooperativa de carros executivos-foi banida do mercado pela ação danosa da Uber. Como essas muitas outras empresas foram aniquiladas pela ação da Uber (OLIVEIRA, 2021 p30).

Outro problema é o dano ambiental proporcionado pela “uberização” do transporte individual nas cidades brasileira. A quantidade de carros emitindo dióxido

⁸¹ Manifestações de junho de 2013 relembrem fatos importantes. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/manifestacoes-de-junho-de-2013-relembre-os-fatos-importantes/>. Acesso dia: 16/04/2022.

⁸² No livro “Minha batalha contra a Uber”, o taxista e ex-motorista da Uber, Wagner Oliveira apresenta uma vasta documentação que foi usada no processo que ele moveu contra a Uber, após ser expulso injustamente da plataforma. Neste livro Wagner Oliveira explica como as empresas de aplicativos funcionam para substituir o taxi.

de carbono na atmosfera vai degradando ainda mais o meio ambiente e causando ainda mais engarrafamentos nas grandes cidades.

O aumento do transporte individual motorizado e conseqüente redução das viagens do transporte público vêm contribuindo para a deterioração das condições de mobilidade da população dos grandes centros urbanos, principalmente em função do crescimento dos acidentes de trânsito com vítimas, dos congestionamentos urbanos e também dos poluentes veiculares. A percepção geral é que essas condições permanecerão por muito tempo, pois as políticas de incentivo à produção vendam e utilização de veículos privados prevalece sobre as medidas de estímulo ao uso do transporte público e do transporte não motorizado (CARVALHO, 2016, p.9)

As empresas de transportes por aplicativo apesar da sua propaganda, de que eles representam a revolução no setor de transporte urbano, não é verdadeira porque não houve melhorias no que diz respeito à locomoção. Os baixos preços pagos aos motoristas criam situações constrangedoras para o motorista e para o passageiro. Pois uma parte dos motoristas prefere não encontrar o passageiro e reportam a empresa que o passageiro não foi encontrado⁸³. De modo que é cobrado do passageiro um valor que na maioria dos casos corresponde ao valor da corrida, de modo que a motorista ganha pelo cancelamento da corrida. Essa lógica do aplicativo vem promovendo ainda mais mal-estar entre passageiros e motoristas. Além da demora em se conseguir uma corrida pode chegar a mais de uma hora. A outra problemática é a falta de logística de circulação de automóveis, nos centros urbanos que não estão preparados para receber um aumento significativo de automóveis circulando.

Diário de Campo - O canal no Youtube: "Uber Ao vivo 24 horas" ⁸⁴ tem 72,7 mil inscritos e as visualizações chegam até quarenta mil por vídeo. O apresentador do canal chama-se Daniel. Ele inicia sua jornada de trabalho as três horas da manhã e encerra ao meio dia. Para iniciar a corrida, o motorista observa primeiro a nota do passageiro - se for abaixo de 4.8, não é considerada uma boa corrida, porque segundo os motoristas, passageiros que não tem nota 5,0, é passageiro "pé-de-rato". Os critérios usados para pontuar os passageiros são: passageiros falantes; passageiros que não está no ponto na hora que o motorista chega; quando eles

⁸³ Cancelamentos de corridas do uber/99 vão parar no procon disponível em: <https://garagem360.com.br/cancelamento-de-corridas-do-uber-e-99-vao-parar-no-procon-entenda/>. Acesso: 16/04/2022.

⁸⁴ SAUMEL. "Falando de Uber24". YouTube. disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6X2OqbYtEM ye2vvk mE- tnQ> dia de acesso: 01/08/2021.

acham o local da corrida é suspeito; passageiros considerados de classe social baixa ou seja, “pobre” (ou como chamam os motoristas passageiros “miseráveis”); e passageiros que segundo eles, são arrogantes e não gostam de pagar a corrida”. Ainda segundo eles, os passageiros considerados “pé-de-rato” são desrespeitosos e costumam assaltar e agredir os motoristas de aplicativos.

Os motoristas “uberizados” criaram um estereótipo em relação aos passageiros mais pobres. Tal, preconceito é um fator determinante para que os motorista aceitem (ou não) a corrida, julgando eles mesmo as pessoas que podem ser (ou não) potencialmente perigosas. O medo do pobre é o combustível para se estabelecer uma situação de ruptura na relação passageiro-motorista⁸⁵. Os passageiros “pé-de-rato” torna-se o elemento de fobia para os motoristas. Os objetos fóbicos apoiam-se em figuras do imaginário infantil, o objeto externo temido é, na verdade, equivocadamente interpretado como o causador da angústia e que, na verdade, essas decorrem de conflitos sexuais e agressivos inconscientes reprimidos (FREUD, 1909). O objeto fóbico esconde a angústia, servindo, dessa forma, para encobri-la. O sujeito fóbico sente perder o domínio de seu ser diante deles. O pé-de-rato representa o objeto da fobia, ou seja, representa o elemento potencialmente perigoso para o motorista de modo que eles constroem uma serie de regras para evitar o objeto. Esse medo primitivo funciona como elemento que impulsionam os motoristas a produzirem estereótipos como uma forma de defesa contra o perigo eminente.

Com o objetivo de evitar o objeto ameaçador, o Youtuber e motorista de aplicativos Daniel, aconselha aos outros motoristas manipular o algoritmo para evitar corridas para lugares indesejáveis e driblar os “pé-de-rato”. A técnica de Daniel consiste em avaliar mal os passageiros para que o algoritmo entenda que o motorista não gosta de viajar para aquele lugar. Se o motorista preferir fazer viagens longas, na hora de avaliar o passageiro, ele deve dar 5,0 para aquele passageiro. Assim, a avaliação do passageiro é determinada pelos estereótipos, preconceitos e interesses do motorista. Caso o passageiro fique com nota abaixo de 4.8, ele é

⁸⁵ RODRIGUES, A.B. Briga entre motorista de aplicativo e passageiro termina com tiros e um ferido. Campo Grande News. 2021. Disponível em: https://www.campo-grande-news.com.br/direto-das-ruas/briga-entre-motorista-de-aplicativo-e-passageiro-termina-com-tiros-e-um-ferido#brid_wa_Brid_8b86d1_e8eb64_069d5ed_9838_859. Dia de acesso: 08/01/2022. Briga entre motorista de aplicativo e passageiro termina em atropelamento. TV Paraná no AR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AL0YvIZ2dok>. 10 de dezembro 2018.

considerado um passageiro “pé-de-rato”; e terá dificuldade para conseguir chamar um carro de aplicativo.

Um dos problemas está no fato da empresa colocar a responsabilidade da avaliação dos passageiros para os motoristas (e vice versa), eximindo-se ela própria de ser avaliada. Existe uma técnica de manipulação que protege a empresa de críticas diretas. Tal método de avaliação possibilita a criação de estereótipos, atijando a fúria e o medo dos motoristas “uberizados” contra os passageiros “pé-de-rato”. A fúria representa um mecanismo de defesa subjetiva diante do constante medo do ataque. Como observou Adorno, no livro estudos sobre personalidade autoritária. A reação individual mais comum diante do medo e desamparo é a produção do estereótipo, pois o estereótipo é:

Um dispositivo para se vê as coisas confortavelmente; uma vez que, no entanto, ela se alimenta de fontes inconscientes profundas, as distorções que ocorrem não podem ser corrigidas somente pelo olhar real (ADORNO, 2019, p263).

Ainda segundo o filósofo alemão da Escola de Frankfurt, a base psicológica do preconceito tem a ver com uma visão binária e reduzida de mundo, produzindo dicotomias em relação ao mundo real: bem ou mal, certo ou errado, etc. Isto consiste numa visão metafísica do mundo em que as diferenças se dão de formas contrastantes. O sujeito preconceituoso é movido pelo medo, possui uma mentalidade binária e simplista em que o pensamento se resume em: as coisas são ou não são. Trata-se, de uma visão de mundo baseadas em posições imaginárias originárias dos traumas infantis. “A experiência vivida” é descartada e os fantasmas e fantasias inconscientes preenchem aquilo que eles são incapazes de compreender devido à devastação intelectual ao qual estão submetidos pela alienação:

O sujeito preconceituoso é vagamente consciente de que o conteúdo do estereótipo é imaginário e que sua própria experiência representa a verdade. Contudo, por razões psicológicas mais profundas, ele quer se ater ao estereótipo. Isso ele consegue transformando este último em uma expressão de sua personalidade e os elementos em estereotipados em uma obrigação abstrata (ADORNO, 2019 p 285)

Nossa hipótese é que os estereótipos estão sendo construídos baseados na lembrança de objetos ameaçadores e ligados à castração. O desamparo social da

qual estão sendo submetidos esses trabalhadores funciona como um elemento desencadeante da reação fóbica desses motoristas. A narrativa da toxidade do outro enquanto alteridade constitui-se como elemento central na subjetividade desses trabalhadores e da sociedade como um todo, conforme explicamos no capítulo: Barbárie social e pulsão de morte. O medo do outro esta se constituindo como umas das principais formas de sofrimento na era da barbárie social. É importante deixar claro que o descaso, ódio e repulsa aos “pé-de-rato” não representa maldade dos motoristas. Esse medo do outro também foi estudo pelo psicanalista Dunker (2015) no livro *O Brasil entre muros* na qual ele formula o conceito de “lógica do condomínio”. A lógica do condomínio nada mais é do que uma forma de sofrimento que impossibilita os sujeitos de conviver com a alteridade. A sociedade positiva de Byung – Chul Han também desenvolve o raciocínio nesta mesma direção. Além do medo fóbico existe outra forma de se relacionar com os objetos de fobia que é a ridicularização da alteridade conforme observamos no canal *Na lata driver*.

Diário de Campo - O canal no Youtube - canal “Na Lata Driver”⁸⁶.

O vlogger “Na Lata driver” é um programa na internet apresentado pelo Youtuber- motorista Henrique. Seu programa tem o formato dos realities shows⁸⁷. O programa na lata Driver possui uma estética bizarra, pois, é produzido como um “circo de horrores”- “circo das aberrações”, pois Henrique expõe a degradação subjetiva dos seus passageiros. A miséria subjetiva é então consumida por milhões de seguidores do seu canal no Youtube. “O circo dos horrores” foram muito comuns no fim do século 19 e início do século 20, e era um lugar em que as anomalias humanas foram destaques nos shows. Esses espetáculos ficaram conhecidos como “Circo de Horrores” (em inglês: “freak shows”). Esses circos eram muito populares nos EUA, com elencos que incluíam anões, albinos e qualquer tipo de pessoa que fosse deformada por doenças. Henrique enquanto apresentador do seu próprio circo

⁸⁶MEIRELES. M. “Achismos” é um canal do YouTube e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3EgDbo nn8IM>. Acesso em 16/07/2021.

“Na lata driver”, o canal do YouTube, está disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCmXsbgL LzeV3h_FO mk yPh XQ.

⁸⁷ É um gênero de programa de televisão baseado na vida real. Podemos então falar de reality show sempre que os acontecimentos nele retratados sejam fruto da realidade e os visados da história sejam pessoas reais e não personagens de um enredo ficcional. Exemplo deste é o programa mundialmente conhecido *Big Brother*, criado em 1999 por John de Mol.

expõem os horrores da degradação subjetiva de uma parte dos trabalhadores lumpenizados: prostitutas, bêbados, gays. Ele expõe as minorias marginalizadas com o objetivo de ridicularizá-los.

O apresentador Henrique filma todas as suas corridas ao vivo, Transformando-as em pequenos vídeos de humor, que podemos considerar como sendo um trágico espetáculo da miséria subjetiva do trabalhador do empobrecido. O circo dos horrores apresentado em Na lata Driver é o desdobramento da despolitização da sociedade brasileira, Como observou Maria Rita Kehl,

Na sociedade do espetáculo, em que o espaço da política é substituído pela visibilidade instantânea do show e da publicidade, a fama torna-se mais importante do que a cidadania; além disso, a exibição produz efeitos sobre o laço social do que a participação ativa dos sujeitos nos assuntos da cidade/ sociedade (KEHL, 2004, p 143).

Em seu circo dos horrores, do canal “Na lata driver”, o passageiro se transforma em motivo de escárnio, sendo ridicularizado para provocar no espectador, um efeito cômico. O canal de Henrique possuía em 04/01/2022, 1,4 milhões de inscritos. Ele só trabalha nas madrugadas. De acordo com Henrique, na madrugada, o aplicativo de transporte não são apenas um aplicativo de transporte - o aplicativo da Uber e da 99 funciona (como Tinder⁸⁸), para encontros sexuais entre motoristas e passageiros. Inclusive, os motoristas criaram códigos para indicar ao passageiro que ele aceita o pagamento da corrida com sexo.

No *vlogger* de Henrique, observamos que os conteúdos de caráter sexual são bastante explorados, indicando a reificação das formas de sexualidade. Henrique, o motorista de aplicativo, faz de si, um youtuber, sendo quase um *alter ego*. Segundo o youtuber, existem códigos usados para sinalizar a intensão sexual do motorista na hora da corrida são: pastinha halls no painel do carro significa que o motorista aceita sexo oral como pagamento; Se a passageira sentar no meio no banco de trás significa que ela está disponível para pagar a corrida com sexo; Se a passageira senta no banco da frente significa que ela está disponível a pagar a corrida com sexo; Quando o passageiro diz que só vai ali e volta rapidinho significa que ele vai comprar drogas. Se o motorista aceita sexo como pagamento ele pode por um

⁸⁸Tinder é um aplicativo de relacionamento para Androide e iphone (IOS), que combina pessoas a partir de um "match" — nome dado pela plataforma para quando ocorre interesse mútuo entre dois usuários. O Tinder permite conhecer pessoas de todos os locais do mundo para possíveis novas paqueras ou amizades. Criado em 2012, ele já ganhou funções das mais diversas ao longo dos anos e ainda é um dos apps de relacionamento mais usados.

adesivo XerecaCard⁸⁹. Inclusive existe uma página na internet para vender o adesivo. Promotoria de Violência Contra a Mulher de Marabá abriu procedimento que resultou na expedição de uma recomendação às empresas de transporte por aplicativo da cidade solicitando que notificassem todos os motoristas cadastrados a retirarem o adesivo colado nos veículos⁹⁰. A presença desses adesivos nos carros de aplicativo é a representação da sexualidade estranhada produzida pela crise estrutural do capital. Como observou Maria Rita Kehl, “Na sociedade do espetáculo, pessoas “comuns”, anônimos extraídos da massa de telespectadores, tem-se candidatado a submeter-se a situações degradantes com o único intuito de ganhar um pouco de notoriedade televisiva (KEHL, 2005, p 143)”. Com Henrique não é diferente, o que ele espera em seu pequeno “circo dos horrores” é sair do anonimato e ascender socialmente por meio das mídias sociais.

Figura – 20: “Xerecard”



Fonte: jornal O liberal

As pessoas riem quando assistem aos vídeos de Henrique. O riso vem da degradação da criatura aflita e empobrecida. Pelo número de curtidas e de interação, é possível perceber que a sociedade naturaliza o escarniu dos impotentes como forma de diversão, configurando-se como um traço de crueldade. Existe um sintoma social para ser lido no Vlogger na lata Driver que é produto da formação escravista em que a crueldade com os impotentes foi naturalizada até mesmo depois da libertação das pessoas escravizadas. O na lata driver é a expressão da

⁸⁹ “Xereca Card” disponível em: <https://www.facebook.com/XereCard-358594521838224>. Acesso em 16/07/2021.

⁹⁰ Aceitamos Xerecard”: adesivos ofensivos às mulheres são alvo de ação do Ministério Público. Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/promotoria-de-justica-de-maraba-iniciou-campanha-de-adesivacao-dos-aplicativos-da-cidade-1.363143>. Acesso. 20/06/2022.

miséria espiritual das massas forjada na escravidão tendo a crueldade como princípio e o espetáculo grotesco da degradação humana como diversão.

O empobrecimento, esvaziamento do coletivo, a universalização do particular, os meios de comunicação que manipula muito mais do que informa com o objetivo de despolitizar toda uma sociedade contribuem para o surgimento de youtuberes como Henrique. Ele representa e apresenta o modelo mais bem acabado das subjetividades produzidas pelo necroestado brasileiro decadente. A manipulação e a cobrança pelo sucesso brutaliza o indivíduo que vai aos poucos se tornando capaz de fazer qualquer coisa para conseguir o tão sonhado sucesso. É a lógica do sujeito formado pelo capitalismo neoliberal. O culto ao Eu individual e uma forte idealização e superestimação de si mesmo e um desprezo pelos demais são características subjetivas do “sujeito neoliberal”. Ainda no Na Lata Driver Henrique fez uma entrevista com o YouTuber Monark⁹¹ acusado recentemente de apologia ao nazismo tal, live teve 35.616 visualizações. Henrique defende a ideia que se pode dizer qualquer coisa, inclusive a ideia de que defender um partido nazista nada mais é do que liberdade de expressão.

Tanto Henrique quanto Erick fazem parte de uma geração de jovens motoristas- Youtuberes que transformam tudo em brincadeira. Com certa dose de irresponsabilidade travestida de liberdade de “expressão”. É necessário se realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre o ativismo político “reacionário” dos “motoristas –Youtuber” para que se possa compreender do que se trata. Infelizmente devido ao tempo de duração da pesquisa, seria irresponsabilidade da pesquisadora fazer alguma análise apressada. Essa forma de se relacionar com as pessoas que utilizam o serviço deles para transporte também foi observada no Uber sem limites. Pelo nome Uber sem limites já podemos pensar um pouco sobre o que significa um Uber “sem limites”. Pela forma como Erick se enxergar podemos pensar que o que não tem limite seja sua modalidade de gozo está precisamente situado na degradação dos impotentes.

Diário de Campo- O canal no Youtube “Uber sem limites”⁹² tem como apresentador o “motorista- Youtuber” Erick cuja única fonte de renda é o trabalho por

⁹¹Entenda o caso de apologia ao nazismo incitado pelo youtuber Monark. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4983875-entenda-o-caso-de-apologia-ao-nazismo-iniciado-pelo-youtuber-monark.html>. Acesso: 22/06/2022.

⁹²“Uber ao vivo em São Paulo sextou”. In “Uber sem limites”, disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=uK9jiWdr7Tw>. Acesso em 24/07/2021.

aplicativo (alguns motoristas têm outras fontes de renda além do trabalho com aplicativo). Erick se identifica como sendo

“uma pessoa de imenso potencial da quebrada e que está em busca de oportunidade”

Seu canal tem 7.700 inscritos; e ele filma suas corridas realizadas na madrugada tal como o Henrique. Seus conteúdos são xenofóbicos, homofóbicos e misóginos. Por exemplo, quando Erick se passa como um gay, ele faz gestos simulando uma relação sexual com outro homem. Isto é um conteúdo homofóbico (tal live teve mais de 3.000 visualizações), onde seus seguidores divertem-se bastante com o ato de ridicularizar o gay. (nesta mesma live, Erick sofre um acidente de carro, seu carro bate em uma moto, mas por sorte, ninguém se machucou, havendo apenas prejuízos materiais). Como podemos constatar não existe uma grande diferença em termos de conteúdos entre Erick e Henrique. A não ser a classe social. Erick é um rapaz negro, pobre e que vive em periferias. Já Henrique é homem de classe média.

Diário de Campo - O canal no Youtube vlogger “Uber do Izaias” tem mais de 3.000 inscritos e a proposta dele é mostrar – na prática – o trabalho do motorista de aplicativos. No seu diário virtual, Izaias fornece dicas para outros motoristas sobre como fazer corridas “melhores”, isto é, melhores remuneradas. É comum nos vloggers dos motoristas “uberizados”, a presença do discurso da teologia da prosperidade associado ao discurso “despolitizado” que atribui ao sobrenatural, os ganhos monetários pelo trabalho. Como exclama Izaias: “Gloria a deus! Vamos agradecer ao senhor o valor ganho pelo trabalho”⁹³.

Diário de Campo -O canal no Youtube canal- “Lady Driver”⁹⁴, motorista de aplicativo Janaína (33 anos), que possuía em 04/01/2022, 9,41 mil inscritos. Ela diz no vlogger que é casada e trabalha como motorista de aplicativos há 3 anos. Nas suas *lives*, Janaina entrevista os passageiros como se eles estivessem num Programa de Entrevistas. Janaína transforma os passageiros em personalidades, contando as histórias de pessoas comuns que são seus clientes no aplicativo. Ela não entra em detalhes ou não faz nenhuma referência sobre sua jornada de trabalho

⁹³ “Realidade 100% Uber black na prática quarta feira top top”. *Uber do Izaias* em: <https://www.youtube.com/watch?v=dQHdOiO9dvA>. Acesso em 24/07/2021

⁹⁴ O canal “Lady Driver” está disponível em: <https://www.youtube.com/c/LadyDriveer/videos>. Acesso em 24/07/2021.

e a experiência dela como motorista. Assim como “Uber sem limites” e “Uber do Izaias”, o vlogger de Janaína não deixa de ser – de certa forma - um espetáculo egóico em que uma mera desconhecida realiza o seu autopromoção.

O Vloguer da Janaina ao contrario dos outros vlogueres acima pode ser compreendido como uma exceção à regra porque nem todos os motoristas de aplicativos estão alimentando a miséria espiritual das massas como: homofobia, racismo, sexíssimo. O canal de Janaina apesar de apresentam o formato de um show da vida ordinária mantem os padrões de respeito ao outro. A conclusão que se chega ao acompanhar os vlogueres diz respeito aos processos de subjetivação e sofrimentos sociais, em que os vlogueres, mesmo sem saber expõem as misérias subjetivas das massas desamparadas que responde ao desamparo com diversas formas de violência.

CAPITULO III

3.0 SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL E O CONTROLE DO TEMPO

A primeira coisa que precisamos pensar quando se estuda o trabalho e os trabalhadores é compreender sobre a essência ontológica da classe trabalhadora e a centralidade do trabalho enquanto organizador subjetivo do tempo de vida. A essência ontológica da classe trabalhadora é fruto tanto da história política e cultural, quanto da organização da economia capitalista. As origens do trabalhador enquanto classe está na criação do sistema fabril em meados do século XVIII na Inglaterra (THOMPSON, 1987). A existência e sobrevivência da classe trabalhadora diz respeito à “experiência de um movimento comum” que une a classe trabalhadora e que promova a identificação mútua apagando as diferenças individualistas para se construir um desejo emancipatório coletivo que seja capaz de preservar a singularidade sem individualismo. Ao longo da história do capitalismo, este sempre interferiu na subjetividade do trabalho vivo, porém só no capitalismo neoliberal que o controle perpassa do corpo para a mente do trabalhador. A subjetividade se torna o principal alvo do controle do capital. O neoliberalismo atua sobre a subjetividade causando a fragmentação do laço social e reforçando as diferenças individuais o reforço sistemático das pequenas diferenças produz uma hipertrofia do Eu (ROUDENESCOU, 2021). Sendo este último uma modalidade de sofrimento normatizada pela sociedade burguesa como um modo de existência. Dito isto podemos definir o sujeito neoliberal como um sujeito que sofre com a solidão e com sua autoimagem (angústias indenitárias) (DARDOT e LAVAL, 2016; ALVES, 2021).

O sujeito neoliberal coloca o seu EU como ponto central de toda e qualquer discursão impondo a todos a sua própria maneira de gozar. Pois, a cultura do narcisismo possibilitou que a sua majestade “o bebê”⁹⁵ permanece até a vida adulta na posição de realeza sendo ele próprio a razão em si mesmo. Sendo impossível para esse sujeito suportar uma posição de apenas mais um na multidão. Esse cenário então se agrava diante da superficialidade da relação desse sujeito com o seu ofício que barra a possibilidade de se afiar em seu trabalho e ser reconhecido pelos seus pares a partir de si mesmo, desconstruindo a imagem do pequeno

⁹⁵ Em "Introdução ao Narcisismo", trabalho de Freud de 1914, o autor se refere à criança como sendo "his majesty – the baby".

soberano. O reconhecimento a partir do coletivo de trabalho abre as possibilidades desse sujeito pertencer a um grupo renunciado o seu narcisismo primário em troca ele recebe a autorização de fazer parte de um grupo. Todavia a flexibilidade das relações trabalhistas reforça a hipertrofia do Eu visto que ele necessita agarrar-se a si próprio como um fim em si mesmo como uma tentativa de autopreservação.

O “neosujeito” ou “subjetividade neoliberal” é produto tanto da cultura neoliberal (cultura do narcisismo) como também o é produto das interações disruptivas que marcam profundamente as relações sociais no capitalismo neoliberal. A cultura neoliberal e as interações disruptivas produzem uma nova racionalidade do capital, a nova razão do mundo. Tal lógica, da racionalidade capitalista funciona “formatando” subjetividades e novas formas de existência incapazes de estabelecer vínculos duradouros, sendo estas últimas constituindo modalidade de sofrimento psíquico (DARDOT; LAVAL, 2016). Essas novas formas de sofrer, se deve em grande parte ao esvaziamento dos meios de reação coletiva da classe trabalhadora diante da ofensiva neoliberal (ALVES, 2021) A nova racionalidade do capital significa a constituição de um sujeito, com valores morais e formas de sociabilidade adequadas ao capitalismo neoliberal.

Há um sujeito que foi produzido especificamente pela formação discursiva neoliberal, com suas formas de verdade, seus valores morais, suas instituições sociais. Nesse sujeito, uma ideia precisa de liberdade está presente, a saber, a liberdade se não como independência comportamental, pelo menos como não submissão moral do indivíduo as normas sociais (JÚNIOR, 2021, p 259).

A cultura do capitalismo neoliberal redefiniu a constituição do sujeito com pré-requisitos psicofísicos atrelados a valores-fetiches, sonhos, expectativas e aspirações de mercado. Não se trata apenas de administrar recursos humanos, mas sim de manipular os talentos humanos (ALVES, 2021). O sujeito neoliberal é exclusivamente racional em suas escolhas, sua liberdade será pensada como autonomia sem heteronomia, em que a lei interior (Supereu), desse sujeito se sustenta sem nenhum vínculo com o exterior. Esse sujeito, encara a si próprio, como um investimento econômico, investe economicamente na própria formação, concebendo-se necessariamente como uma empresa. O “sujeito-empresa” precisa e deve prosperar de qualquer forma. De modo que todas as suas escolhas, seja necessariamente as mais lucrativas e seguras (JÚNIOR, 2021) de maneira que a

pessoa humana transforma-se em um servo do capital, sobre a redução do ser humano genérico em servo do capital Alves diz;

Transformando a pessoa humana que trabalha em servos do capital. A ideia de servidão voluntária aplica-se aos novos modos de gestão toyotista. A satisfação e o gozo que nos reduz como pessoas humanas é um traço perverso da lógica gerencialista do capitalismo flexível. (ALVES, 2021, p. 23)

O neosujeito caracteriza-se pela perda da consciência de classe, enfraquecimento dos laços sociais, perda do senso de coletividade, pela “captura” da subjetividade do trabalho pelos valores do capital; precarização do trabalho; modo de vida “just-in-time”. Por fim o sujeito neoliberal ensimesmado apresenta perturbações na ordem do desejo, e da linguagem (DARDOT e LAVAL, 2016; SAFLATE, 2021; DUNKER, 2021; ALVES, 2021) que tendem a se aprofundar conforme se aprofundam a precarização do trabalho marcada pela acumulação flexível e redução do tempo de vida a tempo de trabalho estranhado que exacerba a alienação do trabalhador. O sujeito forjado na cultura neoliberal não consegue desejar, pois esta presa à sobrevivência imediata ele nada mais é do que “um animal de produzir valor” (MARX, 2010) e não consegue se comunicar porque ele esta no laço social apenas como um espectro.

O aprofundamento da precarização do trabalho que tem por consequência o empobrecimento das camadas populares e a proletarização da “classe média”, dificulta a organização dos trabalhadores numa perspectiva de classe (o problema da formação da consciência de classe é um dos pontos centrais na constituição do sujeito neoliberal). Por consciência de classe, entendemos a organização coletiva em sindicatos e associações (classe em si) e a consciência política (classe para si). Conforme nos diz o motorista N. 45 anos. Diário de campo, entrevista virtual com motorista de aplicativos.

Os entregadores são mais organizados o cara que tem uma moto ele faz entrega para varias outras empresas. Nós motoristas não somos uma classe somos uma categoria. Cada um por si e deus por todos. (motorista. 45 anos)

O capitalismo neoliberal promove a desarticulação sistemática da classe trabalhadora por meio da “ideologia”, aprofundando as dificuldades na formação do em-si e para-si da classe, por meio do incentivo ideológico ao individualismo. A

ideologia do neoliberalismo demarca as diferenças dentro da classe trabalhadora separando-as em: cor, condição sexual e gênero. A demarcação das individualidades fortalece o narcisismo da “pequena diferença”⁹⁶. O efeito social produzido pelo reforço sistemático das diferenças é o que podemos chamar de “ensimesmamento”⁹⁷ e vice versa. O movimento do narcisismo da pequena diferença (inconsciente- singular) ao ensimesmamento (consciente- social) se produz a “captura” da subjetividade. A “captura” da subjetividade, diz respeito ao processo de dessubjevação da “classe em si” e “para si” como resultado da operação ideológica que produz a identificação do trabalhador com os valores morais e éticos da burguesia (individualismo). No movimento da “captura da subjetividade” o tempo se torna crucial. Pois, os efeitos da velocidade da “vida reduzida” sobre a experiência de vida possibilita à adesão desse trabalhador a ideologia hegemônica. Pois, é importante termos em mente que o modo de produção capitalista tornar-se hegemônico porque conseguiu controlar o tempo do trabalho vivo para a produção.

Ao reduzir ainda mais o tempo de vida a tempo de trabalho, o capitalismo de plataforma contribui, de certa maneira, para o fortalecimento dos particularismos, ou seja, estranhamentos na subjetividade do trabalho vivo, pois a velocidade das informações e a carga de trabalho cada vez mais intensa contribuem para que esse trabalhador reduza o seu tempo de socialização.

No século XVIII, Thompson observou que o “controle do tempo” era uma das formas de controle externo exercido pelo capital sobre os trabalhadores, preparando-os para o protagonismo do novo modo de produção, o capitalismo. O capital é o Senhor do Tempo que devora seus próprios filhos (como na obra de Francisco Goya intitulada “Saturno devorando seu filho”)⁹⁸, pois é através do controle e manipulação do tempo que o capitalismo conseguiu acumular mais riquezas (mais-valia). O novo capitalismo flexível e a “contração espaço-temporal”

⁹⁶ Entendemos por “narcisismo da pequena diferença” a incapacidade do sujeito de conviver com a alteridade em que a mínima diferença se torne a máxima diferença. O termo surge no livro *O mal-estar na cultura* (1930) para explicar comportamentos racistas (ano de 1933 a 1945 ano de ascensão e declínio do III Reich na Alemanha nazista).

⁹⁷ Entende-se por ensimesmamento o movimento subjetivo caracterizado pela incapacidade de perceber o mundo à volta (autoalienação) toda chave de interpretação do mundo é a partir da necessidade individual. De modo que esse sujeito deseja adaptar o mundo ao seu próprio desejo, a origem desse comportamento está no estado precoce infantil em que a criança investe toda a sua libido em si mesma (narcisismo primário).

⁹⁸ Saturno Equivale ao deus grego Cronos

produzem efeitos ainda mais nefastos à subjetividade. Não é por acaso que os dois principais afetos produzidos na era do sociometabolismo da barbárie são ligados à questão da temporalidade: o medo e a esperança (SAFLATE, 2015) esses afetos representam uma determinada forma de sofrimento relacionado ao tempo-futuro em que um representa o oposto do outro (SPINOZA, 2007). O medo é a suposição que algo ruim irá acontecer no futuro, enquanto a esperança, uma suposição que algo bom irá acontecer no futuro. Na era da barbárie, a parceria medo/esperança compõe a normativa do “circuito do afeto” (SAFLATE, 2015). Por exemplo, é a partir da manipulação dos afetos medo e esperança, que as empresas de plataforma manipulam o motorista. E não são apenas as empresas de plataforma, mas gestão da sociedade como uma empresa está fortemente ligada ao gerenciamento do sofrimento como elemento para a eficácia (GAULEJAC, 2007; DARDOT e LAVAL, 2016, DUNKER, 2021; SAFLATE, 2021).

O modo de “acumulação flexível” marca o capitalismo neoliberal exige uma subjetividade capaz de se engajar psicologicamente aos novos “tempos” em que a rapidez torna um novo estilo de vida. David Harvey tratou do problema da aceleração do tempo por meio da “compressão do espaço e do tempo”. Segundo Harvey na aceleração do giro do capital, o passado e o futuro se tornam irrelevantes diante do excesso de presente na qual estão todos submetidos (HARVEY, 1993). O futuro está comprometido, pois o trabalho vivo compromete seu futuro devido às dívidas contraídas para sobreviver e pelo consumo estranhado, formando o que David Harvey (2018) denominou por servidão por dívida. da “servidão por dívida”.

Além disso, o domínio do tempo pelo capital contribui para a “despolitização”⁹⁹, sendo orquestrada sobretudo pelas redes sociais como Facebook que tem a função de “roubar” grande parte do tempo do trabalhador e criar bolhas ideológicas de ódio e impulsos destrutivos como uma peça chave fundamental da “guerra híbrida” no espectro da dominação total do capital (INFRANCA,2022; ALVES, 2022).

⁹⁹ Entende-se despolitização processo que representa o distanciamento de uma pessoa ou grupo da realidade em que vive. Produzindo o que Foucault e Mbembe denomina “sociedade da inimizade” este tipo de controle biopolítico subjuga e controla, hostilmente, corpos e populações. Ela tem ênfase na diferença conferida, doravante, aos mecanismos políticos e discursivos que recriam, calcados na diferença racial, e nos inimigos a serem neutralizados.

O discurso ideológico da “democracia de acessos”, quer dizer, imaginar a “bolhas das redes sociais” como sendo uma espécie de “ágora”¹⁰⁰ é falso porque, o modelo de plataforma capitalista se constitui como materialização da antipolítica, pois.

As plataformas filtram a nossa comunicação, analisam nossos comportamentos e nos inserem em bolhas de pessoas semelhantes. Um grande mercado de dados e uma microeconomia da interceptação de informações pessoais se fortaleceram a partir do final da primeira década do século XXI (SILVEIRA, 2018, p.34)

Por tudo que foi discutido acima sabemos que estamos diante de uma nova “hegemonia cultural” de acordo com Antônio Gramsci (2010)- esta nova hegemonia diz respeito ao modelo de gerenciamento da vida como sendo uma empresa (Você S/A), que produz e reproduz o enfraquecimento do laço social (GAULEJAC, 2007),. A lógica da competitividade e a ideologia do empreendedorismo (Você S/A) enfraquecem a solidariedade de classe. Não é possível, deste modo, construir uma consciência coletiva, pois para que a classe trabalhadora exista, em si e para si, é preciso desenvolver uma identidade entre todos aqueles que possuem um interesse comum. O desejo coletivo por dignidade e respeito tem que se sobrepor aos interesses individuais, pois, o desejo de liberdade é um desejo que se deseja junto. Isso implica dizer que a liberdade só é possível na presença de uma luta coletiva em que os trabalhadores possam se reconhecer em suas diferenças com respeito à alteridade e unidos por uma identidade em si e para si. O que presenciamos na etapa do capitalismo em crise estrutural é a degradação da pessoa humana que trabalha e uma construção de uma nova hegemonia do capital que estamos intitulado de Barbárie social.

Portanto, na hegemonia cultural do dito capitalismo de plataforma observamos a constituição de formas de mal-estar que se encontra nos seguintes campos: o campo do desejo (desvalorização força de trabalho); o campo da linguagem (o léxico toyotista no discurso das Igrejas neopentecostais, da mídia e no sistema educacional); e o campo do trabalho alienado (com exacerbação do trabalho estranhado pela vida reduzida a tempo de trabalho) (DUNKER, 2015). O modo de

¹⁰⁰ Ágora é o Normalmente era um espaço livre com edificações, onde os cidadãos costumavam ir, configuradas pela presença de mercados e feiras livres em seus limites, assim como por edifícios de caráter público. Enquanto elemento de constituição do espaço urbano, a ágora manifesta-se como a expressão máxima da esfera pública na urbanística grega, sendo o espaço público por excelência, da cultura e política da vida social dos gregos.

vida “just-in-time” produz o mal-estar como um produto inescapável da sociedade burguesa capitalista.

3.1 Barbáries Social e Pulsão de morte

A crise estrutural do capitalismo e as respostas do sistema para o enfrentamento de suas próprias contradições criou as condições para que o mundo entrasse no que Mézáros nomeou de barbárie social. A barbárie social inaugura uma nova etapa das mediações de primeira e segunda ordem da relação- capital, que tem por característica a produção e reprodução do sociometabolismo da barbárie e da pulsão de morte¹⁰¹ como eixos centrais do processo de subjetivação. A violência é a consequência imediata de tal processo subjetivo.

A violência eclode em suas formas ativas e passivas instituindo novas formas de mal-estar, sofrimento e sintomas: desefetivação, fobias, anomias, burnout, depressão, fracassos, apatias, ressentimentos- que marcam a era da barbárie social. O traço da violência (pulsão de morte) esta arraigada em todas as já referidas formas de sofrimento, seja a auto violência como depressão, burnout, apatias, fracasso seja em relação ao outro, como nas fobias, anomias, ressentimentos. A associação mundial de medicina do trabalho ressalta que as doenças mentais associadas ao trabalho mais comuns são depressão, transtorno de pânico¹⁰², ansiedade e síndrome de bournout¹⁰³. Os trabalhos mais estressantes envolvem bombeiros, militares, policiais, jornalistas, altos executivos, médicos, enfermeiros que trabalham em UTI , emergências, economistas e professores. Através de nossa pesquisa podemos afirmar que os motoristas de aplicativos e os entregadores também podem ser consideradas ocupações de auto custo para a saúde mental, junto as outras profissões reconhecidas como nocivas a saúde mental.

As personalidades afetadas pelo mal estar da barbárie, vão formando parcerias sintomáticas e retroalimentando o sociometabolismo da barbárie na forma

¹⁰¹ Pulsão de morte, para Freud é o impulso ativo que leva a aniquilação do Eu (na forma passiva) e destruição do outro (forma ativa).

¹⁰² A terminou de síndrome do pânico foi substituída pela categoria fobias, uma vez que esse trabalho tem um viés psicanalístico.

¹⁰³ Transtornos mentais estão entre as maiores causas de afastamento do trabalho. Disponível em: <https://www.anamt.org.br/portal/2019/04/22/transtornos-mentais-estao-entre-as-maiores-causas-de-afastamento-do-trabalho/#:~:text=Ele%20ressalta%20que%20as%20doen%C3%A7as,ansiedade%20e%20s%C3%A4ndrome%20de%20bournout>. Acesso. 21/06/2022.

de uma manutenção conservadora (pulsão de morte). Isso se deve ao fato de que o modo de produção interfere na subjetividade repercutindo no inconsciente. Segundo Dunker (2015) as categorias signos da exploração e espoliação do capitalismo possuem correspondentes a nível inconsciente como uma forma de homologia, ou seja, metonímias¹⁰⁴ do sofrimento inconsciente.

De modo que a teoria da alienação é a homologia entre sintoma, mal-estar e sofrimento. A divisão social do trabalho é a homologia da divisão subjetiva, homologia entre alienação ideológica da consciência e alienação do desejo na loucura. Homologia entre a perda da experiência com a totalidade e a perda do gozo também conhecida por castração. Homologia entre a forma individualizada da mercadoria e a forma inconsciente de produção dos sintomas. Existem homologias fundamentais que estão na raiz da modernidade e que se constituem como processos de subjetivação (DUNKER, 2015, p 187).

A economia política do capitalismo se constitui como o eixo central de interpretação a respeito da subjetividade e do inconsciente. É o movimento do capitalismo que determina a existência do inconsciente. Para Samo Tomšič (2022) o inconsciente capitalista é o entrelaçamento entre um inconsciente transistorico (ser genérico) e o capitalismo, entendendo como uma formação, sócio histórico, mediadora. De modo que Tomšič, apresenta uma compreensão diferente do Dunker (2015) e Žižek (2009), pois enquanto o primeiro está levando em consideração a materialidade do capitalismo recorrendo à Marx os segundos criam modelos idealistas para explicar o inconsciente aproximando-se mais de Hegel. Em nossa pesquisa recorreremos a Marx para tentar compreender a objetividade da subjetividade do motorista de aplicativos.

O capitalismo em sua etapa de crise estrutural possibilitou o desenvolvimento das forças destrutivas tendo o necropoder¹⁰⁵ como manutenção da acumulação das forças de destruição próprias da relação do capitalismo com a natureza, tendo a barbárie social como sua expressão. Ele - o necropoder, torna-se o elemento-chave da relação-capital¹⁰⁶ e do poder do Estado político do capital (ALVES, 2020). De modo que a pulsão de morte é o produto do movimento abstrato do capitalismo, ou seja, Dinheiro-Mercadoria-Dinheiro acrescido (D-M-D`) que se repete infinitas vezes,

¹⁰⁴ A forma retórica que opõe à metáfora tem um nome – ela se chama metonímia. Ela concerne à substituição de alguma coisa que se trata de nomear - estamos, com efeito ao nível do nome

¹⁰⁵ O necropoder é um conceito desenvolvido pelo filósofo Achille Mbembe e significa o poder que autoriza a matança de parte da população para sua própria manutenção e reprodução. (Mbembe, Achille. Necropoder. N-1 edições, São Paulo, 2018)

¹⁰⁶ Relação entre o trabalho vivo ou forças produtivas e o capital.

produzindo o que Freud designou de “compulsão a repetição”, que é movida pela pulsão de morte, situando os sujeitos em uma posição de busca incansavelmente descontente que retroalimenta o capitalismo em sua fase autodestruição (TOMISC, 2022).

Da perspectiva psicanalítica o capitalismo aparece de fato como uma cultura de gozo imposto. Marcuse já apontava para a ligação entre o gozo compulsivo e extração de mais-valor ou mesmo para a conversão do gozo em mais-valor. Este último representaria então o gozo quantificado, sistêmico, específico da organização capitalista da economia social e libidinal (TOMISC, 2022, p. 4).

Dito isto, o que resta da operação entre o gozo e a necessidade de autoconservação da espécie “homo sapiens”, produz as pulsões de vida e morte. Na disputa entre vida X morte, o trabalho vivo descartado pelo capital identifica-se com o resto, tornando-se ele mesmo um dejetivo. A pulsão de morte se torna o impulso que mobiliza e impulsionam o trabalho vivo descartado pelo capital como o “objeto dejetivo”. Isso se deve em grande medida, ao fato de que o modo de produção capitalista não necessita mais de tanta força de trabalho, como fora na revolução industrial e desenvolvimento fordista.

A sociedade burguesa se organiza possibilitando que o Estado, mude sua forma de funcionamento autorizando a iniciativa privada o poder de ordenar e controlar os impulsos autodestrutivos. Essa nova etapa de funcionamento do capitalismo é o capitalismo neoliberal. A busca incessante do capitalismo em acumular riquezas - compulsão a repetição - deu origem as suas próprias contradições que levou a crise estrutural do capital produzindo e reproduzindo e economia libidinal da morte. Com o objetivo de recuperar os lucros e a manutenção do sistema capitalista, o capitalismo se reorganiza por meio da reestruturação produtiva e o modelo econômico neoliberal que por sua vez provocou o aumento da precarização, flexibilização e desmonte do estado de bem estar-social e degradação do trabalho vivo. Logo o que fica “obsceno” no movimento por mais lucro no capital é a produção da morte.

No caso do Brasil que nunca teve um estado de bem estar social propriamente, a crise estrutural do capital e os anos de chumbo (1964-1985) que o Brasil viveu, aprofundou ainda mais as contradições do capitalismo. Como se pode perceber o capitalismo e sua insustentabilidade criou uma escalada de autodestruição que atinge os trabalhadores. Há de se lembrar que neoliberalismo

não é um novo modo de produção, antes disso, ele representa o velho modo de produção capitalista com a materialidade do capital atingindo um novo patamar histórico, tendo a violência contra o corpo e a mente do trabalho vivo como sua característica central de dominação:

Há ainda de se lembrar de que o capitalismo neoliberal ou se impõe de forma claramente violenta e autoritária como no caso do Chile ou no interior de uma lógica que procura quebrar o ímpeto das transformações radicais e críticas na sociedade do trabalho, em alta desde o final dos anos 1960, através de perseguição policial. Sempre bom lembrar como os anos 1970 e final dos 1960 conhecerão leis de emergência em países centrais como Itália e Alemanha e ditaduras capitalistas em toda a América Latina. (SAFATLE, 2021, p 71-72).

Portanto, a violência é a estratégia de dominação que subjuga toda a sociedade a necessidade do mercado e acumulação de riquezas pela burguesia. A barbárie social é a consequência de décadas de uma brutal dominação ideológica ou espectro da dominação total do mercado (ALVES, 2022). De modo que a violência foi internalizada na economia libidinal da sociedade como um todo e reaparece sob as formas de mal-estar como nos esclarece a passagem abaixo:

A imposição total da economia de mercado se torna muito mais fácil quando o caminho é preparado por algum tipo de trauma (natural, militar, econômico), que, por assim dizer, force as pessoas a abrir mão dos “velhos hábitos” e as transforme em tabulas rasa ideológicas, sobreviventes de sua própria morte simbólica, prontas a aceitar a nova ordem, já que todos os obstáculos foram eliminados (ŽIŽEK, 2009, p 28).

O capitalismo na atual fase neoliberalismo, que nada mais é do que o capitalismo manipulatório (ALVES, 2022) nas condições do capitalismo de crise estrutural, esta criando condições materiais singulares para produzir suas ideologias. Tais ideologias serão por nos definidas como ideologias da barbárie social. Tais condições materiais permitiram o apogeu do espectro de dominação total do capitalismo na sociedade como todo. Isso significa dizer que se aprofundam as formas de alienação e estranhamentos. A sociedade passa a funcionar como uma máquina de produzir subjetividades estranhadas e um catalizador do sociometabolismo da barbárie social que traumatiza os sujeitos. Após o trauma nos corpos o inconsciente produz impulsos destrutivos. De modo que quanto mais violenta é uma sociedade mais violência será produzida isso porque a violência acumula contradições que se não resolvidas atingem um ponto de inflexão na forma

de uma “guerra civil crônica” (PELLEGRINO, 1983, BIRMAN, 2007, MENEGAT, 2006).

A barbárie enquanto “categoria social” é a essência o necropoder e o descarte de milhões de trabalhadores produtivos em todo o mundo, por serem considerados arcaicos para o capitalismo. Após a exclusão os trabalhadores produtivos, eles sofrem um julgamento de um robusto e crescente sistema punitivo, cuja principal função é ordenar o “caos” (MENEGAT, 2006). Esses trabalhadores após a exclusão do mercado de trabalho permanecem desempregados ou se inserem em trabalhos precários mediatizados pelas plataformas de serviço no caso Uber, Ifood, Cabifay dentre outras. O que aprofunda a desigualdade social e produz “mais- violência” como um dos principais sintomas sociais que representa o afundamento da civilização burguesa do capital, fundada no “pacto social”. No caso do Brasil e de uma parte dos países da América latina o afundamento da civilização deve-se em grande medida aos golpes militares que ocorreram como forma de subjugo da sociedade aos caprichos do imperialismo norte-americano.

A desigualdade social e o desprezo pelo trabalhador criam uma situação insustentável de violência urbana o que Hélio Pellegrino (1983) define como uma “ruptura do pacto social”. O caos provocado pela desigualdade social que explode sob a forma da violência nas cidades cumpre uma função de alimentar o próprio sociometabolismo da barbárie que cria narrativas eleitoreiras que promete combater a violência através de políticas de segurança mais rígidas. É essa a chave psicanalítica para compreensão do surto crescente de violência que se transformou em uma “guerra civil crônica” alimentada pela classe dominante com apoio dos políticos, imprensa, religiosos neopentecostais e demais meios de comunicação e assombradas pelo fantasma da violência dos “anos de chumbo” que romantiza a barbárie do “Esquadrão da Morte” e a ação de mais um grande numero de grupos de extermínio que constituem o bloco histórico da barbárie social uma guerra civil crônica.

Existem, em nosso país, uma guerra civil crônica, sob a forma de assaltos, roubos, assassinatos, estupros - e outras gentilezas do gênero. Esta guerra foi declarada -e é mantida - pelo capitalismo selvagem brasileiro, pelo cupidez e brutal egoísmo das classes dominantes, nacionais e multinacionais que o sustentaram e expandiram a custa da miséria do povo. (PELLEGRINO, 1983, p7)

O afundamento do “pacto social” enquanto princípio norteador da civilização burguesa (em termos freudianos, o pacto social significa proibição do incesto, assassinato e canibalismo) (FREUD, 2011). É a consequência do funcionamento de todas as instituições que compunham a ordem burguesa, que outrora, possuíam ao menos, a ilusão de funcionamento¹⁰⁷. Se antes as instituições funcionavam sob a ótica do irracionalismo, agora o próprio irracionalismo causou o afundamento das instituições desamparando o trabalho vivo descartado. O desamparo¹⁰⁸ é o afeto possível ao afundamento da civilização, isto porque o desamparo é de fato o primeiro afeto sentido pelo gênero humano, ontologicamente impotente diante da preponderância da natureza. O colapso da civilização do capitalismo em crise estrutural reforça sistematicamente afetos ontológicos que por sua vez encontra na violência das cidades o destino da libidinal do sujeito desesperado (Birman, 2007).

A violência nas cidades é produto da alienação, da desefetivação e da hipertrofia das particularidade, desconstruindo a identidade de classe. Segundo Marildo Menegat (2006). A desefetivação é uma das formas de como o sociometabolismo da barbárie social repercute na subjetivação. Essa nova forma de subjetivação é depressiva cuja nova religião seria a crença na terapia da alma baseada no culto de um ego hipertrofiado (Roudinesco, 2021). Configurando-se como uma neurose defensiva contra o outro que só pode ser tolerado na medida em que a alteridade é neutralizada da substância “tóxica”: a intolerância com a alteridade e a tentativa de extrair do outro a substância considerada “maligna”.

O outro é, então, assimilado como inimigo, e sua diferença é negada. Como não se admite mais nenhuma dinâmica de conflito, cada um busca em seu pequeno território para fazer guerra contra o seu vizinho. (ROUDINESCO, 2021, p.22)

A ideologia neoliberal produz a fragmentação do laço social através da narrativa de que o outro é tóxico e perigoso ao mesmo tempo em que capitaliza as formas de mal estar para torna-la lucrativa criando a narrativa de que é possível

¹⁰⁷Quando Freud escreve o ensaio A psicologia das massas e análises (1921). Freud põe a irracionalidade das massas como parte integrante do ordenamento institucional da sociedade burguesa. A barbárie não é algo que vem de fora e se instala. Mas é o produto do pleno funcionamento da ordem. (FREUD, S. a psicologia das massas e análise do Eu. Editora: Autentica. Belo Horizonte. 2020).

¹⁰⁸No ensaio o mal-estar na cultura (1930). Freud compreende o desamparo como uma condição ontológica da espécie humana e a teleologia e filogênese do trabalho tem o desamparo como impulso primordial. (FREUD, S. a psicologia das massas e análise do Eu. Editora: Autentica. Belo Horizonte. 2020).

salvar o sistema por meio da extração do que eles denominam de “toxicidade¹⁰⁹”. Ao passo que desvia a atenção dos menos avisados sobre a raiz do problema que é; o capitalismo, as formas de exploração, espoliação e subsunção do trabalho. O capitalismo pulveriza o conflito de classe, transformando em conflitos de raça, religião, gênero. De modo que a individualidade de classe fica imersa na contingência, produzindo um medo obsessivo e intolerâncias a alteridade. A tolerância liberal é na verdade uma forma de intolerância negada que só é vivida por meios das defesas subjetivas, pois é a pulsão de morte que impulsiona a pseudo tolerância liberal (fobia e negação) como nos explica Žižek

Atualmente, a tolerância liberal perante os outros, o respeito pela alteridade e a abertura a ela, é contrabalançada por um medo obsessivo de assédios. Em resumo, o outro está muito bem, mas só na medida em que a sua presença não seja intrusiva, na medida em que o outro não seja realmente o outro... Numa homologia estreita com a forma paradoxal que observamos no capítulo anterior a propósito do chocolate com efeito laxativo, a tolerância coincide com o seu contrário. Meu dever de ser tolerante para com o outro significa efetivamente que eu não deveria me aproximar demais dele, invadir seu espaço. (ŽIŽEK, 2008, p46)

O discurso da toxicidade também vai criando formas inéditas de sofrimento de ordem “fóbica”, pois a narrativa construída pelos meios de comunicação de que o outro é o perigo, é o outro que oprime é o outro que machuca. A ideologia trata de esconder as relações de opressão entre o trabalho vivo e o capitalista culpabilizando o outro trabalhador pela opressão. E é em nome desse medo metafísico que o outro (trabalhador) precisa ser neutralizado entre os iguais que não se reconhece entre si. A economia libidinal da pulsão de morte é o que sustenta esses sujeitos na posição “fóbica”. Palavras como aporofobia, homofobia¹¹⁰ e seus derivados representam uma forma de patologização do ódio de classe. A burguesia odeia os pobres, negros, mulheres e gays. A fobia está do lado das minorias que sentem o impacto do ódio e passam a se defender obsessivamente das figuras ditas de dominação (homem, branco, hetero) ou (homem, mulher, preto, gay) e por aí vai se combinando uma série de figuras capazes de causar medo entre os trabalhadores que acreditam que

¹⁰⁹ 10 tipos de pessoas tóxicas que você deve evitar disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Dia-a-dia/noticia/2014/10/10-tipos-de-pessoas-toxicas-que-voce-deve-evitar-na-sua-vida.html>. acesso em 17/04/2022.

¹¹⁰ Casal denuncia falas violentas e homofóbicas de motorista de Uber no Espírito Santo <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/03/30/casal-denuncia-falas-violentas-e-homofobicas-de-motorista-de-uber-no-es.htm>

o outro grupo de trabalhador vai desintegra-lo. Enquanto isso o capitalismo e a burguesia vão muito bem.

Em parte o medo e o desamparo na sociedade brasileira foram fortemente produzidos pelo golpe militar de 1964 apoiados pelas classes media e elite brasileira, para satisfazer os caprichos dos ricos capitalistas norte-americanos - (FICO, 2018). A hegemonia norte-americana necessita continuar espoliando e empobrecendo brutalmente os países pobres, pois o acumulo só é possível a partir do empobrecimento da maioria, e a forma de garantir o lucro é pelas formas de violência e opressão . Do inicio do golpe de 1964 até o seu final houve todo tipo de abusos, autoritarismos, torturas e crueldade que não se acabaram no golpe militar continuam até hoje nas favelas contra a população pobre e marginalizada. Aterrorizando a sociedade e eliminando absolutamente todo e qualquer pensamento critico e progressista e produzindo medo.

O medo e o desamparo no Brasil foram reforçados pela truculência do estado-burguês que faz presença no imaginário de forma aterrorizante persecutória que mente e implanta provas falsas (é só lembrar o que foi a caça aos comunistas em 1968, ou o golpe de estado de 2016) com o intuito de matar todo e qualquer pensamento critico produzindo mais violência, crueldade e destruição. Sustentadas pelo gozo individual de nações, povos, etnias são destruídos os diferentes são exterminados como o resultado da expansão do gozo individual do capitalista (BIRMAN, 2007). Produzindo a guerra de todos contra todos. Ela a guerra, causa uma paralisia do movimento dialético entre principio de prazer¹¹¹ e principio de realidade, ou seja, a pulsão de morte cria um processo cristalização nos sujeitos. Isto se deve ao o fato que o movimento da pulsão de morte é o movimento que paralisa o sujeito. É importante esclarecer que a pulsão de morte é o impulso libidinal que faz um movimento para que tudo permaneça no não movimento, isto implica dizer que a pulsão de morte é uma contradição do movimento subjetivo. O sofrimento que surge a partir da cristalização do sujeito em um tempo que não passa é o “ressentimento”. Justamente porque o ressentimento é a magoa que não cessa de se inscrever. Esta presentificada, dia após dia, da injustiça sofrida da qual não foi possível reagir (KEHL, 2011).

¹¹¹ Entendemos por principio de prazer a catéxis pulsional que demanda satisfação imediata, sem levar em conta a realidade exterior.

De forma mais clara a pulsão de morte é a energia libidinal que se movimenta para travar o movimento dos sujeitos e é por isso que denominamos “cristalização da posição existencial de precariedade” enquanto formas de “apatia” e “anomia”¹¹² social (Weber 2000) as principais formas de sofrimento coletivo na era da barbárie social. A “apatia” e a “anomia” surgem associada a repetidas decepções de acenos de trabalho e justiça social que não se concretizam, repercutindo na auto imagem e no humor irritado desses trabalhadores. A situação ainda se agrava devido à crença social que culpabilizam as vítimas pela falta de emprego e pobreza da qual esta inserida produzindo pessoas depressivas. A depressão nos ensina que existe um conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade provocada pela ideologia. A ideologia afeta a subjetividade dos trabalhadores, ao ponto de adoecê-los, pois provoca uma perturbação nos processos psicológicos básicos que vai do paladar¹¹³ até a cognição. As perturbações sensoriais produzidas são: embrutecimento da percepção (perceber a realidade somente a partir de ilusões), paladar (insensibilidade gustativa), audição (uma normalização da poluição auditiva), a memória (diminuição da capacidade de armazenar lembranças e projetar o futuro) e finalmente à perturbação na ordem do desejo. Ou seja, a perda da capacidade de desejar coletivamente como uma expressão da dissolução do laço social. Criando na subjetividade do trabalhador uma remodelação da realidade que no caso das estruturas neuróticas, o motorista não quer saber da realidade e no caso das estruturas psicóticas os motoristas buscam fugir da realidade se refugiando em uma realidade própria. Tanto no caso das neuroses quanto das psicoses, todavia em ambos os casos malogra parcialmente, na medida em que a pulsão reprimida não consegue arrumar um substituto da realidade, mas no caso da psicose o sujeito cai totalmente no patológico. Deixando o sujeito a mercê da pulsão de vida e de morte, na etapa do capitalismo manipulatório o objeto substituto da realidade é oferecido na forma das ideologias da barbárie social (FREUD, 1925). Formando um simulacro de objeto substituto. Não é dado ao sujeito individual fracassar da sua tentativa de ignorar a realidade, isto implica dizer que o capitalismo manipulatório psicotiza o

¹¹² Anomia foi cunhado pelo sociólogo francês Émile Durkheim e quer dizer: ausência ou desintegração das normas sociais.

¹¹³ A fome, a insegurança alimentar, faz com que o trabalhador precário se alimenta de qualquer coisa, ele não está em condição de escolher o que deseja comer, isso vai brutalizando os sentidos. Isso acontece devido e a falta de políticas que garantam o direito universal a moradia, saúde, educação, emprego e dignidade.

trabalhador. É exatamente esse ponto que permitiu que o capitalismo entrasse na era da barbárie social.

E é por tudo isso que Herbert Marcuse (1955) escreveu que “A luta pelo destino da liberdade e felicidade humana é travada e decidida na luta dos instintos literalmente uma luta entre vida e morte” (MARCUSE, 1955, p 41) em uma linguagem lacaniana podemos afirmar que é a luta entre o desejo e o Gozo. Na barbárie social existem alguns aspectos centrais que devemos levar em consideração como: o apagamento do passado, o excesso de presente, a normalização da crueldade como instrumento legítimo de potência fálica.

A depressão é a imobilidade que deixa os sujeitos à deriva da inercia da pulsão de morte, a da pulsão de morte por sua vez é produto das perturbações dos processos psicológicos básicos criados pela indústria cultural. A indústria cultural cria a realidade delirante pela via da ideologia. Ela é um dispositivo ideológico eficaz na produção de sofrimentos da percepção, pois as novas tecnologias informacionais e as redes sociais estão a serviço do capitalismo neoliberal e transformaram-se em “máquinas de destruição” da consciência crítica da classe trabalhadora. Ao criticarem a Indústria Cultural, Adorno e Horkheimer perceberam a força de manipulação do capital, rebaixando a capacidade cognitiva dos trabalhadores como parte integrante da luta ideológica das classes dominantes.

Segundo Desmurget (2019), um especialista em neurociência cognitiva¹¹⁴, pela primeira vez na história da humanidade os filhos tem QI inferior ao dos pais. Além do rebaixamento cognitivo encontramos a ideologia hegemônica que se encontra, mais agressiva, pois agora ela consegue produzir uma espécie de “superidentificação” das massas com os valores burgueses os “proletaroides” Alves (2014). Žižek resume o pensamento do Desmurget e Alves no parágrafo a seguir:

A guerra cultural é uma guerra de classes deslocada, apesar dos que afirmam que vivemos uma sociedade pós-classes. Entretanto, isso só torna o enigma ainda mais incompreensível: como esse deslocamento é possível? Estupidez e manipulação ideológica não são respostas adequadas, quer dizer, é claro que não basta dizer que as classes inferiores

¹¹⁴ A pandemia do (SARS-CoV-2) representará em longo prazo mais um número robusto de transtornos ligados ao sistema nervoso e função cognitiva do trabalho vivo. em um estudo recente da revista NATURE COMMUNICATIONS. As equipes de pesquisadores chegaram a conclusão que as novas cepas da covid-19 causam danos irreversíveis ao cérebro humano comprometendo brutalmente a capacidade cognitiva dos trabalhadores infectados inclusive nos casos assintomático. Disponível em: NATURE COMMUNICATIONS | <https://doi.org/10.1038/s41467-022-29440-z>

e primitivas sofreram tamanha lavagem cerebral do aparelho ideológico que não são mais capazes de reconhecer os seus próprios interesses [...] a versão ideológica do capital de Sorman ignora esse processo de auto cegueira necessária e, como tal é violenta e gritante demais para ser endossada como hegemônica: tem em si algo do caráter de “superidentificação”, de afirmação tão aberta das premissas subjacentes que causa embaraço aos envolvidos. Ao contrário, a versão ideológica do capitalismo está surgindo como hegemonia na crise atual. (ŽIŽEK, 2009 p39).

Em outras palavras, a manipulação se dá pela via da produção da “superidentificação” (dimensão imaginária) dos sujeitos, com figuras que expressam traços de um caráter social, melhor dizendo, de algo “infamiliar” ¹¹⁵. Produzindo um efeito de deslocamento da figura de opressão. De modo que o trabalhador não consegue reconhecer que é o modo de produção que oprime, ele desloca para o outro trabalhador. Isto significa dizer que a ideologia produz a “superidentificação” para ocultar a verdadeira face da opressão. A “superidentificação” é um processo de identificação radical e cristalizada do sujeito na “posição existencial de precariedade”- vítima ou opressor. Isso quer dizer que o reconhecimento se dá pela via, da negação (defesa do ego), ou afirmação daqueles traços comuns do caráter social, que tem em sua raiz a causa do mal-estar social (FREUD, 1930). A raiz do mal-estar fica no lado obscuro da cultura. É a dimensão do recalque que só pode vir à luz da consciência de forma negada o que nos remete ao ensaio de Freud sobre a negação em psicanálise. Selligman-Silva, na linha freudiana, tratou disso quando observou o seguinte:

O significado do termo behagen (que é negado pelo prefixo um-) é algo como sentir-se protegido. Unbehagen remete a uma fragilidade, a uma falta de abrigo, a estar desprotegido. É interessante que esse termo também se aproxima do outro termo – chave para a psicanálise, a saber, unheimlich (estranho, sinistro), que deu título a um famoso e fundamental ensaio de Freud de 1919: o estranho. Um dos sentidos de unheimlich, como o próprio Freud destacou é unbehaglich o que provoca mal-estar. Se de certo modo podemos dizer que a psicanálise procedeu a revelação do unheimlich da psique do indivíduo, ou seja revelou tudo aquilo que deveria ter permanecido em segredo e oculto e veio à luz (na definição filosófica de Schelling, aprovada por Freud), no caso deste ensaio de 1930 Freud procura mostrar o oculto, o segredo, por detrás de toda cultura e da nossa humanidade, ou seja, seu mal-estar e suas origens profundas (SELIGMANN-SILVA, 2010, p 25)

¹¹⁵ Isso significa dizer que a manipulação é feita a partir de elementos presentes nos inconscientes e que produzem algum mal estar ou permita uma identificação sem obstáculos. O infamiliar só é acessado pela consciência através, de sintomas, atos falhos, chistes e sonhos. Tamanha a dificuldade em trazer à consciência os elementos que causam traumas.

A causa do mal-estar encontra-se naquilo que é negado. Ou seja, o objeto que causa o mal-estar só se apresenta no consciente quando negado. Freud em seu mais famoso ensaio, “A negativa” (1925) exemplifica essa questão a partir da experiência clínica da neurose. Freud relata o caso de um paciente que ao sonhar com uma mulher, afirma conscientemente que a mulher do sonho não é a sua mãe. De imediato, Freud diz que aquela pessoa que o paciente sonhou, “é sim, a mãe”! A negativa do paciente é uma forma de afirmar o desejo a partir da negação. Isto quer dizer que se pode negar para afirmar o próprio desejo neste caso o desejo incestuoso de tomar a mãe como objeto de desejo. Trata-se da rejeição por projeção.

O modo como os nossos pacientes apresentam as ideias que lhes ocorrem durante o trabalho analítico nos dá a oportunidade de fazer algumas observações interessantes. Agora o senhor vai pensar que eu quero dizer algo ofensivo, mas realmente não tenho a intenção. Entendemos que isso é uma rejeição, por projeção, de uma ideia emergente naquele momento. [...] Na interpretação tomamos a liberdade de desconsiderar a negação, extraindo o puro conteúdo da ideia. É como se o paciente tivesse dito: na verdade foi minha mãe que me ocorreu com relação a essa pessoa, mas não tenho a menor vontade de admitir essa ideia (FREUD, 2014, p. 19/19).

Em outras palavras, é preciso negar para reafirmar o insuportável, o indizível. Não dizer ou reagir violentamente a algo, é uma forma de afirmar algo tão insuportável que só é possível falar a partir da negação, d(isso) ¹¹⁶ – isto é, em outras palavras, tentar apaziguar aquilo que não cessa de se inscrever, pois, o processo intelectual sobre o reprimido, permite a dissociação afetiva com o conteúdo inconsciente que dá origem ao mal-estar:

Desse modo, o conteúdo da representação ou do pensamento reprimido pode abrir caminho até a consciência, com a condição de negado. A negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido; na verdade já é um levantamento da repressão, mas naturalmente não a aceitação do reprimido (FREUD, 2014, p. 20/21).

A negação é o mecanismo de defesa privilegiado, pois a base da sociedade burguesa do capitalismo é a renúncia do desejo e a substituição deste por objetos fetichizados. Assim como a outra forma da negação, a denegação. Ela representa a radicalização da negação. Ou seja, a castração e a angústia que esta provoca na subjetividade é substituída por fetiche. É a negação de toda e qualquer situação que

¹¹⁶ Ao colocarmos desta forma – d(isso) – fazemos referência à instância do inconsciente traduzido como id (ou Isso).

sinalize um limite do corpo¹¹⁷. Nesse sentido, a crise capitalista do século XXI produz uma ideologia hegemônica a partir da “negação” e de um tipo radical de identificação “superidentificação” do sujeito (imagem do eu) com agentes cruéis ou com a vítima indefesa. Isso implica dizer que a “negação” e a “superidentificação” produzem o efeito de autorização da crueldade cometida contra os outros. Assim, a autorização inconsciente da crueldade se configura como a barbárie social, que contém em si, a economia psíquica do sadomasoquismo social¹¹⁸.

O sadomasoquismo social¹¹⁹ tem sua origem na constituição inconsciente da fantasia¹²⁰ infantil do processo de “sexoação”. O sadomasoquismo abarca um modo de proteção contra a realidade insatisfatória, por permitir embelezar fatos, tornando-os menos traumáticos e determinando a forma como os sujeitos estão no mundo. Inicialmente Freud nos diz que existem duas posições fantasmáticas possíveis diante de uma cena de violência: a posição ativa de identificação com agressor (sadismo); e a posição passiva de identificação com a vítima (masoquismo). Na era da barbárie social, a identificação torna-se ainda mais profunda, por isso que é denominada “superidentificação”, ela dificulta a fluidez dos sujeitos entre a posição ativa ou passiva. Para Freud a fluidez de posições ativa e passiva faz parte de uma psique saudável (FREUD, 2015). Revelando o deslizamento entre as posições: sádica e masoquista, construindo o que a psicologia humanista denomina empatia. O masoquismo social é o que se encontra psiquicamente subjacente no mal-estar na modernidade do capitalismo decadente, pois o sadomasoquismo social sinaliza os impasses da subjetividade desamparada que não sabe lidar com a liberdade enquanto desejo coletivo de modo que essa subjetividade encontra-se em uma busca frenética por um messias que o salve da miséria do mal estar. Os políticos, as igrejas neopentecostais aproveitam-se desse sentimento (BIRMAN, 2007).

¹¹⁷ Uma forma é como a sociedade encara a crise do covid-19. Não se fala sobre a pandemia não se comenta mais sobre as mortes e vai se formando uma cumplicidade criminosa de uma retomada a uma realidade que não mais existe. Tudo isso alimentado por um discurso pseudocientífico e cínico de que as vacina sozinha salva vidas.

¹¹⁸ Colocando em termos práticos, observamos nos grupos de motoristas, uma condescendência/prazer, com práticas cruéis realizadas contra passageiros assim como também chacinas praticadas pelo estado contra a população vulnerável.

¹¹⁹ Economia pulsional da civilização da barbárie social

¹²⁰ “Termo que deriva do latim “fantasia”, remetendo à capacidade de imaginar visão, imaginação, a aparência, sombra, fantasma, sonho, ideia, concepção”. Freud investiga a lógica da fantasia em um texto publicado originalmente em 1919 intitulado; Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais.

No campo político, a pulsão de morte é o impulso das forças regressivas e conservadoras. Todo o progresso de vida é barrado pela força impetuosa da morte que transforma o movimento, em uma paralisia temporal que impede a superação da dualidade entre vida e realidade. Quando a pulsão de morte triunfa sobre a razão todas as contradições históricas acumula-se e produz a violência reacionária. De modo que ela se torna estrutural e estruturante. Já Freud no texto psicologias das massas e análise do eu (1921) compreenderia esse movimento como o princípio de irracionalidade dentro das próprias instituições sociais. A organização da violência sistêmica inerente ao modo de produção capitalista produz, reproduz e acumula contradições sociais. A lei simbólica desaparece e em seu lugar surge à lei imaginária que é incorporada pelos jagunços da burguesia. Eles carregam em si, o signo da morte e destruição. Expondo sem pudor o necroestado brasileiro.

Figura-21 símbolo do batalhão de elite da polícia militar brasileira



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/bopeoficial.pmerj/photos>

Freud compreende que o princípio da realidade é uma instância importante para firmar o pacto de civilização que representa a renúncia do prazer. Aqui vale diferenciar “crueldade” e “barbárie social”. Por exemplo, vejamos o caso do Brasil. À crueldade é um princípio fundante da sociedade capitalista no Brasil: tráfico humano, escravidão, ditadura militar, tortura de inimigos políticos. Por outro lado, o sociometabolismo da barbárie social diz respeito à subjetividade fundada na crueldade e na “perversão¹²¹ da lei” (outra versão da lei) como normalidade. Quando

¹²¹ Etimologicamente a palavra perversão resulta de per+vertere ou seja, pôr as aversas, desviar designado para o ato inconsciente do sujeito perturbar a ordem e o estado de coisas com o objetivo de extrair prazer no ato de quebrar as regras do jogo

a lei se torna imaginária ao invés de simbólica podemos produzir “fobias” como neuroses defensivas.

Aqui vale fazer a mesma pergunta que Lacan fez quando ele se interrogou a respeito da natureza da lei em casos de fobia: “Será aqui, um imaginário refletido no simbólico? Será o contrário, um elemento simbólico que aparece no imaginário¹²²?” (LACAN, p.56, 1995). O estatuto da lei no Brasil não faz amarração simbólica. É importante lembrar que a dimensão simbólica corresponde ao campo do significante, como estrutura exterior ao homem, antecedendo o sujeito e encontra-se apoiado fortemente no “supereu”. A lei simbólica encontra-se em declínio junto com a civilização do capital. A lei que não é mais simbólica vai sendo reorganizada por outros estatutos que não seja do nome-do-pai, mas, sobretudo no estatuto imaginário. E é por esse detalhe que precisamos pensar na interrogação de Lacan a respeito da essência da lei paterna. Isso nós leva a refletir que provavelmente existe um elemento de “fobia” na constituição psíquica desses sujeitos. É importante conceder que existe um grande debate a respeito do estatuto categorial do que venha a ser a “fobia” uma vez que ela se apresenta apenas como traços de estrutura não se caracterizando como estrutura em si.

Estamos utilizando o conceito da “fobia”, pelo fato dela – a fobia - não se constituir como uma estrutura clínica. Isso porque as fobias fazem parte da neurose de angústia, ou melhor, é uma manifestação psíquica da neurose de angústia. Indicando ela que algo está por vir, representando uma modalidade de sofrimento da relação entre o sujeito e a lei social. Enquanto a experiência de sofrimento, as fobias revelam-se como síndromes que resistem a uma classificação quanto ao seu mecanismo psíquico. Suas características permitem a Freud situá-las ora entre as neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) ora entre as neuroses atuais. Esta característica das fobias de fazerem parte de diversas entidades clínicas é pouco a pouco colocada em segundo plano por Freud a partir do caso 'pequeno Hans'¹²³.

¹²²É empregado na psicanálise para designar aquilo que pode ser representado em pensamento, independente da realidade. Esse termo, do ponto de vista psicanalítico, foi utilizado por Lacan em 1936 como uma correlação do estágio do espelho que corresponde uma relação dual com a imagem do semelhante, à mãe. O imaginário designa o campo das ilusões, da alienação e da fusão com o corpo da mãe. De modo que o imaginário é o registro do engodo. (ZIMERMAN, 2001)

¹²³Texto publicado por Freud em 1909, Hans era um menino de três anos que foi levado pelo pai para ser analisado por Freud. De acordo com o pai, Hans tinha uma fobia que não costumamos ver com frequência: ele odiava cavalos. Inicialmente, o pequeno Hans tornou-se conhecido por Freud por meio de cartas trocadas entre o psicanalista e seu pai.

A nossa hipótese é que o sociometabolismo da barbárie se constitui como uma economia psíquica que produz o mal-estar social. Com claros traços fóbicos. A fobia esta ligada fortemente a angustia conforme Freud colocou no caso do “pequeno *Hans*”. A fobia esta para a neurose de angustia que por sua vez encontra-se ligada ao desamparo. O desamparo é produzido pela consciência de vulnerabilidade de impotência diante do Outro que no caso de um país cristão como o Brasil, o Outro seria Deus. O desamparo tem o medo, enquanto essência. Pois “a situação traumática do desamparo, é antecipada como um perigo iminente” (SAFLATE, 2015, p70). Não é por acaso que os neopentecostais conseguiram capitalizar deus para as criaturas desesperadas.

Na fase do sociometabolismo da barbárie, a violência surge como um arranjo subjetivo para o sujeito não sucumbir diante do desamparo. Ou seja, é uma tentativa de separação do “eu” com o “Outro” que o submete. Além de proteger o ego contra as invasões externas. O outro (alteridade) é vivenciado sempre como um estranho devorador por isso que anteriormente fizemos uma breve exposição sobre o “estranho”. “Desamparo” e “estranhamento” aparecem juntos na economia psíquica porque o estranhamento também significa uma experiência de um não lugar, é o afeto máximo de desproteção e vulnerabilidade do “eu”. Além do que estão ligados diretamente a experiências com a lei e com o rompimento do laço social que produz ainda mais violência de todos contra todos.

Na era da barbárie social, a violência cometida contra o outro tem o efeito de despertar prazer aos olhos dos que observam muito comum nas cenas da vida cotidiana – principalmente num país como o Brasil. A naturalização da violência é um tipo de patologia social produzida em tempos de sociometabolismo da barbárie. Não é pura e simplesmente a crueldade que está em jogo na barbárie social. O que está em jogo na economia psíquica no sociometabolismo da barbárie é a condescendência com a crueldade acompanhada do prazer dos que observam a cena. Por isso estamos tentando compreender como a materialidade social e histórica do capital se produz e se inscreve na subjetividade das pessoas. Nosso objetivo é apreender a dialética entre subjetividade e objetividade na produção do sociometabolismo da barbárie na periferia em crise do sistema capitalista – no caso o Brasil. Pensamos a sociedade brasileira como um paciente num divã – e como objeto de estudo privilegiado do sociometabolismo da barbárie, os motoristas “uberizados”.

3.2 As ideologias da barbárie social

Por “ideologia” entendemos o “[...] ideário histórico, social e político que oculta à realidade essa simulação da realidade é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica desigualdade social e a dominação política” (CHAUI, 2008, p 4). A ideologia da barbárie corresponde ao ideário que expressam momento histórico do capitalismo no Brasil pós-golpe de 2016 são elas: Ideologia do empreendedorismo, Ideologia do evangelho da prosperidade, Ideologia do Toyotismo e Ideologia da positividade. As ideologias da barbárie surgem como uma “ideologia defensiva” dos motoristas de aplicativos. Podendo ser compreendidas como uma conciliação entre a miséria do trabalho da qual estão submetidos e a falta de organização política capaz de promover a superação da miséria. A conciliação da miséria com a despolitização acaba fazendo com eles mergulhem ainda mais na própria tragédia pessoal e coletiva. Isso acontece porque as condições de trabalho não melhoram apenas pioram de modo que a ideologia defensiva acaba não cumprindo sua função. Muito pelo contrario ao invés de promover proteção contra o adoecimento psicológico promove formas de adoecimento.

A leitura que estamos fazendo é de que quando a lógica empresarial se infiltra em um país desigual como o Brasil vai-se se criando uma situação brutal de despolitização intensificando os elementos da barbárie social e da “guerra civil crônica” (PELLEGRINO, 1983). Isso se deve ao fato de não existir saídas coletivas e o adoecimento é a solução de compromisso entre o mundo exterior e o mundo interior (FREUD, 1924).

A era da barbárie social e a plataformização do trabalho reforçaram as ideologias do empreendedorismo e da teologia (ou evangelho) da prosperidade, sendo elas o conjunto histórico-ideológico capaz de criar as condições objetivas para a “captura da subjetividade” (ALVES, 2011) – o nexos essencial do toyotismo ou o novo modelo de gestão capitalista na era da crise estrutural do capital.

3.3 A ideologia do empreendedorismo

O empreendedorismo é uma ideologia burguesa e como toda ideologia burguesa, cumpre a função prática, de ocultar a luta de classes e as contradições

estruturais da sociedade capitalista. Fazendo parte do conjunto ideológico da barbárie social. A característica principal do empreendedorismo se dá pela “captura” da subjetividade que produz uma identificação com os valores da burguesia e culpabiliza o trabalhador pelas misérias produzidas pelo capitalismo (CASTRO, 2021) e tem a dessubjetivação da classe trabalhadora em si e para si, como principal consequência. Uma vez que ela leva à fragmentação do laço social (solidariedade de classe) e a submissão total as leis do mercado. Sem o sentimento de pertencimento da classe social o processo de subjetivação passa a ser pela identidade individual que vai desde identidades religiosas, a sexo, cor, gênero, peso e transtornos¹²⁴ dos mais diversos, criando novas formas de estigmatização social como podemos vê a baixo:

Figura-22 carteirinha do estigma social



Fonte: Instagram da Prefeitura municipal de Campina Grande- PB

A ideologia do empreendedorismo conta com redes sociais, para a sua propagação, sobretudo Instagram e Facebook, através dos smartphones. O empreendedorismo encontra-se fortemente ligada ao neopentecostalismo, ideologia da positividade, toyotismo. Tal, conjunto ideológico, contribui na construção de um consenso social sob a lógica do capital, no qual a consequente negação da luta de classes torna-se o principal objetivo da atuação empresarial. A ideologia do empreendedorismo produz um efeito sobre a percepção que o trabalhador tem de si. Ele passa a não se reconhecer e se identifica com aquilo que ele não é. Pois, ele perde parcialmente o contato com a realidade objetiva da qual está inserido (ALVES,

¹²⁴ Beneficiário só terá direito a carteira com cartão com a comprovação da doença. Disponível em: <https://www.saude.al.gov.br/beneficiario-so-tera-direito-a-carteira-e-cartao-com-a-comprovacao-da-doenca/>. Acesso: 13/05/2022.

2022). A manipulação das ideologias, no Brasil conta com o agravamento da origem do capitalismo brasileiro de via colonial e escravista.

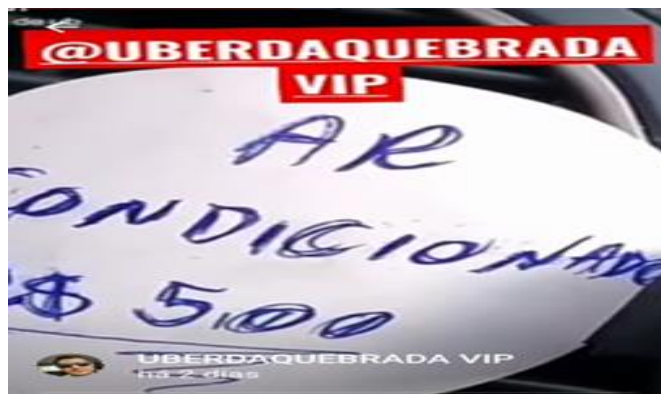
As plataformas de trabalho conseguem operacionalizar essa distorção da percepção do trabalhador, com muito mais competência do que os antigos métodos hegemônicos de controle. Isto, porque a posse de alguns poucos instrumentos de trabalho e a disponibilidade das tecnologias de informação contribuem para a ilusão do empreendedorismo na era do capitalismo informacional. O que não havia no começo da Primeira Revolução Industrial (ALVES, 2022). No início da revolução industrial a opressão era mais clara e existia uma nítida diferença entre trabalhador e capitalista. Em um período de crise social, e de reconfiguração da direita brasileira, observamos como o empreendedorismo aparece como uma solução consensual entre os mais diversos programas e projetos empresariais oriundos da sociedade civil e com estreitas relações com o Estado capitalista e suas políticas públicas de austeridade contra o trabalhador.

Do período industrial até as empresas de plataforma, o trabalho foi transformando-se, drasticamente, sobretudo impulsionado pelos meios tecnológicos a serviço do desenvolvimento e expansão do capitalismo. A tecnologia funciona como mola propulsora para a transformação da morfologia do trabalho. As plataformas de trabalho sob demanda e a popularização dos Smartphones, aparelhos telefônicos altamente sofisticados que permanecem conectados à rede mundial de computador 24 horas por dia, criou a ilusão de que todos têm às mãos, seus instrumentos de trabalho e podem montar seu próprio negócio. O smartphone tornou-se o principal elo do consumidor-usuário/trabalhador com as empresas monopolistas de tecnologia de plataforma. É impossível pensar o capitalismo de plataforma, sem a popularização da tecnologia dos celulares (smartphone). Não é à toa que os custos desses aparelhos foram se tornando cada vez mais atrativos.

É pelos smartphones que a força de trabalho se conecta, recebe informações e expõe suas opiniões a respeito do mundo, tudo isso pelas redes sociais. As redes sociais seriam uma ferramenta importantíssima para a democracia, se não fosse à manipulação ideológica que o trabalhador é submetido. A manipulação e vigilância enquanto estratégia de luta de classes produz a imobilização das massas. Tal controle especular, sobre a força de trabalho é levada até as últimas consequências

a partir da tecnologia dos celulares, isso implica dizer que a constante conexão do trabalhador com as redes sociais transforma o smartphones no supervisor da fábrica

Figura-23 empreendedorismo do “uberizado”



Fonte: grupo de Facebook Uber/99 somente motoristas

A ideologia do empreendedorismo desperta na subjetividade do trabalho vivo, a ilusão de que todas as pessoas podem um dia tornar-se ricas e donas do próprio negócio, basta ter perseverança, fé, determinação e constantes auto sacrifícios pessoais, de modo que os trabalhadores que não obtiverem sucesso serão culpabilizados pelo próprio fracasso, adoecimentos e acidentes sofridos. Como já foi constatado por Castro.

Tal, negação, da realidade objetiva além de dificultar a compreensão do trabalho como algo que vai além da realização de atividades e de geração de renda, fortalece a tese que culpabiliza as vítimas pelos adoecimentos e pelos acidentes sofridos (CASTRO, 2021, p. 10).

O empreendedorismo é a expressão da “captura” da subjetividade, e a plataformação do trabalho. A plataforma objetifica a essência do capitalismo. A ideologia hegemônica, difundida pela gestão da sociedade como uma empresa, cria crenças e valores sociais que induzem as massas de trabalhadores a aceitarem o fim das relações trabalhistas e difundindo junto à ideia de que os trabalhadores são empresários de si e para si, operacionalizando a lógica “esportiva” da concorrência de mercado (EHRENBERG, 1996). A imagem retirada do grupo de motoristas de aplicativos -Uber/99 somente motoristas- representa a percepção equivocada que esse trabalhador possui a respeito de si, embora sendo apenas um motorista que vende bombons dentro do carro, ele percebe a si mesmo como um mega

empreendedor do mercado interno e externo. A distorção ideológica a respeito da realidade objetiva pode produzir delírios megalomânicos como no exemplo abaixo.

Figura- 24: sobrevivencialismo



Fonte: grupo de Facebook Uber/99 somente motoristas

O Brasil, por ser um país de origem escravista-colonial e com oferta abundante de força de trabalho desde sua formação histórica, criou as condições objetivas e materiais, ideais para a propagação da ideologia do empreendedorismo fortemente difundida pela teologia da prosperidade. Uma vez que as criaturas desamparadas pelo Estado, família e sociedade buscam na fé, um modo de diminuir a sua angústia e fugir da fome. A junção entre empreendedorismo e teologia da prosperidade forma a base do discurso da terceira onda do neopentecostalismo¹²⁵. Tanto o empreendedorismo quanto o neopentecostalismo defendem a ideologia da submissão radical as leis do mercado, e encontra-se deveras entrelaçado e constituindo uma fé estranhada em uma fase de crise estrutural de capital, sendo a expressão máxima da “miséria espiritual”. Entre os motoristas de aplicativos esse caldo ideológico é bastante candente, pois os motoristas acompanham a transição religiosa que o país encontra-se (MARIANO, 2014).

¹²⁵Você tem visão para ser empresário. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/voce-tem-visao-para-ser-empresario/>. Acesso: 13/04/2022.

Na imagem abaixo o motorista de aplicativo faz uma foto do painel do seu carro. É possível ver uma Bíblia logo acima do seu painel: Bíblia esta referida como arma. Os neopentecostais costumam compreender as contradições históricas do capital como uma espécie de “batalha espiritual contra o demônio”, o grande causador das misérias sociais. Deus então é associado à riqueza espiritual e capacidade individual de enriquecimento. O empreendedorismo, a positividade e a fé são os pilares que sustentam a aliança da criatura aflita com o Deus todo poderoso que transformará tudo em ouro e prata.

Figura – 25: A batalha espiritual



Fonte: grupo de Facebook Uber/99 somente motoristas

A partir do que foi exposto acima podemos concluir que o empreendedorismo aparece como “a solução” contra o autoritarismo e relações de trabalho, profundamente marcada pelo assédio moral (HELOANI, 2004) e sexual que ocorre tanto horizontalmente quanto verticalmente. Uma vez que o assédio moral se constitui como uma forma de expropriação da dignidade da pessoa humana no trabalho. Devemos essa característica a nossa formação escravista e colonial. A postura do trabalhador cansado do autoritarismo fica evidente na fala de muitos motoristas de aplicativos que reiteram incessantemente que não desejam ter patrão para mandar neles e pagar uma miséria.

Essa lógica precisa ser cuidadosamente lida pelos pesquisadores que necessitam conhecer a história do trabalho no Brasil, a fim de ter uma compreensão desse trabalhador seduzido pelo empreendedorismo. O discurso ideológico da dita “economia de “compartilhamento” é defendida pelos seus intelectuais como um novo paradigma social em que a luta de classes não é mais necessária já que todos são iguais”. Todos são livres, parceiros e colaboradores, eis o lema ideológico do capitalismo neoliberal de plataformas. Ele “capturou a subjetividade” do trabalho vivo, transformando em uma peça da produção. A subjetividade sofre com a “corrosão do carácter (SENNETT, 1998) para servir as necessidades do D(eus) mercado”. A individualização e o enfraquecimento do laço social são consequências da lógica do mercado (DUNKER, et al; 2021).

As relações que produzem o laço social vão sendo esvaziados. De modo que o outro se tornam um objeto de intrusão e é sentido como um “invasor”, “assediador”, “tóxico¹²⁶”. E aos poucos vai se criando uma cultura de que é preciso se viver com o outro sem o outro, sem a alteridade; e que só é possível viver com o outro na medida em que a alteridade seja resumida a uma substância tóxica que possa ser anulada da relação (ŽIŽEK, 2009). “É como tomar café sem a cafeína, a cerveja sem álcool, o chocolate sem gordura e com colágeno” (ŽIŽEK, 2009). O ego só pode ser realizado e vivenciado na sua plenitude, na medida em que é “neutralizada” a substância¹²⁷ considerada nociva, presentes na sua subjetividade do outro a narrativa ideológica da toxidade das pessoas, configura-se assim, um sistema de violência simbólica crônica. Em uma sociedade que a individualidade é estimulada e alimentada o ódio ao outro funciona como uma “cola” social. Mas essa aversão a o outro tem seu oposto todos se sentem ameaçados de um dia se tornarem os fracassados (DARDOT e LAVAL, 2016).

¹²⁶Dez tipos de pessoas tóxicas que você deve evitar disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Dia-a-dia/noticia/2014/10/10-tipos-de-pessoas-toxicas-que-voce-deve-evitar-na-sua-vida.html>. Acesso: 13/04/2022

Por que devemos ficar longe de pessoas tóxicas? Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2021/03/4914076-por-que-devemos-ficar-longo-de-pessoas-toxicas.html>. acesso em: 13/04/2022

Será que você é uma pessoa Tóxica? Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/luciana-kotaka/sera-que-voce-e-uma-pessoa-toxica/>. Acesso em: 13/04/2022

¹²⁷ Na dialética hegeliana substância significa a essência permanente de uma coisa, ou seja, o conteúdo essencial de, por exemplo, um livro, em contraste com a sua forma ou expressão uma propriedade ou posse.

3.4 A ideologia do Evangelho da Prosperidade

Segundo Mariano (2014) o fenômeno do neopentecostalismo constitui-se como um fenômeno de amplitude mundial, visto que esta linha do cristianismo vem crescendo aceleradamente em vários continentes como África, sudeste da Ásia e na América Latina, dentre os países latinos americanos o Brasil se destaca. O ultimo censo de 2010 do IBGE constatou que a população evangélica havia crescido de 15,4% em 2000 para 22,2%. Ainda nos anos 90 a igreja católica já vinha perdendo sua clientela para a igreja pentecostal em parte devido à perseguição do vaticano¹²⁸ a “teologia da libertação” considerada comunista e subversiva, mas que angariava a grande massa desesperada e abandonada pelo Estado. Não é novidade que o papado de João Paulo II foram anos de punições, medo e até terror no interior da Igreja; dirigido contra bispos, padres, freiras e leigos ligados à “Teologia da Libertação” ou simplesmente adeptos do Concílio Vaticano II.

O objetivo do vaticano era: liquidar a “Teologia da Libertação”, o espírito da primavera do Concílio Vaticano II e realizar o que João Paulo afirmou como prioridade de seu papado, no discurso inaugural: restaurar “a grande disciplina” (leia aqui a mensagem Urbi et Orbi de 17 de outubro de 1978, no dia seguinte à eleição do cardeal Wojtyła como Papa). E nesse clima de ajustamento as políticas neoliberais de Washington a igreja católica abandonou o seu rebanho miserabilizado que ansiava por justiça social abrindo caminho para o pentecostalismo norte-americano expressão máxima da decadência do projeto de civilização norte-americana. De acordo com Freston (1983) o pentecostalismo no Brasil tem por característica principal a existência de três ondas que foram se modificando e se adaptando devido a fragmentações internas no que diz respeito às interpretações das “Escrituras sagradas”

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação da igreja. A primeira onda como é a década de 1910

¹²⁸ O papa adverte sobre os perigos da teologia marxista da libertação disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/o-papa-adverte-sobre-os-perigos-da-teologia-marxista-da-libertacao-e-pede-superar-graves-consequencias-36071>. acesso em: 13/04/2022

Teólogos dão xeque mate na teologia da libertação disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/jose-reis-chaves/teologos-dao-xeque-mate-na-teologia-da-libertacao-1.202631>. Acesso em 13/04/2022

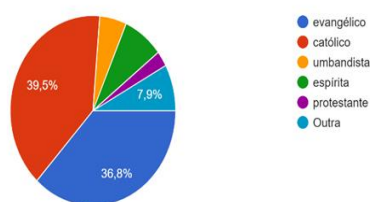
João Paulo II e os anos de terror na igreja disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/re_por_terbbc/story/2007/03/070314_vaticanosobrinoebchhttps://www.ihu.unisinos.br/568973-joao-paulo-ii-os-anos-terror-na-igreja. Acesso em: 13/04/2022.

com a chegada da congregação crista 1910 e da Assembleia de deus 1911 a segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grupos em meio a dezenas de menores surgem o quadrangular 1951, Brasil para cristo 1955 e deus é amor 1962. O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos 80. Suas principais representantes são a igreja do reino de deus 1977 e a igreja internacional da graça de deus 1980. (FRESTON, 1993.p.66)

Na pesquisa feita por nós constatamos que 38% dos motoristas são evangélicos enquanto 39,5% são católicos. Isso nos dá uma ideia a respeito do processo de evangelização vem passando a sociedade brasileira confirmando a pesquisa de Freston (1993) e Mariano (2014).

Gráfico - 6 religião

Caso tenha respondido SIM, Qual a sua religião?
38 respostas



Fonte: questionário

A teologia da prosperidade mudou a sua prioridade tornando-se mais pragmáticos e imediatistas. A teologia da prosperidade prega que antes do derradeiro encontro com Deus os filhos escolhidos irão viver e desfrutar em vida terrena o máximo de riquezas e privilégios sem a menor culpa moral por isso. A riqueza dos escolhidos passa a ser um sinal de que Deus aceitou aquelas pessoas no reino dos céus.

A velha mensagem da cruz, que pregava o sofrimento terreno cristão, caiu por terra e, sem qualquer compadecimento, foi sumariamente soterrada. Dai que, no cotidiano dos cultos e na vasta programação de rádio e TV dos neopentecostais, conhecer Jesus, ter um encontro com ele e a ele obedecer constituem, acima de tudo, meios infalíveis para o converso se dar bem nesta vida. (MARIANO, 2024, p9).

O neopentecostalismo atualiza o “pacto de amor” como uma fé de resultados financeiros reais, de modo que com as mudanças históricas foram desenvolvendo a fé de resultados até ao que chamamos hoje de neopentecostalismo de resultados, muito adequado ao capitalismo neoliberal (DUNKER; PAULON; SANCHES; LANA; LIMA; BAZZO, 2021). Em uma entrevista no início dos anos 1990 o líder da igreja universal

choça ao fazer uma declaração a respeito da importância do dinheiro a fé crista, essa ideologia foi resgatada no livro de Gilberto Nascimento (2019);

O dinheiro não é vil, ao contrario, deve ser usado a serviço de Deus, constituindo-se um veículo de felicidade. Seria elemento precípua da vida espiritual (NASCIMENTO, 2019, p13).

O individualismo sustentado tanto pelo mercado quanto pelas formas de expressões de fé estranhadas foi produzindo novas formas de subjetividade em que a violência¹²⁹ se torna um traço determinante/determinado basta compreendermos as posições ideológicas políticas do neopentecostais no que diz respeito à segurança pública, subserviência feminina e autoritarismo dos pais em relação aos filhos.

Figura- 26: Cristianismo e armas



Fonte: Assembleia de Deus no Maranhão¹³⁰.

(Marilena Chauí também denomina o neopentecostalismo de neocalvinismo).¹³¹ A teologia (ou evangelho) da prosperidade não aposta mais na salvação coletiva, pelo poder transcendente de proteção gerado pela fé, mas na individualização da salvação, na qual a religiosidade é mero meio suporte. É a

¹²⁹ A imagem do ano disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/fotografo-imagem-do-ano-igreja.html>. Acesso: 13/04/2022.

O diabo venceu sim teólogo da razão a gaviões da fiel cujo desfile escandalizou evangélicos. Disponível em: <https://www.cidadeacontece.com.br/o-diabo-venceu-sim-teologo-da-razao-a-gaviões-da-fiel-cujo-desfile-escandalizou-evangelicos/>. Acesso em 13/04/2022.

¹³⁰ Pastor evangélico benzendo armas no Paraná disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/03/16/video-mostra-pastor-evangelico-benzendo-armas-no-parana-boas-energias.htm>. Acesso em: 13/04/2022.

¹³¹ CHAUI, Marilena. Seminário internacional ameaça a democracia e a ordem multipolar. Fundação Perseu Abramo. *YouTube*. 18 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhELmQZwweU&t=72s>. acesso: 14/12/2021.

chamada “terceira” onda neopentecostal que começou em 1977 e se concentrou no Rio de Janeiro, com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus, por Edir Macedo. (DUNKER; et al, 2021).

A igreja neopentecostal tem uma filosofia dispensacionalista¹³² (NASCIMENTO, 2019). Se a “primeira” e a “segundas” ondas, de 1911 e 1950, tinham uma teórica da proteção de valores, compreendendo um extenso domínio de estudos bíblicos e da hermenêutica sobre o sentido do sofrimento, a terceira onda elege pastores em função do resultado alcançado na arrecadação, as doações e dízimos:

Se o evangelismo histórico e o pentecostalismo das primeiras gerações adotavam a paixão de Cristo como narrativa-mestre, a terceira onda reverte a função política e moral do sofrimento. De agora em diante o sofrimento liga-se com o fracasso, com a falta de fé e com a incerteza na enunciação do próprio desejo no quadro da confissão positiva. “Pare de sofrer”, procure o “pronto-Socorro Espiritual 24 horas” os programas de rádio e televisivos disponíveis. A recusa do sofrimento e sua abordagem realista e pragmática operacionalizada em forma de empresa caracterizará o neopentecostalismo de resultados, em contraste comparativo com a igreja católica (DUNKER, PAULON, SANCHES, LANA, LIMA, BAZZO, 2021, p 239-240)

Segundo Slavoj Žižek (2014) a violência do discurso do individualismo liberal do capitalismo está atrelada, ao discurso cristão. Que com o passar do tempo foi assumindo outros significados e valores sociais. Atualmente na sociedade burguesa da barbárie, a lógica fundante do discurso cristão foi interpretada como uma apologia ao individualismo e em muitas vezes ao culto a violência e extermínio daqueles considerados “bandidos”, conforme podemos observar na fotografia abaixo, em que várias igrejas evangélicas apoiaram candidatos que prometiam exterminar o inimigo do povo de Deus. Os evangélicos entraram de corpo e alma na política trocando voto por cargos, recursos, favores e concessão pública (MARIANO, 2014).

¹³² É uma doutrina teológica com repercussões na escatológica cristã, pois afirma que a segunda vinda de Jesus Cristo será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento pré tribulacionista e um período de sete anos de tribulação, após o qual ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do Reino Milenar de Jesus Cristo na Terra.

Figura 27: Cristianismo e armas II



Fonte: Evangélicos fazem "arminha" durante culto (Reprodução/Twitter)¹³³

Se no cristianismo primitivo amar ao próximo como a ti mesmo, tinha um sentido de derrubar os muros, entre os as pessoas criando uma aproximação e reconhecimento da humanidade daqueles que são diferentes a entre si, na fase da barbárie social a lógica fundante do discurso religioso constrói cercas entre as pessoas. Aquele que é diferente do rebanho precisa ser exterminado para que a ordem volte a funcionar.

Figura 28: cristianismo e armas III



Fonte: Rafael Greca leva sacerdote para abençoar novas armas dos GMs de Curitiba. Janeiro de 2022.¹³⁴

A ideologia judaico-cristã elimina qualquer alteridade da universalidade, na medida em que a definição de amor se reduz a valores individuais. O que reside com à universalidade da humanidade é o caráter "inumano" do Próximo. É por isso

¹³³ Como dialogar com um evangélico? Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opinioao/2020/10/5/como-dialogar-com-um-evangelico-parte-05-principe-da-paz-83651.html>. Acesso. 14/04/2022.

¹³⁴ Rafael Greca leva sacerdote para abençoar as novas armas de Curitiba. Disponível em: <https://blogdotupan.com.br/2022/01/19/rafael-greca-leva-sacerdote-para-abençoar-as-novas-armas-dos-gms-de-curitiba/>. Acesso em: 13/04/2022.

que é tão violento, e até traumático para alguém ocupar o lugar do ser amado. O ser amado me faz sentir diretamente o abismo entre o que sou enquanto ser determinado e o objeto “causa de desejo”, inexplicável em mim que causa o amor:

Quando Freud e Lacan insistem na natureza problemática da injunção judaico-cristã fundamental (“ama o teu próximo”), não estão apenas assinalando os termos críticos e ideológicos habituais sobre como qualquer ideia de universalidade é sempre definida por valores particulares. Acarretando por isso mesma exclusão dissimulantes; antes, afirma uma tese muito mais forte sobre a incompatibilidade entre o Próximo e a própria dimensão propriamente inumana do Próximo. É por isso que é tão violento e até traumático para alguém ocupar o lugar do ser amado: ser amado me faz sentir diretamente o abismo entre o que enquanto ser determinado e o X insondável em mim que causa o amor. (ŽIŽEK, 2008, p56)

O neopentecostalismo de resultados e a teologia da prosperidade, sobretudo na sua terceira onda (NASCIMENTO, 2019) apresentam o individualismo exacerbado e a submissão completa das “criaturas aflitas” (MARX, 2010) ao algoz mercado. Em uma pesquisa realizada no dia 29/01/2022 para a confecção de um artigo sobre subjetividade neoliberal encontramos no site da igreja uma serie de artigos produzidos pela igreja universal do reino de deus sobre empreendedorismo dentre esses temas encontramos: economia financeira¹³⁵, sucesso profissional¹³⁶.

A Igreja Universal do Reino de Deus é um gigante neopentecostal. Da réplica do Templo de Salomão, Edir Macedo dirige sua igreja com autoridade incontestada, cortejado por líderes de todas as cores ideológicas. Nesse sentido, a recente unção de Jair Bolsonaro como paladino da fé cristã — celebrada pessoalmente por Macedo — demonstra um projeto de poder iniciado há mais de quarenta anos na primeira sede da Universal, uma das mais poderosas instituições religiosas do país, com suas extensões tentaculares na política, na mídia, na sociedade e no mundo empresarial. A ideia da igreja como uma empresa faz com que a fé neopentecostal seja hoje uma ideologia de mercado (NASCIMENTO, 2019).

¹³⁵ O que não te contam sobre renda extra. Igreja Universal. Disponível em: <https://www.Universal.org/noticias/post/o-que-nao-te-com-taram-sobre-renda-extra>. Dia de acesso: 30/01/2022.

¹³⁶ Palestra motivacional para o sucesso financeiro. Igreja Universal. / Igreja Universal Disponível em: <https://www.universal.org/agenda/post/palestra-motivacional-para-o-sucesso-financeiro/>. Dia de acesso:30/01/2022.

3.5 A Ideologia do Toyotismo

Consideramos que o toyotismo pode ser tomado como a mais radical e interessante experiência de organização social da produção de mercadorias, sob a era da mundialização do capital (ALVES, 2000, P32). O toyotismo configura-se como uma ideologia que se adequa muito bem a crise de superprodução na etapa do sociometabolismo da barbárie. Tal, ideologia empresarial tem como essência a “captura” da subjetividade do trabalho vivo. Promovendo à nova (de) formação ou corrosão do caráter (SENNET, 2015) do homem burguês. O processo da “captura” da subjetividade é iniciado ainda durante a formação escolar, em que o processo de educação¹³⁷ – é direcionado ao empreendedorismo a fim de criar subjetividades engajadas para as novas formas de exploração e espoliação conforme podemos observar na figura abaixo.

Figura- 30: empreendedorismo



Fonte: Eu empreendo. Disponível em: <https://conteudo.engage.bz/ads-gamificacao?>. Acesso: 29/04/2022.

Foi nos anos 1980 que o toyotismo conseguiu alcançar um considerável poder ideológico e estruturante do complexo de reestruturação produtiva na era da mundialização do capital. Em síntese, Ele assumiu a partir daí, a objetivação universal da flexibilidade, evolução e expansão do capitalismo. Resultando, portanto,

¹³⁷ Plataforma Digital Gamificada para desenvolvimento de inovação e empreendedorismo nas escolas disponível em: https://euempreendo.org.br/privadas/?src=test&utm_source=googleads&utm_medium=cpccoordenador&utm_campaign=test&utm_content=texto&gclid=CjwKCAjwsJ6TBhAIEiwAfl4TWEYfbN1VP1Kp34QwPlaB9zISETaaF2xCQdvwt5r4aFkhVeredn7z0hoC7X4QAvD_BwE. Acesso 26/04/2022. Escolas disruptivas disponível em: <https://escolasdisruptivas.com.br/escolas-do-seculo-xxi/educacao-empreendedora/>. Acesso: 26/04/2022.

no que chamamos de plataformas de trabalho, o signo do “toyotismo hiperflexibilizado”. Inaugurando um novo regime de acumulação hiperflexibilizado. As características essenciais do Toyotismo são seus protocolos organizacionais e institucionais voltados para realizar a nova “captura” da subjetividade¹³⁸ (ALVES, 2000). Podemos definir capitalismo de plataforma como a objetivação do “espírito do toyotismo”, isto é, a evolução e expansão da nova forma de gestão da força de trabalho sob o capital. Entendemos por toyotismo, o novo modo de gestão do trabalho sob a ordem do capital em crise estrutural. Segundo Alves (2011) o espírito do toyotismo é definido como:

Um estágio superior de racionalização do trabalho, que não rompe, a rigor, com a lógica do taylorismo – fordismo. Entretanto no campo da gestão da força de trabalho, o Toyotismo realiza um salto qualitativo na captura da subjetividade operária pelo capital. (ALVES, 1999; p95).

O novo toyotismo, contou com o apoio irrestrito da “teologia ou evangelho da prosperidade”¹³⁹ que absorveu os valores do toyotismo e reproduziu para a sociedade, os novos princípios administrativos da produção de mercadorias, serviços pela gestão da força de trabalho, cujo valor universal é constituir uma nova

¹³⁸ Eu sou Bruna Prado, empresaria, eu sou a universal. Disponível em <https://www.universal.org/bruna-prado>. Acesso: 06/04/2022

Você tem visão para ser empresário? Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/voce-tem-visao-para-ser-empresario/>. Acesso em: 06/04/2022

Empresários cristãos se unem para ajudar novos empreendedores disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/empresarios-cristaos-se-unem-para-ajudar-novos-empresarios/>

Por que delegar torna você um empresário melhor? Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/por-que-delegar-torna-voce-um-empresario-melhor/>. Acesso em: 06/04/2022

O uso da inteligência emocional a seu favor disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-uso-da-inteligencia-emocional-a-seu-favor/>. Acesso em: 06/04/2022

Você é a marca da sua empresa, disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/voce-e-a-marca-de-sua-empresa/>. Acesso em 06/04/2022

O caminho para ser um campeão disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-caminho-para-ser-um-campeao/>. Acesso em 06/04/2022

Visão ampliada sobre carreira e negócios disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/visao-ampliada-sobre-carreira-e-negocios/>. Acesso em: 06/04/2022.

¹³⁹ SERAFIM; MARQUES ; RODRIGUES. Segurando na mão de Deus": organizações religiosas e apoio ao empreendedorismo disponível em: <https://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-52-num-2-ano-2012-nid-46931/>. Acesso: 26/04/2022.

O verdadeiro empreendedorismo cristão. Disponível em: <http://unicatolicaquixada.edu.br/blog/pastoral-universitaria/2020/o-verdadeiro-empreendedorismo-cristao/>. Acesso: 26/04/2022.

Empreendedorismo cristão. Disponível em: <https://comunhao.com.br/empreendedorismo-cristao/>. 26/04/2022.

hegemonia do capital na produção e reprodução da vida por meio da “captura” da subjetividade. Isso significa afirmar que o apoio do “evangelho da prosperidade” foi fundamental para preparar as criaturas aflitas para a adesão à nova ordem do dia como signo do pacto de amor entre deus e os homens. O discurso ideológico religioso então foi impregnado de individualidade e da linguagem empresarial toyotista (DUNKER, et al, 2001).

A religiosidade neopentecostal em sua narrativa mágica dissemina e propaga ideologicamente que a única solução possível é pela via da inserção exasperada e submissão profunda ao algoz econômico em nome de sua propaganda travestida de prosperidade. (DUNKER; PAULON; SANCHES; LANA; LIMA; BAZZO, 2001, p 241)

Graças à preparação espiritual do toyotismo, junto com a teologia da prosperidade que as plataformas de trabalho sob demanda, e sua promessa de transformar todos em empresários de si, tiveram sucesso em um país desindustrializado de economia dependente e fortemente marcado pelo assédio moral como o Brasil. Combinando com muita competência o progresso com atraso – via colonial-escravista- marca estruturante da “miséria” brasileira (CHASIN, 1997). A mistura de uma economia pobre e dependente com a ideologia da prosperidade preparou o trabalho vivo “espiritualmente” para ser “consumido” pelo capitalismo neoliberal de plataformas. Uma vez que a estrutura social econômica do Brasil impossibilita a ascensão do povo que trabalha assim como também os desampara brutalmente a fim de garantir os privilégios da elite (DARCY, 1981). Portanto entendemos então que modelo de gestão empresarial de caráter toyotista e o capitalismo de plataforma representa o mais elevado padrão que combina o progresso do atraso, visto que a gestão funda-se sobre a eficiência da ação produtivista, reproduzindo-se facilmente na sociedade criando uma “metalinguagem empresarial” que extrapola os muros da empresa Diz Gaulejac (2007) sobre a “ciência gerencial”:

A ciência gerencial se funda em pressupostos e postulados, de crenças, de hipóteses e de métodos que vale a pena verifica a validade. O paradigma objetivista dá um verniz de cientificidade à “ciência gerencial”. Ele se declina segundo quatro princípios que descrevem a empresa como um universo funcional, a partir de procedimentos construídos sobre o modelo experimental, dominado por uma concepção utilitarista da ação e de uma visão economista do humano (GAULEJAC, 2007, p.66).

As empresas inauguram o novo léxico produtivista e de engajamento subjetivo, expondo a perversão da concorrência pela via da linguagem. É pelo viés da nova gramática empresarial que a burguesia consegue “destruir” a identidade de classe confundindo a percepção (experiência percebida) dos trabalhadores sobre a realidade objetiva. A perda da capacidade de se perceber a si mesmo como trabalhador significa o fim da consciência de classe em si e para si Thompson (1983). O que abre o caminho para o fim da solidariedade e aumento do assédio moral e sexual dentro das organizações de trabalho, e inclusive fora dela. Pois, o trabalhador identificado com a burguesia começa a perceber a si como um empresário-empendedor e o outro trabalhador como inimigo, isto se deve ao fato que o processo de identificação é eminentemente imaginário. A relação imaginária rompem o limite da “lei simbólica¹⁴⁰” e a “perversão” torna-se a lei do empreendedorismo. Não existe amparo de limite simbólico entre o desejo do outro que se identifica como Outro e os subordinados. Essa “nova” ordem não é novidade no Brasil, uma vez que a sua formação colonial-escravista tem no autoritarismo a única forma de lei. De modo que o capitalismo de plataforma promove uma exacerbação das contradições sociais nunca resolvidas dentre elas o autoritarismo-lei imaginária, sobre as camadas subordinadas, constituindo como o traço de singular do Brasil na nova etapa do capitalismo neoliberal e empresas de plataformas.

A “perversão” ou “pai versão”, tornou-se um traço peculiar dos novos métodos de gestão toyotista, no mundo. No Brasil e o que ocorre é um aprofundamento da degradação dos laços sociais, elevando até as últimas consequências a problemática do assédio moral sobre os trabalhadores. O assédio moral é uma versão da “lei”. Isso implica dizer que o sujeito que deveria representar a lei, se torna ele próprio a lei (os proprietários de escravos). De modo que é entre o “pai real” e a sua função “simbólica”, supostamente, normalizadora da sociedade e da mente que se inserem todas as figuras do “pai imaginário”¹⁴¹ com seus; emblemas de identificação e ideais enaltecidos ou degradados que povoam delírios e fantasias” dos sujeitos. (MARTINHO, 2008). O que confere a submissão exacerbado das camadas subalternas ao poder patronal (DARCY, 1997).

¹⁴⁰ Lei simbólica nada mais é do que uma norma social por todos que articula e constroem laços entre os sujeitos.

¹⁴¹ Pai imaginário nada mais é do que uma figura de poder onipotente criada pela imaginação, fantasias individuais.

O declínio do simbólico e o predomínio do imaginário fez com que A “lei” deixa de representar um agente simbólico e passa a ser exercida pelo agente Imaginário. Isso significa dizer que o sujeito que se alto intitula senhor, transforma a si próprio na encarnação da lei, impondo a todos o seu próprio gozo, tal crença na própria onipotência se configura como uma forma delirante de se haver com o Real. As consequências de tal afrouxamento com a realidade “delírio” é a certeza de que ele pode todas as coisas não havendo limites. Isso explica parcialmente a epidemia de assédio moral, abuso de autoridade, tão comuns na história do Brasil e mais ainda no tempo histórico da barbárie social em que a gestão toyotista se torna a lógica de funcionamento e organização social.

O toyotismo, sua lógica organizacional e seu espírito de racionalização aguda, neste atual estágio da civilização do capital (ALVES, 2022), aperfeiçoou o sistema de vigilância do trabalho vivo¹⁴². Aprofundando a problemática da “invasão do olhar” do outro sobre o corpo do trabalhador reafirmando e normatizando a lei imaginária da origem colonial.

A particularidade no capitalismo de plataforma, é que apesar dele este inserido na lógica toyotista de ciência gerencial, devido à propagação da ideologia toyotista como lógica de organização social, “espírito do toyotismo” o motorista de aplicativo “não tem vínculo empregatício com a plataforma” o modelo de contrato que esse motorista assina é de utilização da plataforma para vender o seu serviço de modo que o trabalhador não trabalha “para” a plataforma, o motorista trabalha “com” a plataforma, conforme podemos observar pela fala do abaixo. Diário de campo entrevista com motorista de aplicativo 13/04/2022.

D, 42 é tecnólogo em logística e trabalhou durante 6 anos em uma empresa. D era responsável pelo controle de qualidade, em 2019 foi demitido com mais uma grande parte dos trabalhadores, apesar de ter um excelente currículo D não conseguiu mais colocação no mercado, precisando trabalhar como motorista de aplicativo, sempre bem humorado D explica a sua relação “com” os aplicativo:

- eu trabalho “com” a 99, “uber” e Indriver, saiu rodando em todo o interior de São Paulo de cidade em cidade sempre procurando os lugares de mais movimento, começo a trabalhar logo cedo as 07h00min da manha e voltou

¹⁴² O capital utiliza a técnica de “gamificação” para “capturar a subjetividade” do trabalhador. Entende-se “gamificação” como sendo o processo de tornar lúdica as metas e a organização de trabalho. Isto se constitui como uma importante tecnologia de controle, pois a maior parte do então precariado – jovens trabalhadores precários de “classe média” – estão acostumados com jogos de internet. Assim, o “capitalismo de vigilância” Zuboff (2021) age sobre a experiência humana, reivindicando para si, a experiência humana universal.

para dormir as 22h00min. É muito cansativo mais fazer o que? As empresas não me chamam nem pra trocar umas ideias (risos).

E as empresas se organizam por meio de uma multidão de trabalhadores “independentes” que trabalham prestando serviços para as empresas à outra particularidade é que só é possível o crescimento dessas plataformas em um ambiente em que se tem uma grande massa de trabalhadores desempregados, informais, precários e empobrecidos, geralmente sem expectativa de trabalho, como no caso de D, 42 que devido à idade não terá como se reinserir no mercado de trabalho. Para controlar a multidão de trabalhadores, o capital apreende o funcionamento dos processos inconscientes formados a partir da experiência humana. É a experiência humana em todos os seus aspetos que é requerida pelo capitalismo de plataforma é nisso que consiste a “captura” da subjetividade.

Como a ideologia orgânica da produção capitalista, o toyotismo é aprimorado e expandido pela utilização da tecnologia dos algoritmos, que não apenas controlam o regime de trabalho, mas também manipulam o consumo:

Os sistemas algoritmos filtram e classificam as palavras chave das mensagens, detectam sentimentos, buscam afetar decisivamente os perfis e, por isso, organizam a visualização nos seus espaços para que seus usuários se sintam bem, confortáveis e acessíveis aos anúncios que buscarão estimulá-lo a adquirirem um produto ou um serviço. (SILVEIRA, 2018, p38)

O toyotismo é a modalidade de produção flexível onde à terceirização tornou-se fundamental para o sistema funcionar. As plataformas operam por meio de modelo “hiperterceirizado” em que os trabalhadores, então “sem salários” e sem “contrato de trabalho”, recebem uma remuneração por atividade realizada. A plataforma então vende um serviço para o motorista e para o passageiro. Os direitos trabalhistas, antes inalienáveis transformaram-se uma ilusão para aqueles que melhor representaram os interesses das empresas. Todo o resto de trabalhadores precários e que não foi considerada apta para receber direitos trabalhistas permanecem com remuneração bem abaixo do mercado de trabalho, compondo um grande exercito de reserva. Inserido nos chamados, contrato zero hora, terceirizado e ou inseridos na economia de bicos ou circuito inferior da economia, de modo que a remuneração dos trabalhadores está submetida à lei do mercado – a oferta e demanda. Em outras palavras, a renda é menor conforme haja abundância de força de trabalho (ANTUNES, 2021). Com a erosão dos direitos trabalhistas esta

provocando impactos brutais na saúde dos trabalhadores como podemos observar nos trechos abaixo . Diário de campo. 08/05/2021

C. homem 56 anos, radialista, casado e com filhos. Ele tem uma vasta experiência profissional que vai desde trabalho em programas de rádio até cargos de gerencia em empresas multinacionais. Atualmente, trabalha como motorista de aplicativos em Salvador-BA. C, inicia a sua entrevista descrevendo o seu mal-estar causado pelo engodo pela ideologia hegemônica do capital que é a crença no mercado como organizador da vida: Na sequência seguinte, C. faz um comparativo da UBER com a empresa que ele trabalhou anteriormente. Segundo C a empresa anterior funcionava de forma justa possibilitando o desenvolvimento dos trabalhadores e promovendo ascensão social. Na comparação entre a empresa que ele trabalhou e a Uber fica evidente o mal estar causado pelo fim dos direitos mínimos. Com o fim dos direitos os motoristas entram em uma roda viva de dividas tributarias, bancarias sem possibilidade de quita-las que se acumulam. A servidão financeira é outra consequência da expansão do capitalismo sobre o trabalhador. A sujeição do trabalhador ao sistema financeiro cria um sistema de crédito-dívida-juros que permite, em poucas palavras, comprar o trabalho futuro de modo que o futuro fica comprometido.

“Pra mim que estou desde o começo a UBER foi uma ilusão e uma desilusão. E porque a UBER foi uma ilusão e uma desilusão? Porque a UBER sabe usar estratégias de marketing incomparável. No começo, se pagava muito bem. A UBER manipula os algoritmos em seu favor. A coisa é feita para manter a pessoa em uma espécie de cativeiro sem que ela progrida”.

Outro motorista também fala sobre a desilusão com a empresa de plataforma e sinaliza sobre os efeitos desastrosos que é a erosão dos direitos trabalhistas tanto a nível físico, psicológico e social para a pessoa humana que trabalha. Diário de campo. 16/06/2021 grupo de Whatsapp insatisfação com a “uber”.

“Cara não tem nada de engraçado nisso vocês ficam de brincadeira e olha isso que a gente está vivendo é surreal. Eu já não durmo direito, eu já não como direito já tenho problema familiar. Já tem problema financeiro. Essa porra aqui dessa uber, cara! Desses aplicativos! tão destruindo a nossa vida. Desde que eu entrei nessa merda me diga quem em sã consciência um filho da puta de um motorista, que entrou nessa porra e tá progredindo! não vem com essa gente pelo amor de deus a gente sobrevive. A gente não tá progredindo a gente sobrevive, só que o nosso psicológico se acaba mano é pau que não sobre é dinheiro que não paga conta e cara acaba relacionamento, acaba tudo, cara tanto motorista que vocês vê ai tão

dormindo na rua dias e dias e dias, cara, motorista sendo corno, motorista perdendo a mulher porque não transa em casa, que não tem disposição, etc, e etc, eu não aguento mais mano’.

Tudo isso tem promovido uma verdadeira fragmentação e esfacelamento da classe trabalhadora, pois tal modelo de negócio faz com que o trabalhador vire ideologicamente uma empresa contratada, ou seja, se torne um empreendedor individual. A lógica empresarial é bastante presente no modelo de negócios das plataformas de transporte. Tal nova lógica da concorrência foi explorada no best-seller “blue ocean strategy”/ “A estratégia do Oceano Azul” escrito por W. Chan Kim e Renée Mauborgne, é um livro bastante recomendado no meio empresarial e que também faz sucesso no meio das pessoas que sonham em ser empresários. Neste best-seller empresarial, os ideólogos do capitalismo neoliberal, naturalizam a competição e a concorrência como uma característica de todos os animais, incluindo o homem:

A premissa é simples: o oceano da competição do mercado é o oceano vermelho, manchado de sangue pela concorrência brutal (metaforicamente falando), repleto de rivais que lutam entre si por uma parcela de lucros cada vez menor. O segredo do oceano azul é gerar novos e intocados espaços de mercado prontos para o crescimento. (CASSINO, 2018, p 21)

No livro a “ontologia do ser social” Lukács (2012) nos ensina que o homem é um animal que se tornou homem pela via o trabalho. O trabalho permitiu um salto ontológico capaz de pôr o gênero homo, em um espaço privilegiado na evolução. Explicar a barbárie social promovida pelo capital por uma condição imanente das espécies é ideológico. Este é jogo ideológico do capital para “capturar a subjetividade “do trabalho vivo”“. A premissa do best-seller “A estratégia do oceano azul” é simples; e é justamente tal simplicidade que permite que os trabalhadores “absorvam” a lógica do mercado.

O engajamento subjetivo por meio das ideologias da barbárie que tratamos acima, empreendedorismo e teologias da prosperidade, tem uma base o real do capitalismo brasileiro isto porque ele - o capitalismo -apropria-se das esperanças sociais de ascensão pela via da meritocracia para seus próprios fins é por isso que a alienação social objetiva produz o sintoma, mal-estar e sofrimento (DUNKER, 2015). O medo do desamparo é o estímulo constituinte para que um grupo social passe a criar uma crença do mundo justo, baseado na terceira onda neopentecostal. Enfim,

as pessoas precisam acreditar que as coisas acontecem sempre da melhor forma possível, para que elas tenham alguma espécie de certeza em relação às incertezas do mundo, pois a criatura aflita e desamparada pode criar a fantasmagoria de um Pai todo-poderoso capaz de protegê-la, por exemplo, da miséria financeira. O desamparo e o desespero empurram esses trabalhadores para espaços capazes de promover um “endereçamento”¹⁴³ ao sofrimento. O sentido é dado então, por meio da lógica empresarial difundida pelas formas teológicas de mercado: “A crença no mundo justo possibilita algumas atitudes sociais diante das vítimas como: minimização do sofrimento da vítima, evitação da vítima, desvalorização da vítima e culpabilização da vítima” (CORREIA e VALA, 2003).

3.6 A ideologia da positividade

Nesse tópico iremos descrever o processo de constituição do que estamos chamando de ideologia da positividade. Examinando a relação entre a lógica do Show do Eu e a lógica da gestão da vida como uma empresa, em uma sociedade desamparada e entregue a guerra civil crônica. Em que a segurança pública é transferida ao sujeito individual (PELLEGRINO, 1983). Ao realizar a coleta de dados nos diários dos motoristas de aplicativos, um tipo de compreensão ideológica sobre a vida nos chamou a atenção. Tratava-se de uma visão eminentemente positiva em relação à realidade objetiva- experiência vivida- desses trabalhadores. Estávamos diante de um paradoxo, pois na medida em que os vlogueres representavam uma medida protetiva de denuncia a violência, esse mesmo vlogueres estavam repletos de uma visão positiva diante da vida, obedecendo a lógica dos reality show. Tal lógica, transforma uma vida comum e suas misérias humana em espetáculo - *reality show*. Eles constituem como principal instrumento de dominação ideológica, pois é através deles que os padrões e os valores sociais são produzidos e posteriormente adotados pelo corpo social.

A positividade e o otimismo são explorados sob a camuflagem da resiliência, sobretudo em situações desesperadoras. A cultura dos *realities shows* e suas promessas de transformar a vida banal em espetáculo influenciaram fortemente os

¹⁴³ Endereçamento em psicanálise é um estatuto que diz respeito ao singular das memórias de um sujeito ao campo do Outro, alterando a clássica noção de história pautada na diferença entre ficção e realidade, verdade e exatidão. Com este objetivo, trabalha a relação entre a mensagem e seu destino,

valores sociais da geração neoliberal. Uma boa parte da juventude encara a exposição prolongada na Internet, como possibilidade de ascensão social e forma de enfrentar a invisibilidade da condição de proletariedade. Sendo assim, os vloggers dos motoristas de aplicativo operam um tipo de idealização egóica¹⁴⁴ pela via da espetacularização da vida privada do sujeito. Reforçando o discurso ideológico do autoempreendedorismo. A carga de cobrança pessoal por sucesso, poder e dinheiro, impossibilita as pessoas de enfrentar sua realidade objetiva, pois qualquer falta ou tropeço precisa ser rigidamente denegada, sob pena de o sujeito ser visto socialmente como um fracassado e pessimista. O “pensamento positivo” faz parte do show do Eu como o caminho para o sucesso e felicidade pessoal. Isso se deve ao fato que o sujeito neoliberal deve ser visto sempre motivado, pois a moralização do processo econômico imputa ao sujeito individual a culpa pelas crises econômicas decorrentes da falência capitalista. Dessa forma, a coerção econômica e financeira transforma-se em “autocoerção” e “autoculpabilização”, pois a ideologia burguesa repete que somos os únicos responsáveis por aquilo que nos acontece (DARDOT e LAVAL, 2016, p 345).

Por exemplo, entre os motoristas de aplicativos, existe um código de conduta ética baseado na positividade, pois os motoristas que ousam expor o seu mal estar, em relação aos aplicativos e a espoliação ao qual estão sendo submetidos, são humilhados publicamente em um verdadeiro “linchamento virtual” em que a crueldade se sobrepõe ao bom senso.

Diário de Campo - Motorista Anônimo –(grupo do Facebook/ Uber/99 somente motoristas de aplicativos) um motorista (que participa do grupo) postou um vídeo dizendo:

“Verdades sobre a Uber de um motorista de 4 anos de experiência: não dá lucro; tua saúde física e mental vai pra o saco; teu carro se destrói antes de você pagar; as pessoas são mal educadas e ingratas; teu salário mensal se acaba se estourar uma peça; tu vai ser assaltado; tu vai se envolver em um acidente; aquele passageiro educado e amável que tu deu teu fone pessoal vai te chamar durante o dinâmico para pagar menos; a Uber te rouba, na nota, nas promoções, na rota, no atendimento, no seguro e se tu morrer ela diz se fode tem mais um monte, saiam dessa meu povo antes que seja tarde”. M. 40 anos

¹⁴⁴ O ego ideal é o herdeiro do narcisismo original. Ou seja, corresponde aos mandamentos internos que obrigam o sujeito a corresponder, na vida real, às demandas provindas de seus próprios ideais, geralmente impregnadas de ilusões narcisistas inalcançáveis.

Em seguida observamos as respostas de dois motoristas em relação à postagem anterior:

Figura- 31: positividade



Fonte: grupo de Facebook Uber/99 somente motoristas

Assim, apesar da miséria laboral exposta acima, o que predomina é o discurso do otimismo. No Brasil, a positividade encaixou muito bem aos valores conciliatórios que visa criar um ambiente de conformação social. A positividade e conformação social são proclamadas pelos adágios populares: “Deus escreve certo por linhas tortas”; “No final, tudo acaba bem”; “Todas as coisas acontecem sempre para o melhor”; “Os humilhados serão exaltados”; “Deus sabe todas as coisas”. A

ideologia positiva oculta a violência da precarização a partir de uma mentira contada incessantemente, tal mentira diz; que vivemos no melhor dos mundos e que tudo acontece da melhor forma nesse mundo, que mesmo não sendo perfeito, é o melhor dos mundos (ŽIŽEK, 2005).

Figura-32 positividade II



Fonte: Grupo de Whatsapp insatisfação Uber

A crítica ao otimismo vem de longa data ainda no século XVII. O filósofo iluminista François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire, (1694 a 1778) escreveu um conto sarcástico em relação ao excesso de otimismo burguês intitulado “Candide, ou l'Optimisme”. O pequeno conto filosófico de Voltaire em tom de sátira, publicado pela primeira vez em 1759, narra a história do personagem Candido. Um jovem filósofo, que sofre todas as desgraças possíveis, mas em nenhum momento ele critica a situação. Mantendo-se firme nas palavras do professor Pangloss, pois, segundo o seu professor, tudo que acontece no mundo é para o melhor, no melhor dos mundos.

No Brasil, o cineasta Amácio Mazzaropi (1912 a 1981) faz a sua própria versão do conto de Voltaire com o filme “Candinho” (1954). O filme de Mazzaropi conta a história de Candinho, um caipira pobre e escravizado do interior de Minas Gerais. Expulso da cidade de Piracema sofre todo tipo de desgraça, mas fica firme no propósito ensinado pelo professor Pancrácio que afirma: “tudo que acontece é para melhor, pois vivemos no melhor dos mundos”. Candinho desamparado e desesperado recorre à ideia fantasmática de que a ausência materna é a causa de seus infortúnios: “Quem tem mãe, tem tudo nessa vida”, frase que se repete inúmeras vezes no filme e demarca a posição infantilizada do personagem.

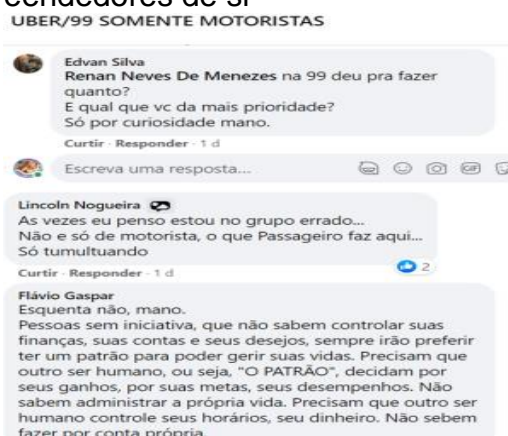
A diferença entre o conto de Voltaire e o filme de Mazzaropi é que - no filme - o personagem Candinho, após sofrer todas as desgraças possíveis termina rico, feliz

e casado com sua grande paixão (Filoca), a filha de um coronel saudoso do império decadente e ressentido com a Proclamação da República. O filme de Mazzaropi, apesar de iniciar com uma crítica ao otimismo termina como um elogio à conciliação entre explorados e exploradores. Em que o coração puro é suficiente para que ocorra a justiça divina. Sendo ele um raio-X do caráter nacional, fortemente marcados pelas formas de paternalismo messiânico e toda forma de conciliação (KEHL, 2007). No livro de Voltaire, não acontece o triunfo da bondade, é a crítica da ideologia do otimismo nua e crua. A burguesia soube se apropriar muito bem da esperança como uma arma ideológica para promover a submissão e resignação da classe trabalhadora.

O mal-estar criado pela resignação ao sofrimento e justiça divina inalcançável faz com alguns motoristas “uberizados”, desejem se tornar donos de sua própria vida, “sem chefes para mandar neles”, como observamos em algumas falas desses trabalhadores. Gerando a compreensão de que ser trabalhador ao invés de empreendedor é a pior coisa que poderia acontecer. Como vimos nas duas falas acima, existe um elemento traumático que revela situações de humilhações vividas nas relações laborais no Brasil, de modo que a ideologia do otimismo se transformou na religião do assalariado desesperado que busca individualmente a sua emancipação pessoal. Nesta fala de um motorista de aplicativo torna-se visível a presença da ideologia da positividade.

Diário de Campo - Motorista Anônimo – (grupo do Facebook/ Uber/99 somente motoristas de aplicativos) um motorista (que participa do grupo) escreveu:

Figura- 33 empreendedores de si



Fonte: retirada do grupo Uber/99 somente motoristas

Observando os motoristas de aplicativos chegamos a uma definição da positividade. Tal, ideologia é uma forma de despolitização porque impossibilita

qualquer contato com a realidade objetiva desonerando a negatividade. A negatividade representa a existência da dor, seja ela existencial ou física, ao passo que desvela às relações de produção que causam formas de mal-estar no trabalhador.

A realidade objetiva dos motoristas de aplicativo é simples, pois quanto mais trabalha mais miserável se torna. A ideologia da positividade um tipo de defesa egóica (denegação) que impossibilita que esse trabalhador não perceba a sua própria desgraça. A denegação da realidade permite que esse trabalhador possa viver em um mundo da fantasia ideológica. Tal fantasia produz uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência (Louis Althursser 1996).

A sociedade positiva nós faz lembrar do filme distópico Alphaville, une étrange aventure de Lemmy Caution. Alphaville é um filme francês de 1965, do gênero ficção científica dirigido por Jean-Luc Godard. A população da cidade futurista de Alphaville é dominada pelo computador Alpha 60 que aboliu os sentimentos. O agente Lemy Caution é enviado à cidade com a missão de encontrar seu inventor, o professor Von Braun, e convencê-lo a destruir a máquina.

A alegoria de Godard fala sobre anulação do direito dos sujeitos de sentir: não podem chorar sofrer, amar ou se comportar de modo espontâneo. Em poucas palavras, no império tecnocrata de Alphaville, os súditos devem se assemelhar ao autômato que os governa. Uma alegoria que representa muito bem a ideologia da positividade tanto quanto o conto Candide, ou l'Optimisme de Voltaire. “A sociedade positiva não admite do mesmo modo qualquer sentimento negativo” (HAN, 2012, p 16). Isso significa dizer que ela cria um modo hegemônico de gozo sob a realidade objetiva em que o princípio do prazer não é mais suficiente. É preciso esta para além do princípio do Prazer. A ideologia da positividade produz e organiza modalidades de gozo ilimitado, em que as ilusões tornam-se sustentáculos de formas de irracionalidade do inconsciente. O sofrimento não pode ser experienciado é preciso retirar prazer do sofrimento, sendo esta a base da sociedade do cansaço (HAN, 2015).

A tragédia da positividade consiste em transformar o trabalhador em alienado em agente e vítima ao mesmo tempo das misérias do capital (ALVES, 2022). A elaboração subjetiva a respeito do sofrimento é barrada pela ideologia positiva e seus agentes - coachs, psicólogos- eles sempre nos fazem lembrar que é

necessário ver a realidade pelo lado positivo. Em outras palavras é preciso gozar ininterruptamente. Isso porque a burocracia do capital é rápida e o negativo é lento ele não trabalha para o capital, mas trabalha para si (HAN, 2012). A ideologia da positividade congela o pensamento dialético, pois esse representa uma barreira para o pleno desenvolvimento das forças do capital. Sem a consciência do sofrimento é impossível superar o capitalismo logo podemos concluir que a ideologia positiva é o “analgésicopolítico” impregnada pela imobilidade política (HAN, 2020).

A ideologia da positividade funciona desonerando toda e qualquer forma de negatividade, pois a negatividade representa a existência da dor, seja ela existencial ou física. Em nome da evitação do desconforto a sociedade é coagida a conformidade e a pressão por consensos e acordos em que ambas as partes sejam “contempladas”. Toda e qualquer forma de desconforto precisa ser rapidamente denegada em prol do gozo. A felicidade tornar-se obrigatória e compulsória. Os traumas subjetivos mais dolorosos precisam ser catalisados e transformados a favor do desempenho e performance no trabalho. A coação sofrida diante da impossibilidade de elaborar a dor é nomeada de resiliência. Ser feliz é a nova forma de dominação muito mais eficaz do que a dominação disciplinar, pois a compulsão a felicidade impulsiona o sujeito, para o consumo estranhado que encobre os vazios de uma “vida reduzida”.

A psicologia positiva se ocupa de criar técnicas de bem-estar e felicidade. É preciso cultivar o otimismo dos pensamentos positivos. É proibido ter pensamentos negativos, pois a lógica da felicidade compulsória ensina que pensamentos negativos atraem azar para as pessoas e para os outros que estão próximo a eles. Maroney um palestrante motivacional norte americano que se autointitulado o pitu bull dos negócios anuncia em sua Home Page (fonte: <http://gurunow.org/articles/255/1/The-Power-of-Negative-Thinking/ThePower-of-Negative-Thinking.html>). acesso:22/04/2022

As pessoas negativas são uma droga. Isso pode parecer cruel, mas o fato é que as pessoas negativas realmente nos sugam. Elas sugam a energia de pessoas positivas como eu e você. Sugam a energia e a vida de uma boa empresa, de um bom time, de uma boa relação. Evite-as a todo custo. Se você precisar cortar laços com pessoas que conhece há muito tempo porque elas são, de fato, um dreno negativo, que seja. Confie em mim, você ficara melhor sem elas. (MARONEY, 2022)

De fato, o conselho de evitar pessoas negativas tornou-se um tema recorrente aos livros de autoajuda tanto na vertente secular quanto na vertente cristã (EHRENREINCH, 2009, p 67). Nesse ponto a igreja neopentecostal vem fazendo um trabalho intensivo sobre o processo de eliminação do pensamento negativo na vida dos seus fieis¹⁴⁵.

Um pensamento ruim tem efeito destrutivo em dois tempos: faz o homem voltar constantemente ao passado e remoer aquele erro e compromete o futuro, pois gera ansiedade quanto ao que nem aconteceu ainda. E onde fica o presente? Este é o ponto: o mau pensamento tira o seu foco dele. E o pensamento que deve ser evitado e substituído por outro acontece exatamente neste tempo (RANGEL, 2019, P2)

O sofrimento só pode ser tolerado na medida em que ele seja capaz de transformar-se em capacidade de resiliência. A ideologia da resiliência como um subproduto da ideologia positiva busca transformar situações traumáticas em catalisadores aumento do desempenho para o trabalho. Os mais cínicos, falam em crescimento pós- traumático (HAN, 2020). O treino da resiliência amplamente difundido pelo neopentecostalismo consiste em um treinamento espiritual por desempenho permanente. A dor é compreendida como um sinal de fraqueza espiritual, e por isso precisa ser rigidamente combatida. Os métodos de combate ao pessimismo se dão através das diversas palestras e artigos produzidos pelos coaches religiosos. Na sociedade positiva neoliberal toda e qualquer forma de negatividade e sofrimento precisa ser transformado em sorriso e motivação.

A felicidade é a forma de dominação do neoliberalismo. Tal, dominação é mais eficaz do que o poder disciplinar, sobretudo para ocultar a desigualdade de classe social. Segundo a ideologia da positividade todos serão bem sucedidos um dia basta controlar a ansiedade e se resignar. De modo que cada sujeito ao invés de interrogar criticamente a sociedade passa a interrogar a sua própria psique tentando corrigir sistematicamente pensamentos ruins. A implicação direta dessa nova forma

¹⁴⁵ Pensamento positivo x negativo <https://www.universal.org/para-as-adolescentes/post/pensamento-positivo-x-negativo-parte-final/>

O poder das palavras para mudar suas vidas. Disponível em: <https://www.universal.org/renato-cardoso/post/o-poder-das-palavras-para-mudar-suas-emocoes-2/>

Marcelo Rangel .Vigie a sua mente disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/vigie-a-sua-mente/>

Núbia Onara, Rejeite os pensamentos ruins disponível

em:<https://www.universal.org/noticias/post/rejeite-os-pensamentos-ruins/>

de controle, desresponsabiliza a burguesia e culpa o sujeito, conferindo-lhes rótulos de incapacidade para a felicidade.

3.7 A dessubjetivação de classe: a produção destrutiva das ideologias da barbárie

A desindustrialização e as dificuldades de crescimento sustentável da economia no Brasil criaram um mundo de trabalho precarizado: terceirizados, subcontratados e informalizados – velhos e novos. O trabalho sob demanda pelas plataformas da nova era digital, aparece como o “moderno” para o mundo empresarial, criando a partir daí, ilusões incorporadas pelas massas trabalhadoras. Tais ilusões utópicas da era digital são baseadas na crença do Progresso tecnológico capaz de beneficiar a todos. Essa etiqueta ideológica do mundo tecnológico do capital é vendida sob o nome de “mudança de paradigmas”. A ideologia tem a função de promover uma despolitização generalizada. Quanto mais despolitizada a massa de trabalhadores desamparados mais fáceis se torna a manipulação.

O que importa no capitalismo é controlar os dispositivos semióticos a-significantes (econômicos, científicos, técnicos, contábeis, do mercado de ações) através dos quais ele busca despolitizar e despessoalizar as relações de poder (LAZZARATO, 2010, p41).

O arsenal tecnológico chegou à vida social de forma disruptivas e destrutivas, promovendo mudanças estruturais na economia e no trabalho – enfim na vida social:

Contudo tal alteração não pode ocorrer sem transformações profundas nas opiniões compartilhadas sobre política e quais valores que se tem para uma vida comum. Transformações que não podem ser meramente retóricas, mas que devem mudar os espíritos é preciso a produção de um novo discurso no sentido focaultiano do termo, isto é, novas formas de relações com a verdade, com a moralidade, em suma, novas formas de subjetivação. Dito de outra forma o neoliberalismo depende da produção dos sujeitos que entendam como naturais às formas de precarização social que, no desenvolvimento, seriam rupturas do pacto social (JUNIOR, 2021, p266).

Aqueles que não se adaptarem, devem fazer parte da legião dos ditos “inaptos”, não-empregáveis e derrotados pela modernização capitalista (GAULEJAC, 2005). Diante do novo regime de “acumulação flexível” (HARVEY, 1993) e da nova precariedade salarial (ALVES, 2013), as empresas colocam em prática a flexibilização do trabalho da qual faz parte, a gestão toyotista. Ela caracterizada

pelas organizações “enxutas”. Por isso, além da “captura” da subjetividade, as organizações empresariais enxugam a folha de pagamento e demitem trabalhadores. Tudo isso para se adaptarem à competição voraz do mercado. Isso contribui – além das dificuldades de crescimento das economias capitalistas – para o aumento (ou manutenção) da massa de desempregados, subempregados e informais, isto é, a legião de “inaptos” e “inúteis” que tem que recorrer aos empregos de aplicativos oferecidos pelas plataformas.

A lógica do espírito toyotista no tocante a ofensiva ideológica pós-moderna, foi rapidamente incorporada pelas empresas de plataforma que passaram a fazer uso do discurso presente nos movimentos de reconhecimento da diversidade racial, de gênero e de sexualidade, como estratégias de marketing empresarial. De modo que, os movimentos sociais foram “capturados” pelo capitalismo através das empresas prestadoras de serviço. Porquanto, essas empresas necessitam desses movimentos para disfarçar a extrema relação de exploração e espoliação dos trabalhadores e dos motoristas “espoliados” pela relação de dominação do capital. Assim, o discurso das identidades é manipulado pelas empresas de modo a produzir um processo de dessubjetivação da classe trabalhadora.

Que se apoia nas políticas de identidade baseadas na conformação do gozo. Na medida em que a cultura se torna anódina no que diz respeito à sua eticidade (moral e ética) torna-se expressão de uma política de identidade, o resultado estrutural é a hipótese permanente de que outras formas de vida inacessíveis dadas à segmentação cultural, detém um fragmento de gozo ilegítimo, inautêntico e excessivo que está na raiz de nossas disposições de preconceito e segregação (DUNKER, 2015, p. 226).

A “dessubjetivação da classe” trabalhadora acontece quando a identidade da classe social é reduzida a esfera do particularismo narcísico do “Eu”. Esse processo, ficou conhecido como: “empoderamento”. Processo esse que rapidamente, retorna contra o trabalhador de forma patológica por meio de depressões e um profundo sentimento de fracasso, culpam e ressentimento. Uma vez que o trabalhador identifica-se imaginariamente com o burguês e com o próprio capital a tal ponto que passa a sentir as crises econômicas do sistema de forma personalizada tomando para si a crise do capital como um fracasso pessoal. Incapaz de reagir coletivamente à ofensiva do capital, esse trabalhador se sente traído e se ressentido, pois ele sabe que foi enganado e que seus esforços não foram reconhecidos. Segundo E. P Thompson (1998) no processo de construção do capitalismo, as relações entre

patrões e empregados foram se tornando mais duras e impessoais. A fase do capitalismo neoliberal vem fazendo justamente outro movimento segundo Lazzarato;

O capitalismo é caracterizado por um duplo regime de subjetividade, a sujeição – centrada na subjetividade do sujeito individual-, e a servidão- que envolve uma multiplicidade e protosubjetividades humanas e não humanas. Apesar de heterogêneos, esses dois processos ou tratamentos da subjetividade são complementares, interdependentes e contribuem para o funcionamento do capitalismo (LAZZARATO, 2010, p35)

Ou seja, as relações vão ficando cada vez mais flexíveis, portanto vai se criando um simulacro de identidade. Isso significa dizer que existe uma sensação de proximidade entre patrões e empregados, uma espécie de camaradagem. Mas o simulacro de personalidade oculta é a dimensão manipuladora dessa relação aparentemente pacífica e benéfica a ambos. O capitalismo para se sustentar enquanto sistema possui a necessidade de que todas as pessoas humanas e não humanas (inteligência artificial, por exemplo), esteja completamente a mercê das necessidades do lucro. É preciso que tudo ocorra na mais perfeita harmonia para que a ele possa continuar a se expandir produzindo lucro. Na atual fase do capitalismo de plataforma os dispositivos de controle subjetivo desenvolvidos no Toyotismo foram aperfeiçoados e se tornaram mais consistentes, sobretudo nas crenças fetichizadas de fundir a subjetividade do trabalhador com a inteligência artificial. A vontade do capitalismo em produzir uma humanidade melhorada geneticamente para a guerra e para o trabalho vem desde segunda Guerra mundial e a tentativa nazista de produzir uma raça superior.

3.8 Desefetivação humano genérico e a contestação depressiva do motorista

Para compreender o processo de desefetivação e seus desdobramentos subjetivos vamos trazer para a discussão o conceito de desefetivação de Giovanni Alves e a leitura social da depressão desenvolvida por Maria Rita Kehl. É nossa intenção compreender a depressão atual como uma posição ética do sujeito ao processo de desefetivação do seu ser humano genérico, em um período histórico de barbárie social.

Desefetivação corresponde ao processo (de)formativo ou processo de subjetivação estranhada que reduz as capacidade humano-genéricas ao trabalho

abstrato. Podemos dizer então que é o processo em que o trabalho vivo é reduzido a produção do trabalho abstrato constituindo “personalidades abstratas” (ALVES, 2022). A redução do tempo de vida a tempo de trabalho alienado e ao consumo estranhado impulsionado pela ideologia da positividade que impossibilita toda e qualquer possibilidade de contestação, pois na medida em que a economia afunda e as contradições sociais se evidenciam, a ideologia do pensamento positivo se torna mais agressiva, sua função é responsabilizar o sujeito individual pelo seu próprio fracasso. O sujeito então passa a ser “culpabilizado” pelo desemprego, falência. Toda e qualquer contestação a “desfuncionabilidade” social é interpretada como “vitimização” (EHRENREICH, 2013). O sujeito desefetivado é depressivo porque ele sabe que o seu tempo de vida, esta sendo expropriado pelo capitalismo, e é justamente por isso que o depressivo reivindica o seu tempo “expropriado”.

É por isso que o depressivo é lento, a sua lentidão é um ato que busca reconstruir sua subjetividade “empobrecida” pela rapidez da necessidade do capitalismo. O depressivo sinaliza que existe um conflito do sujeito do desejo que busca uma vida plena de sentido e os interesses de acumulação do modo de produção capitalista. O controle ideológico do capital impulsionam todos ao gozo. O trabalhador depressivo é então manipulado para adquirir mercadorias pelo consumo estranhado (seja pelo consumo de psicoterapias, psicanalises, coaches e medicações de ultima geração da indústria farmacêutica). O sofrimento do trabalhador desefetivado é capitalizado pela indústria farmacêutica e seus derivados através de uma poderosa propaganda que promete a solução para todos os males da alma, Alves diz:

A manipulação se ergue no interior do individual cuja ânsia pelo consumo é instilada pelos aparatos de marketing e propagando, como uma finalidade em si mesma (ALVES, 2022, p62)

A depressão é um sintoma que traduz o mal-estar na época da barbárie social, pois, ao mesmo tempo em que o depressivo reivindica o tempo de vida e recusa o gozo oferecido pelo mercado, ele produz sua própria forma de gozo. Uma forma de gozo, perigosamente perto da pulsão de morte, tanto quanto o gozo imposto pelo capitalismo. A coação do Outro Capitalista que impõem a obrigatoriedade do gozo; da positividade, otimismo e resiliência. Contribui para um universo interior “pauperizado”, esvaziado existencialmente. Pois a subjetividade

precisa estar adequada à necessidade do consumo de mercadorias. O movimento de realização da mercadoria exige um sujeito esvaziado do próprio desejo para finalmente se entreter com mercadorias. O capitalismo funciona, porque impossibilita o sujeito de reconhecer o seu próprio desejo que é alienado pelo Outro Capital produzindo pessoas depressivas. O depressivo protesta da sua maneira com a sua lentidão que impõem ao outro o seu tempo subjetivo. Um tempo preso no passado e com medo do futuro. O depressivo é a corrosão do sujeito histórico que tem a sua subjetividade esvaziada.

O sujeito depressivo contesta contra a sua vida reduzida ao consumo estranhado e ao tempo de trabalho estranhado, pois ele deseja o desejo de sentido e não a satisfação de seus carecimentos radicais. O medo é o afeto que complementa a posição depressiva.

3.9 Desefetivação e aprisionamento traumático ou o “motorista” ressentido.

O ressentimento é uma forma de sofrimento decorrente da presentificação do tempo. O ressentido não tem futuro e muito menos passado. A sua temporalidade é congelada no momento traumático impossível de elaborar, pois o motorista/neosujeito não dispõe de mecanismos simbólicos e de defesa suficiente que permita elaborar e reagir à injustiça, mantendo-se preso numa posição de ambiguidade. Isto significa dizer, que o ressentimento é uma forma de sofrimento. O ressentimento divide o sujeito entre as exigências e a configuração imaginária do individualismo e os mecanismos de defesa egóica. Maria Rita Kehl interpreta o ressentimento como uma posição ativa do sujeito em relação ao agravo sofrido, para a autora o sujeito não deseja esquecer o agravo ele deseja reviver incessantemente o agravo. Na nossa pesquisa tomaremos outra posição em relação ao ressentimento. Não localizaremos o ressentimento como uma posição ética de não esquecimento do desejo negado, mas localizaremos o ressentimento como um tipo de sofrimento produzido pela frustração da posição existencial de proletariedade, sendo este um sentimento típico do “motorista” que teve os seus sonhos e ilusões de ascensão social pela via do mérito frustrado devido à impossibilidade de se inserir no mercado de trabalho. O “motorista” ressentido é um sujeito que não possui mecanismos de defesa para elaborar e reagir ao trauma permanecendo na posição de sofrimento. Neste ponto o ressentimento tem como causa a frustração das

constantes derrotas e acenos de empregos que nunca se concretizam. Isso não significa dizer que toda frustração causa ressentimento, mas que todo ressentimento é causado pela frustração das expectativas narcísicas depositadas naquele sujeito.

O ressentido é o sujeito que acreditou nas promessas de felicidade e ascensão social da sociedade “democrática” e do “mérito”. Por um lado, o sistema educacional alimentou uma série de expectativas de realização profissional; por outro lado, a crise e derrocada da regulação salarial, que nasceu com o Welfare State, e sobretudo as estruturas de poder no Brasil implodiu as possibilidades de ascensão trazendo implicação no que toca as expectativas de: emprego-família-consumo. Produzindo o fenômeno social da frustração de expectativas para a camada social do jovem proletariado altamente escolarizado (ALVES, 2014; SOUZA, ANO). Esse sujeito cumpriu a sua parte no acordo em se submeter às leis do mercado e se comportar conforme a configuração imaginária que lhe fora dada, tanto pela validação social quanto pelo investimento narcísico da família. De modo que o ressentido fica res-sentido o “pacto quebrado” tornando-se incapaz de reagir. Por isso ele reafirma a posição de impotência política e social diante da ordem social burguesa do Brasil. De modo que o ressentido agarra-se aos únicos sentimentos que o restou diante da frustração da qual foi submetido. A raiva, cólera, revolta, indignação que são constantemente bloqueados pela cultura brasileira de reconciliação em que o trabalhador sempre sai perdendo. A cada nova conciliação estratégica da elite com a classe trabalhadora é sempre quebrada por ela. Isto porque deseja manter a melhor condição para si mesma.

O ressentimento é característico dos impasses gerados nas democracias liberais modernas, que acenam para os indivíduos com a promessa de uma igualdade social que não se cumpre, pelo menos nos termos em que foi simbolicamente antecipada. Os membros de uma classe ou de um segmento social inferiorizado só se ressentem de sua condição se a proposta de igualdade lhes foi antecipada simbolicamente, de modo que a falta dela seja percebida como predestinação – como nas sociedades pré-modernas - mas como privação. São os casos em que a igualdade é oficialmente reconhecida, mas não obtida na prática (KEHEL, 2011, p. 22).

A outra questão é que no Brasil por sua característica bizarra de transformar a lei democrática como dívida paterna configurando-se como dominação paternalista. Esse tipo de dominação é a forma mais brutal de dominação, pois ela dociliza toda a sociedade produzindo pessoas incapazes de reivindicar direitos, pois estes são compreendidos como prova de amor e bondades dos agentes do poder (KEHL, 2015). Esses sujeitos encontram-se violentamente reprimidos pela ordem, inclusive

sentindo culpa pelo ódio que eles sentem a quem eles foram ensinados a amar. Podemos perceber que a posição ocupada por esse sujeito – motorista. É uma posição infantilizada diante da vida. Essa infantilização é o reflexo mais brutal da dominação paternalista.

O “motorista” ressentido sofre porque se dá conta de que deixou de reivindicar, de se organizar e lutar pela vida no momento do agravado sofrido porque acreditou que o seu bom comportamento seria reconhecido. Simbolicamente a estrutura social criou uma profunda decepção, impossível de elaborar. De modo que esse trabalhador desaparelhado simbolicamente se dá conta que perdeu o fluxo da vida e que agora não resta mais nada a não ser amargar e procurar culpados imaginários. Pois a “covardia moral” consciente em não enfrentar os verdadeiros responsáveis pela sua desgraça. O “motorista” ressentido prefere culpar, o negro, pobre, imigrante, a mulher, ou o homem branco, a mulher branca, o padre da paróquia, o gay, a lésbica, o pé-de-rato. Isso porque a ordem social de poder custa caro a esse motorista, ele não pode acreditar que o pai mentiu para ele (CALLIGARES, 1991). Diante da impotência de sua posição o motorista ressentido projeta seu ódio a todos que estão a sua volta. A perversão desse movimento diz respeito ao deslocamento que o trabalhador faz para não se dar conta que o seu prejuízo foi dado pela sua submissão em relação à ordem social. Tal submissão teve como consequência o abandono do próprio desejo. A estabilidade da posição ressentida é precária: é preciso um trabalho ativo para que ela se mantenha inalterada (KEHL, 2011, p131,). Ele não abre mão do agravo e cada vez mais se põe em um lugar de subalternidade em relação ao poder, pois ele alimenta a esperança de que um dia os seus sacrifícios sejam reconhecidos pelo Outro.

3.10 Medo e esperança os dois afetos do motorista de aplicativo

O medo é um afeto comum em todos os animais superiores, o medo tem e teve sua função evolutiva, pois possibilitou que as espécies pudessem se defender de predadores naturais e propagar sobrevivendo à seleção natural. Todavia o medo quando se trata da espécie humana tem um uso para além da preservação, pois diz respeito ao controle social pelo medo, por exemplo. Muitas de nossas crianças são educadas baseadas no medo (THUAN, 2005). O medo ensinado pelas figuras parentais tem a função de manter o controle sobre as crianças, pois esses pais são

incapazes de sustentar simbolicamente a “lei paterna” que é baseada no amor. No caso brasileiro a incapacidade de sustentar simbolicamente uma lei paterna é o traço produzindo pela origem colonial e escravista (CALLIGARES, 1991).

Crianças manifestam sinais de medo e angustia durante os sonhos com monstros, bruxas e fantasmas como uma consequência do processo de controle dos adultos em relação a elas, pois. Adultos evocam propositadamente monstros com o intuito de ganhar controle sobre as crianças (THUAN, 2005, p 29), assim como o modo de produção capitalista que chantageia o adulto pelo desemprego e humilhação social, a função da família enquanto um grupo social menor é reproduzir a ordem social inconscientemente (REICH, 2015). Quando as crianças crescem e tornam-se depressivas as imagens infantis utilizadas pelas figuras parentais reaparecem sob outra forma mais metafísica e menos personificada. Mas o medo incapacitante do depressivo é apreendido durante a sua infância e é atualizada com a sensação de que em um tempo futuro algo ruim venha a acontecer. O medo é então associado a um mal, o que sinaliza o processo de infantilização permanente desse adulto lesionado pela formação reacionária (REICH, ANO). Podemos então chegar à conclusão que a reprodução do medo na civilização do capital é um instrumento de dominação assim como também foi na Idade Média. É importante deixar claro que mesmo com a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, do autoempreendedorismo, o medo não foi dispensado como arma de “biopoder”.

A atual sociedade produz vários medos como o da pobreza, da humilhação social, medo do fracasso, mas, sobretudo medo de não conseguir entrar na lógica da “felicidade comum”. O medo é o afeto que liga o depressivo ao ressentido e ao ansioso, pois entre eles existe o medo da possibilidade fracasso futuro.

Spinoza em seu livro sobre a ética nos ensina que medo e esperança são afetos complementares um necessita do outro para existir. Isto implica, dizer que não há medo sem esperança nem esperança sem medo. Tanto o medo quanto a esperança se configuram como afetos da mesma temporalidade. Eles se articulam, são simultâneos e intercambiáveis. Ou se teme enquanto espera ou se espera enquanto teme. Ainda estamos marcados pela expectativa, projetamos a imagem de um futuro que pode ser melhor ou pior, e assim negamos o presente. Por isso, não se combate o medo com a esperança. Porque os dois afetos são tristes e impotentes. A espera por um dia melhor é um afeto importante entre os motoristas

de aplicativos, uma vez que esses trabalhadores encontram-se totalmente abandonados pelo Estado. Em sua maioria apesar de terem uma consciência contingente a respeito da própria situação precária o medo da miséria absoluta que a condição de proletariado trás paralisa e os tornam impotentes. O medo da miséria alimenta nesses trabalhadores a esperança de um dia as coisas se tornarem melhores. Mas é pelo medo e pela esperança nascem todas as “superstições” do desencantamento do mundo, o mundo desencantado não dispensa o medo e a esperança como estratégia de dominação, tal dominação é operacionalizada por meios ideológicos que incorporam tais afetos e os capitaliza. Sobre a problemática da capitalização da esperança temos como exemplo a peça intitulada *En attendant Godot* (no original em francês) ou *Waiting for Godot*, em inglês (*À Espera de Godot* em Portugal; *Esperando Godot* no Brasil), é uma peça de teatro escrita pelo dramaturgo irlandês Samuel Beckett (1906-1989)

Em cena Estragon e Vladimir. Aparentemente esperam um sujeito de nome Godot. Nada é esclarecido a respeito de quem é Godot ou o que eles desejam dele. Os dois iniciam longo diálogo, só interrompido quando da entrada de Pozzo e Lucky. Lucky carrega uma pesada mala que não larga um só instante. O segundo ato desenvolve a mesma dinâmica. O cenário é o mesmo, apenas a árvore está um pouco diferente, agora com algumas folhas. Estragon e Vladimir iniciam sua jornada na espera de Godot. Surgem novamente Pozzo e Lucky. Pozzo está cego e Lucky mudo. Após a partida destes, aparece novamente um garoto anunciando novamente que Godot não virá, talvez amanhã. O diálogo final, que encerra o ato e a peça é o seguinte enquanto se “espera” Godot as situações vão piorando cada vez mais, porém os personagens não conseguem tomar nenhuma iniciativa para saírem da situação, pois estes continuam a espera. O medo e a esperança se caracterizam como os afetos mais reforçados pelas políticas brasileiras e pelos empresários da fé, pois eles podem manipular a população desesperada transformando-as em fonte de lucro e poder.

Ainda há de se lembrar de que o mundo desencantado produziu um simulacro de religião- a ideologia da teologia da prosperidade que se encontra fortemente ligada à ideologia do toyotismo e do empreendedorismo. Tais ideologias se constituem como o reflexo da nova moralidade do trabalhador em um tempo histórico da barbárie social marcada pelo medo e do desamparo.

Muitas vezes essas ideologias encontram-se entrelaçadas sendo complementares. Além do neopentecostalismo que funciona como um simulacro de religião, preparando espiritualmente o trabalhador desesperado para aderir aos valores empresariais como bênçãos espirituais sendo estes um terreno fértil a disseminação da lógica de gestão toyotista. O Espírito do Toyotismo é a forma de gestão dos empresários da fé. Isto, porque as próprias “igrejas neopentecostais funcionam como empresas da Fé” (NASCIMENTO, 2019). Os templos são verdadeiros empreendimentos em que as criaturas aflitas são subjugadas as leis econômicas do alçó mercado como forma de prova de fé (DUNKER, et al, 2001).

Os meios de comunicação de massa são controlados por alguns empresários ou por algumas instituições religiosas, que vêm difundindo os valores do capitalismo configurando-se como um bloco histórico (GRAMISC, 2001). Assim, esses valores institucionais e ideológicos, vão sendo introduzidos nas bases sociais e construindo sua ideologia, naturalizando o metabolismo social proveniente do modo de produção capitalista em que o medo e a esperança representam os afetos de manutenção da ordem. Karl Mannheim (1982) e Antônio Gramsci (2001) observam que os interesses de um grupo ou classe social produzem conhecimentos sociais que determinam a forma de agir, pensar e sentir dos grupos, o que acaba configurando a formação do pensamento hegemônico da ideologia da classe dominante. A agudização da crise estrutural do capital possibilitou a entrada do mundo na era da barbárie social. As ideologias que surgem no sociometabolismo da barbárie afetam o modo de pensar e viver dos trabalhadores repercutindo, sobretudo na economia psíquica dos trabalhadores inseridos nas diversas morfologias da informalidade. Tais morfologias produzem afetos ligados ao desamparo à violência e a sexualidade estranhada ou pornografia são umas das respostas possíveis ao afeto do desamparo (BIRMAN, ANO). A violência e a pornografia ensina sobre os efeitos do desamparo na economia libidinal do trabalhador (DURFOUR, 2013). A violência representada pela figura do pé –de –rato enfatiza a figura sinistra do duplo presente na ficção de horror como ilustração maior do caráter angustiante e ambivalente presente na relação do sujeito com o seu semelhante. O sinistro é, enfim, a forma paradigmática da angústia sinal primeiramente teorizada por Freud, alertando o sujeito acerca do perigo de sua posição desamparada de objeto para o desejo e para o gozo do Outro. Caracterizando-se pela formação de uma fantasia de caráter sinistro.

Conclusão

Por fim a partir de dados da documentação exposta ao longo dessa pesquisa, concluímos que a problemática do processo de subjetivação do trabalho dos motoristas de aplicativo, esta fortemente marcada pelo tempo histórico de barbárie social. A barbárie é a resposta neoliberal da agudização da crise estrutural do capital. A crise estrutural do capitalismo global resultou em um grave processo de proletarianização e empobrecimento da classe trabalhadora, em que o trabalho por plataformas representa o exemplo da flexibilização do trabalho e do empobrecimento generalizado dos trabalhadores. Tais, trabalhadores encontram-se inseridos em situações de extrema precariedade. A precarização do trabalho nestas condições históricas produz uma modificação cadente dos impactos do sociometabolismo social, pois o capitalismo é antes de tudo relações sociais. O mal-estar na barbárie social é sustentado e produzido pelas ideologias germinadas a partir da crise estrutural do capital (MEZAROS,2011; ALVES, 2013) Tais ideologias são: a ideologia do empreendedorismo; a ideologia da “teologia da prosperidade”; a ideologia do toyotismo e por fim, a ideologia da positividade. De modo que a ideologia é tanto causa quanto reflexo do que estamos denominando mal-estar na era da barbárie social.

O tempo histórico de barbárie social enquanto ponto de inflexão da crise estrutural do capitalismo tem como característica experiências extraordinárias de precarização de vida e trabalho. As experiências de precarização criaram mal-estares entre os trabalhadores, ao longo do tempo, constituindo-se no que estamos chamando de crise de sociabilidade, sobretudo entre as ditas classes médias (SOUZA, 2017). Isso porque elas tiveram o seu padrão de consumo rebaixado em consequência do desemprego e da crise no mercado de trabalho, sendo obrigada a inserir-se em economias de plataforma, por exemplo, sobretudo nas plataformas de transporte individual de passageiro, por isso que a experiência laboral dos motoristas de aplicativos representa o melhor exemplo da crise de sociabilidade na era da barbárie social. Visto que tais trabalhadores se encaixam no campo de trabalhadores informais, hiperflexíveis, subdivididos e ideologicamente identificados com os valores da burguesia. Tal, experiência de precariedade produziu uma situação de inviabilidade de formação de consciência da classe, em si e para si.

Didaticamente podemos dividir os motoristas de aplicativos em duas camadas que compõe a classe trabalhadora. O “Precariado, “Proletaroides”“. O “Precariado” é subdividido em: raça, gênero, condição sexual e regionalidade (nordestinos e não nordestinos) e os “proletaroides” também apresentam as mesmas subdivisões. Essa compreensão a respeito das camadas da classe trabalhadora se torna importante para se elucidar a dificuldade na construção de um lugar comum em que o desejo por liberdade se sobressaia ao individualismo burguês. Há ainda de lembrar que existe uma terceira e quarta camada os “aposentados” e o “gerontariado”. Os primeiros fazem bico para complementar a aposentadoria e os últimos correspondem a trabalhadores mais velhos que não tiveram o direito a aposentadoria. Existe ainda uma sexta camada composta de trabalhadores formais que usam os aplicativos para complementar renda, os últimos vão desde pequenos comerciantes, a vendedores, funcionários públicos ou funcionários de empresas privadas. Essas diversidades de origens compõe o universo dos motoristas de aplicativos.

O “proletaróide” assim como o “precariado” se constituiu no Brasil durante o período do neodesenvolvimentismo e que explicitam em si e para si contradições da ordem burguesa hipertardia no Brasil. Os “proletaróides” – jovens de baixa ou média escolaridade, com emprego formal, mas de alta rotatividade no mercado de trabalho, imersos nos sonhos e anseios de consumo estranhado burguês- é o que mais se aproxima do conceito de lumpemproletariado-. Eles – “precariado” e “proletaroides” – não constituem a totalidade social da juventude do proletariado brasileiro, mas apenas representam hoje, duas camadas sociais importantes do proletariado brasileiro, camadas sociais que se explicitaram efetivamente na imediaticidade histórica do neodesenvolvimentismo no Brasil. Uma parte dos “proletaroides” que perderam seus empregos devido à crise no mercado de trabalho, encontraram como fonte de subsistência o trabalho como motorista de aplicativos. E em muitos casos hoje, se encontram com trabalhos de entregas em plataformas de vendas como Mercado livre, e plataformas ligadas a restaurantes como IFood.

O “precariado” é compreendido como o exército de desempregados com alto nível de escolaridade, em sua maioria. Eles são oriundos de uma classe média que nutriram a ideologia da empregabilidade e ascensão pela via da educação. O precariado teve as suas ilusões frustradas, pois, a ideologia da empregabilidade e da meritocracia não funciona no Brasil. Isto porque a cultura brasileira ainda é

fortemente marcada pelas relações sociais de poder de origem colonial e cristalizadas não permitindo ascensão social, mas permite o empobrecimento (FURTADO, 1999; DARCY, 1991)

Frustrados em seus esforços e ressentidos devido às falsas promessas de ascensão social sobrevivem; através de contratos de trabalho flexíveis sem vínculos trabalhistas consolidados. Atualmente, eles encontram-se ligados em trabalhos temporários sendo em sua maioria ligada às economias de plataforma. A frustração decorrente do investimento narcísico muitas vezes de todo um núcleo familiar naquele sujeito, produz fantasias, sonhos e delírios como produto do conflito do eu com a realidade objetiva (FREUD, 2011). A fantasia do empreendedor de si mesmo configura-se como uma defesa subjetiva diante da condição de precariedade.

Assim conforme descrevemos acima a existência de várias camadas do proletariado constituem uma parcela dos trabalhadores no Brasil. E institui sérias dificuldades no estabelecimento de laços de reconhecimento. Pois, esses trabalhadores possuem interesses dos mais diversos, e em muitos casos, lutar por reconhecimento do trabalho, não é interessante para uma parte desses motoristas. Isso porque uma parcela destes usa o trabalho de aplicativo para complementar renda. Os motoristas que usam o aplicativo como complementações de renda representam um obstáculo pelo reconhecimento do trabalho de motorista de aplicativos. Além do que, os trabalhadores estão fortemente marcados pela cultura neoliberal que demarca o narcisismo da pequena diferença e o ensimesmamento que impossibilita o reconhecimento da alteridade, e a solidariedade de classe. Tanto o ensimesmamento quanto a incapacidade de se solidarizar com o coletivo são formas de anomias sociais. Já o narcisismo da pequena diferença representa o efeito dessas formas de anomias sociais no inconsciente.

Esses trabalhadores qualificados e esforçados prestam diversos tipos de serviços que vão desde motorista de aplicativo, a faxineira, a baba de animais domésticos, entregadores de comida, vendedores em comércio virtual trabalhando em uma série de sites de comércio virtual, e/ou plataformas de venda (STANDING, 2013). Conforme analisamos, alguns dos motoristas além do trabalho com aplicativos também desenvolvem outros trabalhos como complementação de renda.

Outra parte tem como fonte de renda exclusivamente o trabalho como motorista. A falta de segurança e de um trabalho digno esta criando uma camada social com atividades diversas para sobreviver, conforme nos revela a motorista

Carla no documentário Uberland. De modo que essa diversificação de renda vai formando uma camada de trabalhadores que tem todos os seus aspectos da “vida reduzida” ao tempo de trabalho, conforme observamos nas entrevistas. Esses trabalhadores não conseguiam falar de si e de suas expectativas todos os seus aspectos de vida estavam reduzidas a sobrevivência de si e da sua família, conforme observamos na página 70, em que um motorista no grupo de Whatsapp relatava aos demais motoristas que ele dizia não conseguia ter uma vida afetiva e sexual com sua própria esposa. O mais importante nessa fala do motorista é que ele conseguiu canalizar o sofrimento de uma parcela desses motoristas possibilitando que outros homens também pudessem falar sobre suas dificuldades sexuais devido o trabalho exaustivo. A exaustão pelo trabalho não afeta apenas a vida sexual, afetiva e familiar, este interfere também no padrão de sono desses trabalhadores o que em muitos casos podem levar a um colapso e promover acidentes no trabalho.

Neste ritmo muitas vezes as horas de sono são sacrificadas conforme verificamos no decorrer dessa pesquisa. A questão da precariedade das condições de trabalho e vida desses motoristas que sacrificam as horas de sono só teve visibilidade nacional após um acidente sofrido por um artista do BBB, pois o motorista sofreu um apagão causada pela exaustão no trabalho¹⁴⁶. Acidentes causados por exaustão de trabalho não são incomum no dia a dia desses motoristas, porém, não existem estatísticas sobre esse problema vivenciado por esses trabalhadores. O que evidencia a falta de Estado no Brasil, fizemos um breve levantamento de noticiários sobre acidentes gerados por exaustão e que não são contabilizados pelo Estado Brasileiro, é importante que se diga que essas notícias foram retiradas de conversas entre motoristas de aplicativos no Whatsapp que

¹⁴⁶ Provavelmente devo ter cochilado diz motorista de aplicativos disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/04/01/provavelmente-devo-ter-cochilado-diz-motorista-que-levava-rodrigo-mussi.htm>

Motorista de aplicativo dorme no volante e bate em viatura disponível em: <https://meganewscv.com.br/noticia/23078/motorista-de-aplicativo-cochila-ao-volante-e-bate-em-viatura-da-pm-na-madrugada.html>

Motorista de aplicativo cochila no volante e provoca acidente na Arthur Bernardes, disponível em: <https://www.oliberal.com/policia/motorista-de-aplicativo-cochila-ao-volante-e-provoca-acidente-na-arthur-bernardes-1.503959>

Motorista de aplicativo dorme ao volante e capota carro na BR. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/10/4957648-motorista-de-aplicativo-dorme-ao-volante-e-capota-carro-na-br-070.html>

compartilhavam noticiários sobre acidentes por exaustão¹⁴⁷. O trabalho de motorista de aplicativo correspondem a materialização do tempo justo do sistema produtivo (just in time), possibilitado pelo desenvolvimento dos sistemas informacionais. Segundo, informações do Registro Nacional de Acidentes e Estatísticas de Trânsito (RENAEST), da Secretaria Nacional de Trânsito, pasta do Ministério da Infraestrutura. O Brasil registrou em 2021, 11.647 mortes no trânsito, ou seja, a cada dia, 32 pessoas perderam a vida em acidentes. O número de acidentes, no ano passado, foi de 632.764 registros. O equivalente a 72 incidentes por hora no Brasil. não é difícil associar que a exaltação por excesso de trabalho tem uma influencia direta nos catastróficos números de acidentes de carro. É importante sinalizar que todos os dados encontram-se subnotificados¹⁴⁸.

O tempo justo de trabalho está ligada a demanda da atividade, isso significa dizer que mesmo que esse trabalhador passe o dia inteiro à disposição das empresas de aplicativos ele não recebera por isso. O motorista de aplicativo está ligado à demanda pelo serviço que chega até ele, diferentemente. Isso implica dizer que não importa quantas horas esse trabalhador passe a disposição da empresa ele só receberá pelo numero de corridas feitas. Essa é uma das principais diferenças que demarca o trabalhador, just in time do operário fordista. Pois, o operário fordista produzia e ganhava por peça pelas horas de trabalho realizado, se o trabalhador fordista ficasse a disposição da empresa 12 horas, ele seria renumerado pelas 12 horas do trabalho e o excedente da produção corresponderia à mais-valia, para o capitalista. Mas no trabalho por aplicativo não existe a extração da mais valia. No trabalho dos motoristas de aplicativos, se esse motorista passar 12 horas a disposição da empresa e nessas 12 horas só realizar 5 corridas ele será remunerado pelas 5 corridas. Essa lógica de remuneração produz entre os motoristas uma competição brutal ligada à sobrevivência. Pois, eles precisam competir uns com os outros para cumprir metas e receber uma remuneração suficiente para si e para suas famílias. Não existe um coletivo de trabalho, a sua atividade não depende do outro motorista para ser realizada. Podemos concluir que

¹⁴⁷ Motoristas de aplicativos passam até 15 horas no volante e reclamam de baixas remunerações. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2022/04/motoristas-de-aplicativos-passam-ate-15-horas-ao-volante-e-reclamam-de-baixas-remuneracoes/>. Acesso:02/06/2022.

¹⁴⁸ Registro Nacional de Acidentes e Estatísticas de Trânsito disponível em :<https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/transito/arquivos-senatran/docs/renaest>. Acesso:05/07/2022.

a vida reduzida ao tempo de trabalho e competição entre os motoristas de aplicativos são as duas características principais do trabalho por meio de aplicativos.

A “vida reduzida” causa exaustão e faz com que esse trabalhador não consiga pensar a longo prazo. Isto porque não existe probabilidade de progresso pessoal ou de construção de uma carreira, no trabalho precário (ALVES, 2017). Portanto, “frustração de expectativas” e “indignação social” tornaram-se atributos existenciais da condição de proletariado do jovem precário altamente escolarizado. A interdição da vida adulta, percebida pelos jovens-adultos precários como perda de futuridade, é um dos sintomas da precarização existencial. O fenômeno do precariado expõe deste modo, o que podemos denominar frustração salarial, isto é, a juventude altamente escolarizada não consegue se inserir num estatuto salarial estável, capaz de garantir perspectivas de consumo e afirmação social. O que se anseia, nesse caso, é um emprego estável. Esses jovens e ou velhos se trata propriamente daquilo que iremos denominar frustração profissional no sentido da realização dos sonhos e anseios profissionais alimentados na etapa de formação (ALVES, 2014).

As origens sociais diferentes impossibilitam o reconhecimento mútuo entre essas duas subcamadas da informalidade. Como eles não se reconhecem, eles não conseguem desenvolver nenhum tipo de tolerância e solidariedade. Por esse motivo, ocorrem tantos ataques entre eles. Conforme acompanhamos nos capítulos anteriores. A falta de controle sobre o próprio trabalho, o aumento da insegurança quanto ao vínculo empregatício, às faltas de garantias de reprodução da força de trabalho, a insegurança de renda e a falta de garantia de representação e a manipulação ideológica fragmenta a identidade da classe. Tal falta de identificação é um fator relevante para compreender a falta de ressonância simbólica e, conseqüentemente uma boa manutenção da saúde mental a partir do trabalho (DEJOURS, 1992). Estes apontamentos também poderiam ser lidos como uma dificuldade de participação, representatividade e pertença, dificultando o enraizamento (SVARTMAN, 2010), facilitando o desgaste mental (SELIGMANN-SILVA, 1994), e a “captura subjetiva” (ALVES, 2011).

Do ponto de vista subjetivo durante a nossa pesquisa fica evidente a exacerbação de particularismo agudizados pelo fenômeno inconsciente do “narcisismo das pequenas diferenças” e seu homólogo social “ensimesmamento”. Tanto o “narcisismo das pequenas diferenças” quanto o seu homólogo social

ensimesmamento corresponde a processos inconscientes criados pela via do processo de “superidentificação” com os valores de consumo das elites. Como já falamos anteriormente a superidentificação com os padrões da elite impossibilita o deslizamento desses sujeitos em posições diferentes, que por si, só já representa uma situação de adoecimento bastante grave. Isto porque esse trabalhador não consegue perceber a realidade, ele cria uma realidade subjetiva e passa a mobilizar uma grande energia libidinal para manter sua realidade subjetiva. Quando este não consegue mais sustentar essa posição subjetiva engessada, a violência se torna a resposta imediata.

O tempo histórico da crise estrutural do capital produziu o sociometabolismo da barbárie social. Do ponto de vista humano genérico significa a paulatina corrosão das capacidades humanas, no sentido de efetiva-las na dimensão genérica do homem, constituindo como a raiz da crise de sociabilidade (ALVES, 2022). A corrosão das capacidades do ser genérico se traduz sob formas de patologias sociais ligadas à temporalidade tais como a depressão, (fixação no passado); ansiedade (fixação no futuro) e o ressentimento social (tempo congelado), sendo este última uma categoria afetiva que pode ser também pensada como uma forma de sofrimento na clínica. O sofrimento aparece ligado ao tempo, pois, o capitalismo se desenvolve e se torna hegemônico na medida em que o sistema aprende a controlar o tempo da produção. O controle sobre o tempo de produção permite que o capitalista transforme tempo de vida em “mais dinheiro” para si. Aos trabalhadores a operação da “vida reduzida” a tempo de trabalho resulta em pobreza financeira e existencial (MARX, 2010). É o tempo de vida do trabalhador que é requerido pelo capitalista. E é por esse motivo que as manifestações de sofrimento encontram-se atrelados a “expropriação” do tempo de vida do trabalhador. O que o trabalhador perde com o capitalismo é o tempo que corresponde à experiência de vida e a capacidade de socialização através da narração de sua experiência para as futuras gerações.

Quanto aos afetos produzidos pelo tempo histórico da crise estrutural do capital, podemos ainda elencar: o medo (certeza de que algo ruim irá acontecer) e a esperança (certeza de que algo bom irá acontecer) (SAFLATE, 2015). A tragédia do trabalhador, sobretudo o motorista de aplicativo é a incapacidade psíquica de elaborar toda e qualquer experiência traumática. Pois o trabalho de plataforma e a sociabilidade estranhada oferecida pelas redes sociais, sobretudo, Facebook

representa um simulacro de transmissão de experiência. A consequência desse processo é a constante atualização dos traumas em um movimento repetitivo da pulsão de morte. De modo que é obvio fazermos a conexão da experiência traumática aos episódios de sofrimento ligados a temporalidade (KEHL, 2009, BENJAMIN, 2013).

A nossa hipótese é que as formas de mal-estar na era da barbárie social apresentam uma característica comum, pois correspondem a experiências ligadas à temporalidade (SAFLATE, 2015) e a ruptura do laço social tendo como produção à normalização da injustiça social e a frenética submissão a ordem social burguesa. Por exemplo, a incapacidade de conviver com o outro se configura como o principal empecilho da construção coletiva de emancipação, sendo ela alimentada pelo “sociometabolismo da barbárie social” que por sua vez tem o seu homologado inconsciente a economia libidinal do sadomasoquismo. O movimento dialético dos tempos de crise estrutural do capital produziu impactos no inconsciente do trabalhador, sobretudo no que diz respeito à dimensão “imaginária” de modo a afetar diretamente o “ideal de ego” desses trabalhadores. Já no caso da nova forma de subjetivação do precariado que tem sua subjetividade formatada pelo Narcisismo e do império de imagens tem o surgimento outra organização subjetiva caracteriza de pela hipertrofia do eu e hegemonia do imaginário.

O que observamos é a transformação no processo de identificação em que os eixos simbólico e real desaparecem por isso que estamos denominando de superidentificação. A “superidentificação” dos sujeitos com seus algozes, tornando-se eles (os sujeitos) eternas vítimas da sociedade. É o impacto mais cadente da miséria do trabalho de motorista de aplicativos. Isso significa dizer que, presenciamos a marcha do processo de desefetivação humano-genérico e de classe (ALVES, 2022). O predomínio da questão imaginária se agudizou formando comportamentos confusos nesses motoristas, sobretudo com o horror que eles sentem da invasão dos ditos “pé-de-ratos” dentro do seu carro. O carro para o motorista de aplicativo representa uma extensão do próprio corpo. Essa forma de sofrimento psicológico é produto da desefetivação humano genérico.

A desefetivação¹⁴⁹ é produzida na sociedade através das ideologias que estamos chamando de ideologias da barbárie social e do método de gestão da

¹⁴⁹ A desefetivação está sendo compreendida por nós como formas de sofrimento, depressão, ressentimento, ansiedade.

sociedade enquanto empresa produz o sociometabolismo da barbárie social produzindo o novo bloco histórico da barbárie social como o produto da crise estrutural do capital (GAULEJAC, ano).

Do ponto de vista do ser-genérico, representa uma significativa e paulatina corrosão das capacidades humanas no sentido de efetiva-la. A perversão presente no método de gestão toyotista voltado para a produtividade que no caso dos motoristas de aplicativos, a busca por produtividade vem causando sérios prejuízos a sua sociabilidade. Pois a gestão de si, como uma empresa demanda sacrifício do tempo livre e inclusive o tempo de sono para manter-se trabalhando com o objetivo de sobreviver e ter acesso ao consumo estranhado. Esses seres formados para o trabalho estranhado e para o consumo estranhado deformam-se, a tal ponto que transformam a superabundância de vida na produção da superabundância mercadorias. Estas mercadorias então serão consumidas com a finalidade em si mesma (ALVES, 2022). É devido o roubo do tempo de vida do trabalhador que surgem as formas de sofrimento ligadas à temporalidade (a depressão, ansiedade e ressentimentos e seus respectivos afetos medo/esperança). Estas formas de sofrimento representam o produto da desefetivação humana genérica produzida pelo capitalismo em sua fase de declínio.

REFERENCIAS

ABILIO, Ludmila Costek. *Sem Maquiagem: O trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos*. São Paulo: Boitempo editorial. 2014.

ADORNO, T. W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo, Editora: UNESP. 2019

ALVES, Giovanni. *As contradições metabólicas do capital: colapso ecológico, envelhecimento extinção humana*. Bauru, Projeto Editorial Praxis, 2020.

ALVES, G; GONÇALVES, L. H. do N; CASULO, A. C. Democratização e Tecnocapitalismo: *O Brasil na Era Neoliberal*. PerCursos, [S. I.], v. 21, n. 45, p. 24 - 49, 2020. DOI:10.5965/1984724621452020024. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/artice/view/1984724621452020024>. Acesso em: 21 maio. 2021.

_____. Giovanni. *O Novo (e precário) Mundo do Trabalho: Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo Editorial. 2000

_____. *Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho*. Bauru: Editora Práxis. 2013

_____. *A tragédia de Prometeu: a degradação da pessoa humana-que – trabalha na era do capitalismo manipulatório*. Bauru: Editora Práxis. 2016

_____. *A condição de proletariedade: A precariedade do trabalho no capitalismo global*. Bauru: Editora Práxis. 2009

_____. “O vídeo como documento de pesquisa-ação de tipo etnográfico: A experiência do Projeto “CineTrabalho”. In ALVES, Giovanni e SANTOS, João Bosco Feitosa dos. *Métodos de Pesquisa sobre o Mundo do Trabalho*. Bauru: Projeto editorial Práxis. 2014

ALVES, Giovanni. *As contradições metabólicas do capital: colapso ecológico, envelhecimento extinção humana*. Bauru, Projeto Editorial Práxis, 2020.

ALVES, Giovanni; ARAUJO, Renan. *Thompson, Lukács e o conceito de experiência-um diálogo mais que necessário*. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2013v5n10p53>. dia de acesso: 21/11/2021.

ALVES, G. e CORSI, F. *A crise capitalista no século XXI: um debate marxista*. MARÍLIA- São Paulo. Editora: RET. 2021

ALBUQUERQUE, Iara Maribondo; TORRES, Ana Raquel Rosas; ESTRAMIANA, José Luís Álvaro e LUQUE, Alicia Garrido. *Influência da pertença grupal, valores morais e crença no mundo justo na culpabilização da vítima* disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2019000400016. Dia de acesso 01/08/2021

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R; BRAGA, R. (org.). *Infoproletariados: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo (org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BENDASSOLLI, P. F. o mal-estar na sociedade de gestão e a tentativa de gestão do mal estar. (in) GAULEJAC, *Gestão como doença social: ideologia, poder generalista e fragmentação social*. São Paulo. Ideias e letras. 2007.

BASAGLIA. A instituição Negada. São Paulo. Paz e terra. 2008.

BARREIRA, M.R.A. Sujeitos Monetários da modernidade. *Estud. pesquis. psicol.* v.5 n.1 Rio de Janeiro jun. 2005 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000100002. Dia de acesso. 10/09/2021.

BENGHOZI, P. *Malhagem, filiação e afiliação*. São Paulo. Valor editora, 2010.

BERARDI, Franco. *Asfixia: Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo. UBU. 2020.

BIRMAN, Joel. *O trauma na Pandemia do Coronavírus: suas dimensões Políticas, Sociais, Econômicas, Ecológicas, Éticas e científicas*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2020.

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2017.

BUCCI. Eugenio; KEHEL. Maria. *Videologias*. São Paulo. Ed. Boitempo. 2004.

BUCCI, Eugenio. *A Superindústria do Imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte. 2021.

CARVALHO, H. R. Desafios da mobilidade Urbana no Brasil. *IPEA*. Brasília. 2016. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6664/1/td_2198.pdf. Dia de acesso: 20/08/2021.

CASTRO, M. F. de. *A pandemia e os entregadores por aplicativo*. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, p. 70-80, 1 fev. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57157>. Acessado 21 mai. 2021.

CASTRO, F.G. *A subjetividade sem valor: trabalho e formas subjetivas no tempo histórico capitalista*. Editora: Appris. 2020.

CALLIGARES, Condardo. *Hello, Brasil! E Outros Ensaio: Psicanálise Da Estranha Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro. Editora: Fosforo 1991.

CASTRO, M. F; CASADORE, M. M. *Os problemas da desumanização, do assujeitamento e das resistências frente aos imperativos socioeconômicos atuais: considerações sobre as relações sociais e de trabalho*. Revista Espaço acadêmico, nº 209. p.23-32, outubro. 2018.

Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/44724>>. Acessado: 25 mai. 2021.

CASULO, Ana C, CASTRO, Matheus. PESSOA, Washington *A invenção do Trabalho por aplicativos e a Experiência de Proletarização*. In: (org.). CASULO, A.C. *Crise Capitalista, Precarização do Trabalho e Colapso ambiental*. Marília- S.P. Editora: Praxis. 2021.

CHASIN, José. *A miséria brasileira: 1964-1994: do golpe militar à crise social*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 2000.

CHAVES, Leticia, R. R. X. Informe sobre ações envolvendo a Uber no direito comparado. In: LEME, Ana Carolina, R.P; RODRIGUES, Bruno Alves; Chaves Júnior, José Eduardo de resende (coord). *Tecnologias disruptivas e a exploração do trabalho humano*. São Paulo: LTR. 2017

CORREIA, J; VALA J. *When will a victim be secondary victimized? The effect of observer's belief in a just World, victim innocence and persistence of suffering social*. 2003.

DARDOT, P; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo. 2016.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto editora. 1967.

DE STEFANO, V. (2017); *Labour is not a technology – reasserting the declaration of philadelphia in times of platform-work and gig-economy*. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/travail/documents/publication/wcms_443267.pdf>. Acessado: 25 mai. 2021.

DE STEFANO, V. *The rise of the "just-in-time workforce": on-demand work, crowdwork and labour protection in the "gig-economy"*. Geneva: ILO, 2016 *Conditions of work and employment series; No. 71*). 2016. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/travail/documents/publication/wcms_443267.pdf>. Acessado: 25 mai. 2021.

DUNKER, Christian, PAULON, Clarice, SANCHES, Daniele, LANA, Hugo, LIMA, RAFAEL, BAZZO, para uma arqueologia da psicologia neoliberal Brasileira. In: SAFLATE, V, JUNIOR, N. DUNKER, C. *Neoliberalismo como Gestão do sofrimento psíquico*, ED. Autentica. São Paulo. 2021.

DUNKER, Christian, Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo, Ed. Boitempo. 2015.

DURFOUR, 2013 A Cidade Perversa - Liberalismo e Pornografia. São Paulo. Ed. Civilização brasileira. 2013

EHRENBERGUEG, Alain. *O culto a performance: da aventura empreendedora à depressão Nervosa*. São Paulo. Editora: ideias e letras. 2016.

EHRENREICH. *Sorria: como a promoção incansável do pensamento positivo enfraqueceu a América*. Ed. Record. Rio de Janeiro, São Paulo. 2013.

FOLADORI, G; MELAZZI, G; KILPP, R. *A economia da sociedade capitalista e suas crises recorrentes*. Ed. Outras expressões. São Paulo. 2016.

FURTADO, C. O longo amanhecer: reflexões a formação do Brasil. São Paulo. Editora Paz e Terra. 1999.

FRANCO, Fábio; CASTRO, Júlio, C; MAZINI, Ronaldo, SAFLATE, V. AFSHAR, Yasmim. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. (in)

SAFLATE, V; JUNIOR, N e DUNKER, C. (org). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo / Belo Horizonte. Autêntica. 2021.

HAN, B. C. *O que é poder?* Petrópolis. Editora Vozes. 2005.

HAN, B.C. *Sociedade paliativa A dor hoje*: Editora Vozes. 2021.

HAN, B.C. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis. Editora vozes. 2015.

HARVEY, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo. 2016.

(GRAMISC, 2001).

HARMAN. C. *Zombie Capitalismo: Global Crisis and. The, relevance of Marx*. Ed. Haymarket. Books. Chicago. 2009.

HELOANI, R. ASSÉDIO MORAL – um ensaio sobre a expropriação da Dignidade no trabalho. RAE-eletrônica, v. 3, n. 1, Art. 10, jan./jun. 2004. Disponível em <http://www.rae.com.br/eletronic/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1915&Secao=PENSA&Volume=3&Numero=1&Ano=2004>. Acesso em: 30/01/2022

IANNI, O. *Marx*. São Paulo: Editora Ática. 1982.

JAPPE, A. *A Sociedade autofágica: capitalismo desmesura e autodestruição*. Lisboa. Editoria: Antígona. 2009.

JUNIOR, Nelson. O Brasil da Barbárie á desumanização neoliberal: do pacto edípico e pacto social, de Hélio Pellegrino, ao “E daí?”, de Jair Bolsonaro. (in) SAFLATE, V; JUNIOR, N e DUNKER, C. (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo / Belo Horizonte. Autêntica. 2021.

KÄES, R. *A realidade psíquica do vínculo*. Rev. bras. Psicanálise e sociedade. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000400017 vol. 45, n.4, pp. 155-166, 2011. dia de acesso: 03/07/2021.

KEHL, M.R. *Ressentimento*. São Paulo. Casa do psicólogo. 2011

KEHL, M.R. O tempo e o cão.

KURTZ, R. *Poder Mundial e Dinheiro Mundial: crônicas do capitalismo em declínio*. Rio de Janeiro. Consequência editora. 2015.

LACAN, J. *A relação de objeto*. Rio de Janeiro. 1995.

LEMOS Ana. C. *Da máquina à nuvem: caminhos para o acesso à justiça pela via de direitos dos motoristas da Uber*. São Paulo. Ed. LTR.2019.

LUKÁCS, *História e consciência de Classe: estudos sobre a Dialética Marxista*. Editora Martins fontes. São Paulo. 2003.

LUKÁCS, G. *A destruição da razão*. Editora. Instituto Lukács. São Paulo. 2018.

MARTINHO, J. *O declínio da autoridade do pai é patente hoje* (2008). Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2004-jose-martinho>. Acesso em: 31/01/2022.

MARONEY, J.P.. *The Power of Negative-Thinking*. Disponível em: <http://guruknowledge.org/articles/225/1/The-power-of-negative-thinking/the-power-of-negative.html>. dia de acesso. 11/04/2022.

MARX, K. *O capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo. 2013.

MARX, Karl. *Trabalho Assalariado e Capital*. 2 ed. Rio de Janeiro, Editorial: Vitória, 1963.

MALAGUTI M.L. *Crítica à Razão Informal. A imaterialidade do Saliariado*. São Paulo: Boitempo Editorial. 2001.

MÉSZAROS, I. *Filosofia, Ideologia e Ciência Social*. São Paulo: Boitempo Editorial. 1986.

MÉSZAROS, I. *Para Além do Capital*. São Paulo: Boitempo Editorial. 2011.

MUYLAERT, Camila, J; JR Vicente, S; GALLO Paulo, R; NETO, Modesto; REIS Alberto, L: *Entrevistas narrativas: Um importante Recurso em Pesquisa Qualitativa*. Disponível em: <https://www.scielo.br/ijreeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYCYCt/?lang=pt&format=pdf> 2014. Dia de acesso: 29/10/2021.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo. N-1 edições. 2018.

NASCIMENTO. G. *O Reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, São Paulo. Companhia das letras, 2019.

NEIL, Cathy O. *Algoritmos de Destruição em Massa: como a big data aumenta e ameaça a democracia*. São Paulo. Ed. Rua de Sabão. 2009.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão. Popular, 2011.

NETTO. J.P. *Capitalismo e reificação*. São Paulo. Editora: instituto Caio Prato Jr, 2015.

NYBO, E. F. *O poder dos algoritmos: como os algoritmos influenciam as decisões e a vida das pessoas, das empresas e das instituições na era digital*. São Paulo. Editora Enlaw. 2019.

OLIVEIRA, Francisco. *Brasil: uma Biografia não Autorizada*. São Paulo. Boitempo. 2018.

OLIVEIRA, W.M. *Minha batalha contra a UBER*. Editora Belo Horizonte. 2021.

OLIVEIRA, Francisco. *Brasil: uma Biografia não Autorizada*. São Paulo. Boitempo. 2018.

PIQUERAS, A. *Las Sociedades de las personas sin valor: cuarta revolución industrial, des-substanciación del capital, desvalorización generalizada*. Barcelona: Editor El Viejo Topo. 2018.

RIBEIRO, D. Os brasileiros. Teoria do Brasil: formações econômicas-sociais configurações históricos-sociais, ordenações políticas, alienação cultural. Petrópolis Editora: vozes.1981.

REICH, *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2015.

ROBERTS, M. *Algumas notas sobre economia mundial agora*. Disponível em: < <https://thenextrecession.wordpress.com/2021/05/14/some-notes-on-the-world-economy-now/> > Acessado: 25/05/2021.

ROBERTS, M. *Produtividade, investimento e lucratividade e a estagnação da economia mundial: a análise de Michael Roberts*. Cem Flores, 2019. Disponível em: < <https://cemflores.org/2019/07/01/produtividade-investimento-e-lucratividade-e-a-estagnacao-da-economia-mundial-a-analise-de-michael-roberts/> >. Acessado: 21 mai. 2021.

ROUDISNESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2007.

SANTIAGO, J. *Adeus ao pai morto ou a clínica do pai versão*. Disponível em: <http://almanaquepsicanalise.com.br/adeus-ao-pai-morto-ou-clinica-da-pai-versao/>. Acesso em: 31/01/2022.

SAFLATE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. (in) SAFLATE, V; JUNIOR, N e DUNKER, C. (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo / Belo Horizonte. Autêntica. 2020.

SAFLATE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo. Ed. Cosac Naify. 2015.

SANTOS, M. *Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SCHWAB, Klaus .A Quarta Revolução Industrial. São Paulo: Editora Edipro. 2016

SELIGMAN-SILVA, M. A cultura ou a sublime guerra entre Amor e Morte. In: FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. L & PM POCKET. 2010.

SENNET, R. *A corrosão do caráter* Rio de Janeiro. Ed. Record, 2015.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro. Ed. Contratempo. 2016.

SOUZA, J. *A classe média no Espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro: Editora Estação Brasil. 2017.

SPINOZA. *Ética*. Editora Autentica. Belo Horizonte. Editora autentica. 2007.

SRNICEK, N. *Capitalismo de plataforma*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

POCHMAN, M. a classe media encolhe e empobrece o país. Disponível em: http://wwwold.revistacobertura.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=38212&friurl=-Classe-media-encolhe-e-empobrece-no-pais. Acesso em:29/04/2022.

THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Editora paz e Terra: Rio de Janeiro. 1963.

THOMPSON. E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo companhia das letras 1998.

TOMSIC, SAMO. *The labour of enjoyment: Towards a critique of libidinal economy*. Germany. editora August Verlag. 2021.

ZIMERMAN, D. *Vocabulário de psicanálise*. Artmed. Porto Alegre. 2001.

ŽIŽEK, S. *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro. Contraponto, 1996.

ŽIŽEK, S. *Violência*. São Paulo. Boitempo, 2008.

ŽIŽEK, S. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo, Editora: Boitempo. 2009.

ŽIŽEK, S. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro, edt. Zahar. 2017.

ZUBOFF, Shoshana, *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Editora intrínseca Ltda. Rio de Janeiro, 2021.